

Azamor entre 1513 e 1542: arquitetura e urbanismo

Azemmour entre 1513 et 1542 : architecture et urbanisme

JORGE CORREIA, Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho; Lab2PT, Universidade do Minho

ANA LOPES, Lab2PT, Universidade do Minho; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

1. Preâmbulo

No Verão de 1513, D. Jaime, duque de Bragança ao comando de um poderosa armada, conquistou Azamor. Após o desembarque das forças na baía de Mazagão, o temor pela força de guerra portuguesa provocou a fuga das gentes daquela cidade muçulmana junto à foz do rio Morbeia e de outras vizinhas, como Tite ou Almedina (fig. 1). Iniciava-se, pois, uma ocupação física de uma povoação amuralhada despejada da sua população autóctone. O processo de instalação portuguesa passaria a escrever mais uma página, aliás habitual nos desenvolvimentos após tomadas militares de praças árabes e islâmicas no Norte de África – apropriação e retórica. Tal como em tantas outras conquistas no Algarve de Além-Mar – Ceuta, Tânger ou Arzila – ou na costa atlântica mais meridional – Safim –, também em Azamor se verificou um imediato aproveitamento das principais estruturas defensáveis, com vista à implementação de um atalho, e uma conversão do espaço religioso muçulmano em cristão.

1. Préambule

À l'été de 1513, D. Jaime, duc de Bragança à la tête d'une puissante armée, conquiert Azemmour. Après le débarquement des forces dans la baie de Mazagan, la peur de la force de guerre portugaise provoqua la fuite de la population de cette ville musulmane vers l'embouchure du fleuve Oum er-Rbia et vers d'autres villes voisines, comme Tite ou Almedina (fig. 1). Commençait alors une occupation physique d'une localité fortifiée vidée de sa population autochtone. Le processus d'installation portugaise écrivait désormais une nouvelle page, d'ailleurs habituel lors des développements après les prises militaires de places arabes et islamiques en Afrique du Nord – appropriation et rhétorique. Comme dans beaucoup d'autres conquêtes en Algarve d'outre-mer – Ceuta, Tanger ou Asilah – ou sur la côte atlantique la plus méridionale – Safi –, on constate également à Azemmour une exploitation immédiate des principales structures défendables, en vue de la mise en œuvre d'un *atalho* [réduit] et d'une conversion de l'espace religieux musulman en un espace chrétien.



FIG. 1 – Vista da medina de Azamor, desde o rio Morbeia. / Vue de la médina d'Azemmour, depuis le fleuve Oum er-Rbia.

2. A cidade pré-portuguesa

«(...) e sua grandeza amostra as muitas mjzquitas grandes e honradas e de grandes edefiçios que nella ha, (...); e os muros d esta cidade sam muuy fortes, e há nelles lxxx torres de gramde alltura e forteleza (...).»¹.

Apesar de algum exagero perceptível na descrição aquando da conquista, é possível caracterizar Azamor como uma cidade alongada na margem sul do rio, a alguns quilómetros da foz, desenhando um rectângulo imperfeito, cujo contorno era definido por fortes muralhas defendidas por torreões e cujo interior era pontuado por edifícios de grande escala.

Porém, já então Azamor havia sofrido processos intensos de crescimento e redução urbanos no período pré-português. As vastas planícies cerealíferas nas duas margens do rio eram atravessadas por caravanas comerciais que aportavam vestuário e cavalos a uma cidade, que contava com cerca de mil habitantes no início do século XVI mas que havia albergado cerca de 12000 nos seus tempos de maior prosperidade². Depois do período áureo entre os séculos XII e XIII, quando a cidade ocupava uma área substancialmente vasta, o seu perímetro foi reduzido antes da chegada dos portugueses. Para compreender a evolução urbana desta medina torna-se necessário observar o sistema que lhe confere a noção de organismo encerrado, ou seja, as suas muralhas.

Através de imagem aérea ou do levantamento dos vestígios sobreviventes, é possível desenhar um longo perímetro circular que circunscreve o que hoje é grande parte da extensão extra-muros da cidade e que passa junto ao mausoléu de Sidi Bou Chaib, um local de memória logicamente situado, com seu cemitério, fora de muros então (fig. 2). Simultaneamente, quer cartografia do século XX, quer fotografias antigas, provam a existência de uma grande porta islâmica em cotovelo junto à actual Porta de Almedina, na altura o acesso mais importante ao interior amuralhado e hoje ainda o principal ponto de comunicação entre os bairros intra e extra-muros.

Uma segunda fase islâmica encurtou esta superfície para um rectângulo aproximado, hoje conhecido

1. A descrição corresponde à narração efectuada na Notícia da conquista da cidade de Azamor e da sua importância..., de 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 13, doc. 60), in *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo, ácerca das navegações e conquistas portuguesas*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa / Imprensa Nacional, 1892, p. 293.

2. Número avançado pelos muçulmanos a Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506/1507)*, Paris, Librairie Larose, 1938, p. 28.

2. La ville préportugaise

« [(...) et sa grandeur montre les nombreuses mosquées, grandes et honorables, et les grands bâtiments qui s'y trouvent (...); et les murs de cette ville sont très forts et il y en a 80 tours de grande hauteur et robustesse (...)] »¹.

Malgré une certaine exagération apparente dans la description de la conquête, il est possible de caractériser Azemmour comme une ville allongée sur la rive sud du fleuve, à quelques kilomètres de l'embouchure, dessinant un rectangle imparfait, dont le contour était défini par de solides murailles défendues par des tourelles et dont l'intérieur était ponctué par des bâtiments de grande échelle.

Cependant, Azemmour avait déjà subi d'intenses processus de croissance et de réduction urbaine dans la période préportugaise. Les vastes plaines céréalières sur les deux rives du fleuve étaient traversées par des caravanes commerciales qui apportaient des vêtements et des chevaux à une ville qui comptait environ un millier d'habitants au début du XVI^e siècle, mais qui en avait abrité environ 12 000, à son époque la plus prospère². Après la période d'or, entre les XII^e et XIII^e siècles, lorsque la ville occupait une très vaste superficie, son périmètre fut réduit avant l'arrivée des Portugais. Pour comprendre l'évolution urbaine de cette médina il convient d'observer le système qui lui confère la notion d'organisme fermé, c'est-à-dire, ses murailles.

Grâce à une image aérienne ou à la liste des vestiges survivants, il est possible de dessiner un long périmètre circulaire qui circonscrit ce qui est aujourd'hui une grande partie de l'extension extra-muros de la ville et passe près du mausolée de Sidi Bou Chaib, un lieu de mémoire logiquement situé, avec son cimetière qui se trouvait alors à l'extérieur des murs (fig. 2). Simultanément, tant la cartographie du XX^e siècle que les photographies anciennes prouvent l'existence d'une grande porte islamique en coude près de l'actuel *Porta de Almedina* [Porte de l'Almedina], qui constituait à l'époque l'accès le plus important à l'intérieur fortifié et qui est encore aujourd'hui le principal point de communication entre les quartiers à l'intérieur et à l'extérieur des murs.

Une deuxième phase islamique réduisit cette surface à un rectangle approximatif, connu de nos jours sous

1. La description correspond au récit de la nouvelle de la conquête de la ville d'Azemmour et à son importance..., 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-13-60), in *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo, ácerca das navegações e conquistas portuguesas*, Lisbonne, Academia das Ciências de Lisboa / Imprensa Nacional, 1892, p. 293.

2. Nombre fourni par les musulmans à Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506/1507)*, Paris, Librairie Larose, 1938, p. 28.



Fig. 2 – Vista aérea de Azamor (adaptada de Google Earth) com indicação do provável perímetro islâmico. / Vue aérienne d’Azemmour (adaptée du Google Earth), avec l’indication du périmètre islamique probable.

como Medina ou centro histórico de Azamor. A nova muralha seria pontuada por várias torres quadrangulares com tipologia idêntica às ainda presentes no lado ocidental.

Assim, quando os portugueses chegaram à cidade, esta era consideravelmente mais pequena que a área primitiva. Alguma perda de dinamismo de centros urbanos da região provocou o declínio da cidade, refortificada mas com dimensões muito inferiores. A única representação visual coeva é gravura de Braun da sua obra *Civitates Orbis Terrarum*³ (fig. 3), certa-

le nom de médina ou centre historique d’Azemmour. Le nouveau mur serait jalonné de plusieurs tours quadrangulaires ayant les mêmes typologies que celles qui existent encore du côté occidental.

Ainsi, lorsque les Portugais sont arrivés dans la ville, celle-ci était beaucoup plus petite que la zone primitive. Une certaine perte de dynamisme des centres urbains de la région avait provoqué le déclin de la ville, de nouveau fortifiée, mais avec des dimensions très inférieures aux précédentes. La seule représentation visuelle contemporaine est la gravure de Braun dans son œuvre *Civitates Orbis Terrarum*³ (fig. 3), cer-

3. Gravura do início do século XVI, in Georg Braun, Frans Hogenberg, Simon Novellanus, *Civitates Orbis Terrarum*, Colónia, Philippus Galleus, 1572.

3. Gravure du début du XVI^e siècle, in Georg Braun, Frans Hogenberg, Simon Novellanus, *Civitates Orbis Terrarum*, Cologne, Philippus Galleus, 1572.



FIG. 3 – Azaamurum, no *Civitates Orbis Terrarum*, vol. I, fl. 57. / Azaamurum, dans le *Civitates Orbis Terrarum*, vol. I, fl. 57.

mente copiada de um original do início do século XVI, quicá o desenho perdido que Duarte de Armas debuxou durante a expedição que acompanhou às barras de Larache, Mamora, Salé e Azamor, em 1507⁴, para desenhar a foz dos rios Lucos, Cebu, Bou Regreg e Morbeia, respectivamente. Mostra uma muralha urbana interrompida por diversas torres em torno de uma cidade na qual múltiplos minaretes podem ser observados. Os ângulos da cidade voltados para o rio eram assinalados por espigões torreados na extremidade. Esta imagem representa Azamor imediatamente antes da chegada dos portugueses, contendo aproximadamente os mesmos nove hectares da actual medina. Por conseguinte, a cidade árabe, durante o período de vassalagem a Portugal a partir de 1486, obriaria uma mancha sensivelmente semelhante, senão igual, à da actual medina de Azamor. Tendo a cidade um contrato de suserania com a Coroa portuguesa desde então, os portugueses detiveram uma posição privilegiada para compreender melhor o seu funcionamento e a sua disposição a partir da feitoria aí instalada então.

Depois da conquista, foi necessário intervir de modo mais impositivo na povoação, organizando-a e fortificando-a. A urgência recaía no fortalecimento de pontos defensáveis adaptando algumas das torres preexistentes e reforçando as muralhas com baluartes⁵. Ordens claras de redução do número efectivo de militares, no ano seguinte à conquista⁶, cedo impuseram uma defesa compensada pela efi-

taímente copiada a partir d'un original du début du XVI^e siècle, peut-être le dessin perdu que Duarte de Armas avait ébauché au cours de l'expédition qu'il a accompagnée aux barres de Larache, Mamora, Salé et Azemmour en 1507⁴, afin de dessiner l'embouchure du Loukos, du Sebou, du Bou Regreg et de l'Oumer-Rbia, respectivement. Il présente une muraille urbaine interrompue par plusieurs tours autour d'une ville où l'on observe la présence de plusieurs minarets. Les angles de la ville tournés vers le fleuve étaient signalés par des brise-lames flanqués de tours à leur extrémité. Cette image représente Azemmour immédiatement avant l'arrivée des Portugais, contenant environ les mêmes neuf hectares de l'actuelle médina. Par conséquent, la ville arabe, au cours de la période de vassalité au Portugal, à partir de 1486, couvrirait une tache urbaine à peu près semblable, si ce n'est égal, à celle de l'actuelle médina d'Azemmour. La ville ayant, depuis lors, un contrat de suzeraineté avec la couronne portugaise, les Portugais eurent ainsi une position privilégiée pour mieux comprendre son fonctionnement et sa disposition grâce à la factorerie qui y fut alors installée.

Après la conquête, il fut nécessaire d'intervenir plus énergiquement dans la localité, en l'organisant et en la fortifiant. L'urgence était de renforcer les points défendables en adaptant quelques-unes des tours préexistantes et en renforçant les murailles avec des bastions⁵. Des ordres clairs pour réduire le nombre effectif de militaires dans l'année qui suivit la conquête⁶ ont très tôt imposé une défense compensée

4. Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Nova edição conforme a primeira de 1566, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1953, parte II, p. 91.

5. Robert Ricard, «Sur la chronologie des fortifications portugaise d'Azemmour, Mazagan et Safi», in *Congresso do Mundo Português*, Lisboa, [s.n.], 1940, vol. III, p. 108.

6. «Estevam Rodriguez Berrio chegou a esta cidade a oyto dias do mes de fevereiro, com recado de Vosa Alteza a Dom Joam que se fosse e que me deixasse trezentas lanças e trezentos besteiros e

4. Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Nova edição conforme a primeira de 1566, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1953, parte II, p. 91.

5. Robert Ricard, «Sur la chronologie des fortifications portugaise d'Azemmour, Mazagan et Safi», in *Congresso do Mundo Português*, Lisbonne, [S.n.], 1940, vol. III, p. 108.

6. Lettre de Rui Barreto à D. Manuel I, Azemmour, le 21 février 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n° 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

cácia do sistema arquitectónico a montar, sobretudo no que dizia respeito à redução da área e perímetro a manter (fig. 4).

par l'efficacité du système architectonique à monter, surtout en ce qui concerne la réduction de la superficie et du périmètre à maintenir (fig. 4).



FIG. 4 – Marcação da zona do *atalho* português na actual medina de Azamor. / L'*atalho* português dans l'actuelle médina d'Azemmour.

3. O *atalho*

«(...) faras huum muro de taipa com seu fermigao de call doyto palmos em larguo E vimte em alto o peitorill que sera de dous palmos e meio ou tres de larguo aquella altura que la bem parecer ao Capitam (...), as ameias serom de vimte palmos em larguo e tera alicerçe todo de pedra e barro ate amdar da terra e sera de boa pedra e grosa por mais fortaleza da obra. E sera o dito alicerçe de dez palmos e em çima de quall vira o dito muro doyto palmos em largo como em çima dito hee pera ficar de cada parte do muro huum palmo de Releixo pera o muro estribar e ficar mais forte»⁷.

cem espingardeiros» - carta de Rui Barreto a D. Manuel I, Azamor, 21 de Fevereiro de 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

7. Regimento da obra do muro e *atalho* da cidade dezamor, 11 de Setembro de 1517 (ANTT, *Núcleo Antigo*, n.º 16 – Leis e Regimentos de D. Manuel, fls. 22v-23v), in Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, 1970, pp. 147-148.

3. L'*atalho*

«[(...) Tu feras un mur en pisé avec sa maçonnerie à la chaux d'une largeur de huit emfans et d'une hauteur de vingt, le parapet aura deux emfans et demi ou trois de largeur avec la hauteur jugée convenable par le Capitaine (...), les créneaux auront une largeur de vingt emfans, et sa fondation sera entièrement en pierre et en argile jusqu'au niveau du sol et elle aura une pierre de bonne qualité et d'une épaisseur suffisante pour une meilleure solidité de l'ouvrage. Et ladite fondation aura dix emfans sur laquelle reposera ledit mur d'une largeur de huit emfans, comme indiqué ci-dessus, afin de laisser de chaque côté du mur un emfan saillant, pour renforcer le mur et le rendre plus fort (...)]»⁷.

7. [Règlement de l'ouvrage du mur et de l'*atalho* de la ville d'Azemmour], du 11 septembre 1517 (ANTT, *Núcleo Antigo*, n.º 16 – Leis e Regimentos de D. Manuel, fls. 22v-23v), in Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, 1970, pp. 147-148.

Nestas indicações podem ler-se ordens precisas para a construção do muro do atalho azamorense. Integram o «Regimento da obra do muro e atalho da cidade desamor» aprovado em Lisboa corria o ano de 1517. Porém, a questão em torno da realização de um atalho esteve em discussão desde os primeiros dias da tomada portuguesa. Ocupada no final do Verão, rapidamente o assoreamento da barra do rio se colocou como uma das principais razões que levaria a um re-equacionamento da sustentabilidade da praça tal como se apresentava à data da conquista⁸.

Impunha-se um atalho, ou seja, a introdução de uma muralha secante à cidade herdada que diminuísse o seu perímetro e área. Implicaria, por conseguinte, o arrasamento da área em excesso que se passaria a denominar de vila velha e a eleição da porção para a instalação do castelo português. Francisco Danzilho participou na tomada da cidade. A sua opinião terá sido certamente válida nas primeiras propostas para a praça azamorense, devido à sua experiência noutras praças africanas⁹. Terá feito um desenho da cidade que encontraram, a mando de D. Jaime, que explicava ao rei a dificuldade em manter a cidade na sua totalidade. Solicitava que se fizesse um atalho, aliás como já acontecera noutras praças. O seu traçado e definição da área a reduzir foram alvo de discussão e de disputa de opiniões entre os responsáveis pela praça para, só em 1517, chegarem as ordens do rei.

Embora a espera pelo regimento do monarca (para decidir como se deveria proceder) e o desenho inicial de Danzilho provarem que havia comunicação entre a praça e a metrópole, acordando numa posição firme e dominante da corte, muitas eram as questões decididas no local. Seria entre os irmãos Diogo e Francisco de Arruda, mestres-de-obras, e os capitães da praça que se protagonizariam as decisões sobre a reconstrução da vila de Azamor.

Desde os finais de 1513 que D. João de Meneses, capitão do campo de Azamor, apresentara ao monarca português a proposta que vingaria como traçado do muro de atalho: «(...) Asy que, de meu comselho, nam faria o muro senam todo direito do castelo a mez-

8. «(...) Dê V. A. grande presa atalhar esta cidade, e estará aquy a gemte de melhor vomtade, porque esta barra atromenta todos, que des canto ha que aquy estamos, aimda nam ouve mais marees përa sairem navios grandes senam hūua soo (...)» – carta do Duque de Bragança a D. Manuel I, Azamor, 30 de Setembro de 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-13-62), in *Documentos do Corpo Chronologico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, ed. António Baião, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, pp. 57-59.

9. Vergílio Correia, *Lugares Dalêm: Azemôr, Mazagão, Çafim*, Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, 1923, p. 34. Francisco Danzilho trabalhou na actualização das defesas das quatro praças portuguesas no norte de África – Ceuta, Alcácer Ceguer e Tânger no estreito de Gibraltar e ainda Arzila já na costa atlântica, entre 1511 e 1514.

Dans ces indications, on peut lire des ordres précis pour la construction du mur de l'*atalho* d'Azemmour. Elles intègrent un règlement approuvé à Lisbonne au cours de l'année 1517. Cependant, la question autour de la réalisation d'un *atalho* fut l'objet de discussions dès les premiers jours de la prise portugaise. La ville ayant été occupée à la fin de l'été, l'ensablement de la barre du fleuve est très vite apparu comme l'une des principales raisons qui conduiraient à une nouvelle analyse de la durabilité de la place telle qu'elle était à l'époque de la conquête⁸.

La construction d'un *atalho* s'imposait donc, c'est-à-dire, qu'il fallait introduire une muraille sécante à la ville héritée qui diminuerait son périmètre et son aire. Cela impliquerait par conséquent, le rasement de la zone excédante que l'on appellerait désormais de vieille ville et la prise de décision quant à la portion destinée à l'installation du château portugais. Francisco Danzilho avait participé à la prise de la ville. Son avis a sans doute été pris en compte dans les premières propositions pour la place d'Azemmour, en raison de son expérience dans d'autres places africaines⁹. Il aurait fait, à la demande de D. Jaime, un dessin de la ville qu'ils ont trouvée qui expliquait au roi la difficulté de maintenir la ville dans son intégralité. Il sollicitait la réalisation d'un *atalho*, comme cela était d'ailleurs arrivé dans d'autres places. Son tracé et la délimitation de la zone à réduire firent l'objet de discussions et de conflits d'opinions entre les responsables de la place, et ce, alors que les ordres du roi ne sont arrivés qu'en 1517.

Bien que le règlement du roi (pour décider la manière dont il fallait procéder) et le dessin initial de Danzilho prouvent qu'il y avait en effet une communication entre la place et la métropole, reposant sur une position ferme et dominante de la Cour, de nombreuses questions étaient cependant résolues sur place. Les frères Diogo et Francisco Arruda, maîtres d'œuvre, et les capitaines de la place auraient été les principaux acteurs des décisions prises au sujet de la reconstruction de la ville d'Azemmour

De fait, dès la fin de l'année 1513, D. João de Meneses, capitaine du camp d'Azemmour, avait présenté au monarque portugais la proposition du tracé du mur de l'*atalho* qui finirait par être retenue : « [mon conseiller c'est de ne faire qu'un mure tout droit entre le château

8. Lettre du duc de Bragança à D. Manuel I, Azemmour, le 30 septembre 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-13-62), in *Documentos do Corpo Chronologico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, éd. António Baião, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, pp. 57-59.

9. Vergílio Correia, *Lugares Dalêm: Azemôr, Mazagão, Çafim*, Lisbonne, Tipografia do Anuário Comercial, 1923, p. 34. Francisco Danzilho a travaillé sur la mise à jour des défenses des quatre places portugaises en Afrique du Nord – Ceuta, El-Ksar es-Seghir et Tanger dans le détroit de Gibraltar et aussi à Asilah sur la côte atlantique entre 1511 et 1514.

quyta ou hygreija (...)»¹⁰ (fig. 5). Opiniões diferentes tinham Rui Barreto, capitão da vila, e Pêro Correia, enviado do rei para tratar do atalho, defendendo um muro que abarcasse ainda uma porção de casas herdadas¹¹. A opção de Meneses foi a seleccionada e o novo braço do castelo estendeu-se perpendicular-

et la mosqué ou église]»¹⁰ (fig. 5). Rui Barreto, capitaine de la ville, et Pêro Correia, envoyé par le roi pour traiter la question de l'*atalho*, exprimaient des opinions différentes et défendaient la construction d'un mur qui inclurait également une portion des maisons héritées¹¹. L'option retenue fut celle de Meneses et

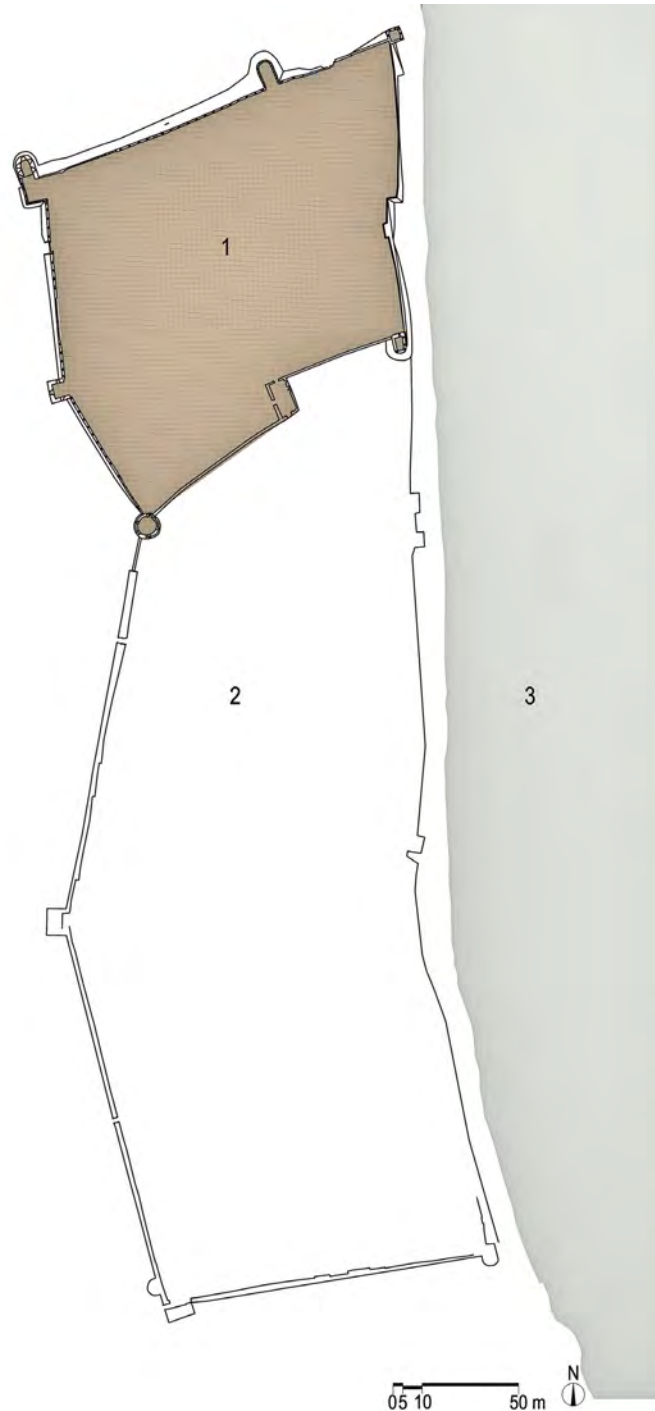


Fig. 5 – Planta de Azamor, com identificação do atalho: / Plan d'Azemmour, avec l'identification de l'atalho :

1. Castelo português – Vila nova / Château portugais – ville nouvelle ; 2. Vila velha / Vieux village; 3. Rio Morbeia / Fleuve Oum er-Rbia.

10. Carta de João de Meneses a D. Manuel I, Azamor, 1/9 de Dezembro de 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-14-4), in *Documentos do Corpo Chronologico...* cit., pp. 459-467.

11. «(...) E eu, Senhor, sam a hiso muy contrario, porque o queria tam direito (...)» sublinhava D. João de Meneses na mesma carta, uma vez que implicava a construção de trinta a quarenta braços adicionais no muro do atalho para contemplar tal propósito.

10. Lettre de João de Meneses à D. Manuel I, Azemmour, le 1-9 décembre 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-14-4), in *Documentos do Corpo Chronologico...* cit., pp. 459-467.

11. Dans la lettre au roi de 1-9 décembre 1513, D. João de Meneses était vraiment contraire à cette proposition, puisque cela impliquait la construction de trente à quarante brasses supplémentaires sur le mur de l'*atalho* si l'on tenait compte de ce propos.

mente à mancha urbana herdada pelos portugueses, ou seja, do campo ao rio, desenhando uma inflexão na antiga mesquita convertida em igreja. Em síntese, a escolha da zona onde se recolheriam as forças portuguesas pendeu para o topo norte da urbe islâmica encontrada, mais próxima da foz, aproveitando-se da delimitação feita pela cerca pré-existente nos segmentos leste, norte e oeste.

Enquanto as ordens para a deslocalização de gente da vila velha para o castelo, e o respectivo desmantelamento das casas, não chegassem de Lisboa, as obras avançavam no perímetro amuralhado do castelo. Na sua extremidade de terra construía-se o baluarte circular de S. Cristóvão, enquanto que o dente do atalho ficaria marcado pelo baluarte rectangular da Vila, Castelo, Sertão ou Campo, que incluía uma igualmente denominada porta. A extremidade sobranceira ao rio era rematada por outro baluarte, apontado e semicircular (fig. 6).

Se o aproveitamento de cerca de três quartos de muralha islâmica veio, essencialmente, introduzir

le nouveau bras du château s'étendit perpendiculairement à la tache urbaine héritée par les Portugais, autrement dit, de la campagne jusqu'au fleuve, dessinant une inflexion dans la vieille mosquée transformée en église. En définitive, le choix de la zone où les forces portugaises se recueilleraient pencha vers l'extrémité nord de la ville islamique rencontrée, plus proche de l'embouchure, profitant ainsi de la démarcation faite par l'enceinte préexistante dans les segments est, nord et ouest.

Tant que les ordres pour la délocalisation de gens de la vieille ville vers le château fort et pour le démantèlement respectif des maisons n'arriveraient pas de Lisbonne, les travaux avançaient dans le périmètre fortifié du château. À l'extrémité de sa terre, on construisait le bastion circulaire de S. Cristóvão [Saint Christophe] tandis que la dent de l'atalho serait marquée par le bastion rectangulaire de la Vila [ville] Castelo [château], et Sertão ou Campo [campagne], qui comprenait également ce qu'on appelait une porte. L'extrémité qui surplombait le fleuve était pourvue d'un autre bastion, pointé et semi-circulaire (fig. 6).

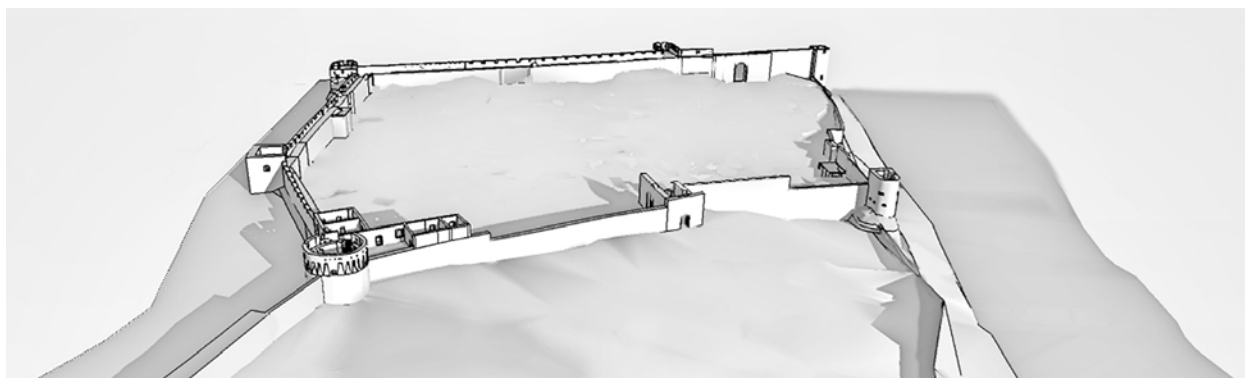


Fig. 6 – Modelo 3D do atalho português. / Modèle 3D de l'atalho portugais.

melhorias defensivas nos seus ângulos, já a muralha do atalho era obra nova. Ainda hoje separa fisicamente o bairro da Kasbah/Mellah do resto da medina intramuros de Azamor. Os pormenores de medidas dadas pelo «Regimento da obra do muro e atalho da cidade desamor» são claros e podem ainda ser observados nas estruturas remanescentes.

Verifica-se que, planimetricamente, as larguras sugeridas pelo regimento são bastante aproximadas da obra feita, correspondendo a 1,50m para a espessura do muro, apenas menos cerca de 0,26m em relação aos 8 palmos sugeridos no *Regimento*¹². A diferença em relação à espessura actual pode estar relacionada com alguma erosão e desgaste visíveis nas porções de muro pelo lado interior do Castelo. O mesmo acon-

Si la réutilisation d'environ trois quarts de muraille islamique est venue essentiellement introduire des améliorations défensives à ses angles, la muraille de l'atalho était quant à elle une toute nouvelle construction. Aujourd'hui encore, elle sépare physiquement le quartier de la Kasbah/Mellah du reste de la médina intramuros d'Azemmour. Les détails des mesures données par le règlement de l'atalho sont clairs et peuvent encore être observés dans les structures restantes. On constate que, du point de vue planimétrique, les largeurs suggérées par le règlement sont très proches des largeurs des travaux effectués, correspondant à 1,50m pour l'épaisseur de la muraille, soit à peine environ 0,26m de moins que les huit empan figurant dans le règlement¹². La différence par rapport

12. Utiliza-se aqui o sistema métrico craveiro: palmo (correspondente a cerca de 0,22m), vara (igual a 1,1m) e braça (2,2m). Ver Rui Maneira Cunha, *As medidas na arquitectura, séculos XIII-XVIII. O estudo de Monsaraz*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2003, p. 34.

12. Nous utilisons ici le système métrique craveiro : empan (correspondant à environ 0,22 m), une vara (égal à 1,1 m) et une braça (brasse) (2,2 m). Voir Rui Maneira Cunha, *As medidas na arquitectura, séculos XIII-XVIII. O estudo de Monsaraz*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2003, p. 34.

tece numa avaliação do atalho em altura, visto o seu remate superior já não existir. O peitoril ameado referido no documento e que constituiria um resguardo em relação a um caminho de ronda que se crê ter existido, já não se consegue vislumbrar na ruína à qual se adossaram, entretanto, diversas construções. Apesar de algum grau de destruição e encobrimento, algumas marcas do arranque do adarve e alambor fazem crer numa distribuição uniforme da secção vertical da muralha organizada da seguinte forma, do topo para a base: peitoril servindo caminho de ronda; muro com 8 palmos de espessura e 10 de altura, de acordo com Regimento, e os 4,4 metros da estrutura sobrevivente, construído em taipa reforçada por uma argamassa de cal; base do muro com 10 palmos de espessura e outros tantos de altura, composto por pedra e argila. Desta análise resulta uma obra bastante fidedigna em relação às ordens dadas pelo rei.

Para além destas características, outras parecem ter assistido ao seu desenho em perfil. Consta-se uma subdivisão em cinco partes aproximadamente iguais numa proporção de três para dois: três porções para o extremo poente, do arranque do baluarte de S. Cristóvão até ao Baluarte da Porta da Vila, inclusivamente, e duas partes daí até ao Baluarte do Rio. Sem haver qualquer referência a esta métrica na missiva de D. Manuel I, terão sido os mestres a decidi-lo no local, demonstrando o entendimento racional que tinham em relação à obra militar que se pretendia eficaz e em estado de defesa.

O regimento vinha confirmar as primeiras propostas de traçado, continuando o plano do atalho a ser posto em marcha durante o ano seguinte de 1518, conforme corroboram os contractos do vedor das obras de então, António Fernandes¹³. O atalho deve aqui ser entendido como a total adaptação de Azamor a um castelo/vila para portuguesas, e não apenas a construção do muro que separava vilas nova e velha, a porção de cidade excluída pelo processo.

4. O castelo português

O muro do atalho corresponde a apenas um dos lados do quadrilátero imperfeito mantido pelos portugueses em Azamor. O recinto do castelo português encerrava-se a ocidente por uma muralha ligeiramente flectida, nas extremidades da qual se destacavam os baluartes de S. Cristóvão e do Raio (fig. 7).

13. Receita, despesa e contratos do vedor das obras, António Fernandes (1517/1518), ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 751, fls. 141 e 145v, transcrição de Rui Henriques, publicada no 2.º volume desta obra.

à l'épaisseur actuelle peut être liée à une certaine érosion et une certaine usure visibles dans des portions de murailles du côté intérieur de la forteresse. Il en est de même dans une évaluation de l'*atalho* en hauteur, vu que sa finition supérieure n'existe déjà plus. Le rebord crénelé mentionné dans le document, et qui constituerait une protection pour un chemin de ronde que l'on croit avoir existé, n'est plus visible aujourd'hui dans les ruines sur lesquelles se sont entre-temps appuyées plusieurs constructions. Malgré un certain degré de destruction et d'ensevelissement, certaines marques du départ du chemin de ronde et de la partie renforcée en saillie à la base de la muraille font croire à une distribution uniforme de la section verticale de la muraille organisée comme suit, de haut en bas : un rebord desservant le chemin de ronde ; un mur avec 8 emfans d'épaisseur et 10 de hauteur, conformément au Règlement, et les 4,4 mètres de la structure survivante, construit en torchis renforcé par un mortier de chaux ; la base du mur avec dix emfans d'épaisseur et dix de hauteur composée de pierre et d'argile. Cette analyse montre un ouvrage très fiable par rapport aux ordres donnés par le roi.

En plus de ces caractéristiques, d'autres caractéristiques semblent avoir contribué à son dessin en profil. On constate une subdivision en cinq parties approximativement égales dans un rapport de trois pour deux, trois parties vers l'extrême ouest, au départ du bastion de S. Cristóvão jusqu'au bastion de la *Porta da Vila* [Porte de la ville], inclusivement, et deux parties à partir de là jusqu'au *Baluarte do Raio* [Bastion du Rayon]. Sans aucune référence à cette métrique dans la lettre de D. Manuel I, ce serait, en fait, les maîtres d'œuvre qui auraient été à l'origine de cette décision, ce qui montre la compréhension rationnelle qu'ils avaient concernant l'ouvrage militaire qui se voulait efficace et en état de défense.

Le Règlement venait confirmer les premières propositions du tracé, le plan de l'*atalho* continuant d'être exécuté au cours de l'année suivante, en 1519, comme le confirment les contrats de l'intendant des travaux d'alors, António Fernandes¹³. L'*atalho* doit être ici entendu comme l'entière adaptation d'Azemmour en un château/ville pour des Portugais, et pas seulement la construction du mur qui séparait les villes nouvelle et vieille, la portion de la ville exclue par le processus.

4. Le château fort portugais

Le mur de l'*atalho* correspond uniquement à l'un des côtés du quadrilatère imparfait maintenu par les Portugais à Azemmour. L'enceinte du château portugais se fermait à l'ouest par une muraille légèrement

13. [Recettes, dépenses et contrats de l'intendant des travaux], António Fernandes (1517/1518), ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 751, fls. 141 e 145v, transcription de Rui Henriques, publiée au 2^e volume de cet ouvrage.

Deste último lançava-se uma cortina recta em direcção ao rio, reforçada por alambor que, por sua vez, ajudava a cavar o fosso seco. A escavação deste havia sido uma preocupação desde os primeiros planos de apropriação, tendo-se iniciado logo no mês de Dezembro de 1513¹⁴. A muralha norte era interrompida por um baluarte de planta em U e terminava numa torre quadrangular de arestas curvas, hoje apenas com base de origem portuguesa. Neste ponto

fléchie aux extrémités de laquelle apparaissaient les bastions de *S. Christóvão* e *do Raio* (fig. 7). Une courti-
tine droite partait de ce dernier en direction du fleuve, renforcée par la contrescarpe qui, à son tour, aidait à creuser le fossé sec. L'excavation de celui-ci, qui avait commencé dès le mois de décembre 1513¹⁴, avait été un sujet de préoccupation depuis les premiers plans d'appropriation. La muraille nord était interrompue par un bastion en U et se terminait par une tour quadrangulaire aux arêtes courbées, aujourd'hui repo-

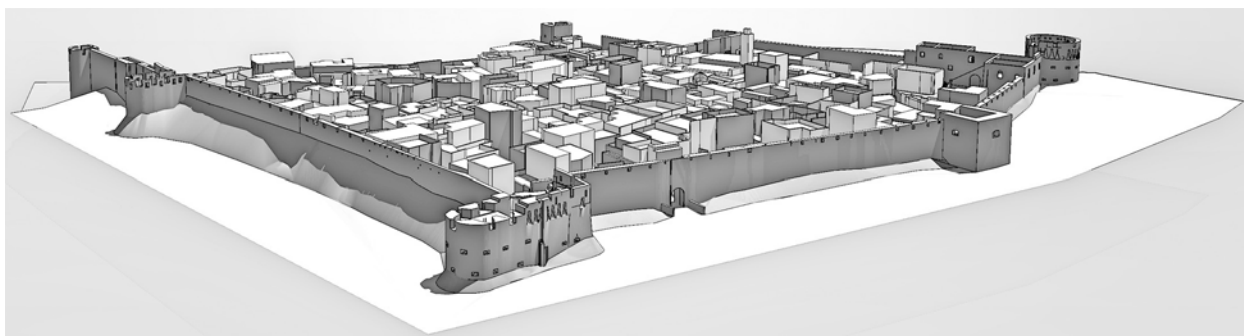


FIG. 7 – Modelo 3D da área do antigo castelo português desde o campo. / Modèle 3D de la surface de l'ancien château portugais (vue prise depuis la campagne).

estivera outrora o ângulo noroeste da cidade muçulmana, na extremidade do qual partia um espigão ou couraceta para o rio. A muralha setentrional portuguesa articulava-se com uma frente de rio que revia o contorno pré-existente ao introduzir duas inflexões ou dentes, menos denunciados que o Baluarte da Vila mas importantes para a protecção da Porta da Ribeira. Juntamente com a Porta da Vila, conformavam as únicas permeabilidades do novo complexo acastelado português (fig. 8).

A concentração dos esforços dos mestres Arruda recaiu, em particular, na edificação dos baluartes de S. Cristóvão e do Raio, voltados para o termo da vila e considerados suficientes para assegurar a sua defesa desde que apetrechados com bombardas poderosas¹⁵. O primeiro era mesmo descrito como «(...) hũa das formosas peças que no mundo pode ser (...)» pela capitão da vila. Durante o ano de 1514, os trabalhos progrediram de tal forma bem que, os dois mestres das obras puderam programar o início da edificação do castelo na vizinha Mazagão¹⁶, três léguas a sul.

sant à peine sur une base portugaise. À cet endroit se trouvait autrefois l'angle nord-ouest de la ville musulmane, de l'extrémité duquel partait un brise-lames ou une *couraceta* vers le fleuve. La muraille septentrionale portugaise s'articulait avec un front de fleuve qui rectifiait le contour préexistant en introduisant deux inflexions ou dents, moins prononcées que le *Baluarte da Vila* [Bastion de la Ville], mais également importantes pour la protection de la *Porta da Ribeira* [Porte Riveraine]. Conjointement avec la *Porta da Vila*, elles formaient les seules perméabilités du nouveau complexe fortifié portugais (fig. 8).

La concentration des efforts des maîtres Arruda s'est focalisée, en particulier, sur la construction des bastions de *S. Cristóvão* et *do Raio*, tournés vers la limite de la ville et considérés comme suffisants pour assurer sa défense, dès lors qu'ils seraient équipés de puissantes bombardes¹⁵. Le premier était d'ailleurs décrit par le capitaine de la ville comme «[une des plus belles pièces que l'on peut trouver dans le monde]». Au cours de 1514, l'avancement des travaux était tel que les deux maîtres d'œuvre ont pu programmer le début de la construction de la forteresse dans la voisine Mazagan¹⁶ à trois lieues au sud.

14. «(...) Quynnta feyra primeiro dia d'este mês, começamos a cava derrador d'alcaçova (...)» carta de Nuno Gato a D. Manuel I, Azamor, 5 de Dezembro de 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-14-4), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

15. Carta de Rui Barreto a D. Manuel I, Azamor, 21 de Fevereiro de 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 489-501.

16. Carta de Francisco e Diogo de Arruda a D. Manuel I, Azamor, 31 de Março de 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-14), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 525-529.

14. Lettre de Nuno Gato à D. Manuel I, Azemmour, le 5 décembre 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-14-4), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

15. Lettre de Rui Barreto à D. Manuel I, Azemmour, le 21 février 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 489-501.

16. Lettre de Francisco et Diogo d'Arruda à D. Manuel I, Azemmour, le 31 mars 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-14), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 525-529.

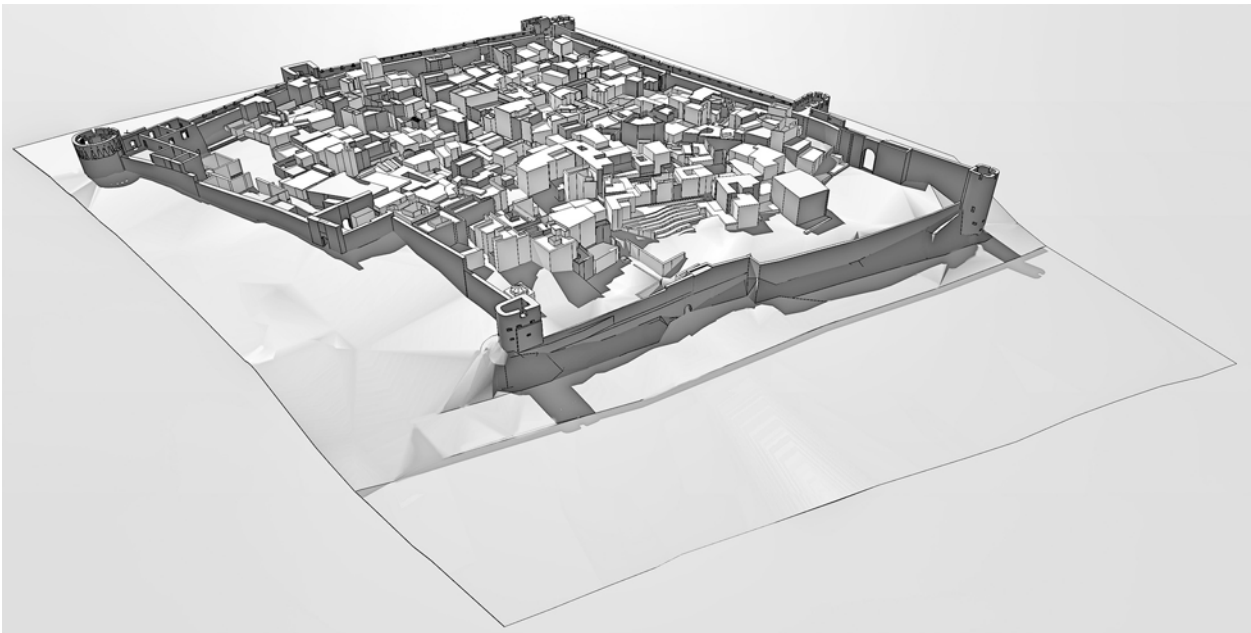


Fig. 8 – Modelo 3D da área do antigo castelo português desde o rio. / Modèle 3D de la zone de l'ancien château portugais (vue prise depuis le fleuve).

4.1 Baluartes

No total, existem sete estruturas notáveis que assinalavam inflexões ou ângulos do castelo português (fig. 9). Iniciando um périplo pela Porta da Vila, principal ponto de ligação entre vila e campo, no sentido dos ponteiros do relógio, encontra-se: o Baluarte de S. Cristóvão e o Baluarte do Raio, os únicos com denominação própria; entre os dois uma torre prismática; um baluarte norte em U; um torreão sobre o rio; um novo baluarte sobre no rio na intersecção com o muro do atalho; e o baluarte da própria Porta da Vila. Em bom rigor, são apenas quatro aqueles que se podem apelar de baluartes, devendo-se excluir este último e o torreão ribeirinho. Baluarte é um termo comumente utilizado sem se relacionar especificamente com a sua definição mais científica. Confunde-se muitas vezes, na literatura da época, com cubelos, cubo ou qualquer estrutura que avance em relação ao plano da muralha¹⁷.

Sendo das estruturas mais elaboradas da arquitectura militar, os baluartes são, simultaneamente, as peças de maior vulnerabilidade e destaque de uma fortificação. Evoluíram em consonância com uma rejeição consciente da neurobalística e um abraço das novas técnicas associadas à pirobalística, procurando potência de defesa activa, protagonizando uma linguagem arquitectónica mais vanguardista ao possibilitarem o uso da artilharia mais moderna. A saliência, modelo e distância entre baluartes dependia da qualidade do

4.1 Les bastions

Il existe au total sept structures notables qui marquaient des inflexions ou des angles de la forteresse portugaise (fig. 9). En entreprenant un périple par la *Porta da Vila*, le principal point de connexion entre la ville et la campagne, dans le sens des aiguilles d'une montre, nous trouvons : Le *Baluarte de S. Cristóvão* et le *Baluarte do Raio*, les seuls ayant une dénomination propre ; entre les deux se trouvaient : une tour prismatique ; un bastion nord en forme de U ; une tourelle sur le fleuve, un nouveau bastion sur le fleuve à l'intersection avec le mur de l'*atalho* ; et le bastion de la *Porta da Vila* elle-même. À strictement parler, seuls quatre bastions peuvent être ainsi dénommés, ce dernier et la tourelle riveraine devant être exclus. Le terme bastion est un terme couramment utilisé, sans qu'il soit spécifiquement lié à sa définition la plus scientifique. Il est souvent confondu dans la littérature de l'époque, avec les *cubelos* (petite tour), les *cubos* (tour dans la plupart des cas en forme prismatique) ou encore avec toute autre structure saillante par rapport au plan de la muraille¹⁷.

S'agissant des structures les plus élaborées de l'architecture militaire, les bastions sont, simultanément, les pièces les plus vulnérables est les plus visibles d'une fortification. Ils ont évolué en ligne avec un rejet conscient de la névrobalistique et avec une adhésion aux nouvelles techniques associées à la pyrobalistique, cherchant une force de défense active, jouant le rôle principal d'un langage architectural, plus avantgardiste, en permettant l'utilisation de l'artillerie la

17. Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI*, Porto, FAUP publicações, 2008, p. 362.

17. Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI*, Porto, FAUP publicações, 2008, p. 362.



Fig. 9 – Planta do bairro Kasbah/Mellah da medina de Azamor: / Plan du quartier Kasbah/Mellah de la médina d’Azemmour:

1. Casa do Capitão / Capitainerie;
2. Muro do *atalho* / Mur de l’*atalho*;
3. Baluarte e Porta da Vila / Bastion et Porte du Village;
4. Porta da Ribeira / Porte riveraine;
5. Baluarte de São Cristóvão / Bastion de *São Cristóvão*;
6. Baluarte do Raio / Bastion du *Raio*;
7. Baluarte N / Bastion N;
8. Baluarte R / Bastion R;
9. Torre W / Tour W;
10. Torre NE / Tour NE;
11. Rio Morbeia / Fleuve Oum er-Rbia.

armamento. Interessava a capacidade de flanqueamento, cruzamento de tiros e eliminação de ângulos mortos que facilitassem o assalto. O estudo da sua disposição numa fortaleza, bem como os processos construtivos relativos ao levantamento de muros em talude, permitiam uma resistência mais eficaz à artilharia de fogo. A construção deveria ser em camadas de terra e de pedra (com a cal como ligante) para aplacar os danos do projectil¹⁸. Por isso existia grande

18. Para uma capacidade de tiro cada vez mais perforante, era necessário um grande nível de elasticidade entre os componentes de um paramento, ou este poderia desmoronar-se. Só o recurso à pedra e cal como ligante poderia garantir uma resistência desejável. As experiências deram origem à qualidade que atingiram as alvenarias manuelinas. Conheciam-se as técnicas mediterrânicas, as de tradição berbere e árabe que, com a mistura de cal, obtinham

plus moderne. La saillie, le modèle et la distance entre les bastions dépendaient de la qualité de l’armement. Le plus important était la capacité de flanquement, le croisement des tirs et l’élimination des angles morts qui pourraient faciliter l’assaut. L’étude de sa disposition dans une forteresse ainsi que les procédés de construction pour dresser des murs sur des talus permettaient une résistance plus efficace aux tirs d’artillerie. La construction devait être effectuée avec des couches de terre et de pierre (la chaux servant de liant) afin de réduire les dégâts provoqués par le projectile¹⁸.

18. Pour une capacité de tir chaque fois plus perforante, il était nécessaire un grand niveau d’élasticité entre les composants d’un parament, car celui-ci pouvait s’effondrer. Seule l’utilisation de la pierre et de la chaux comme liant a pu assurer une résistance souhaitable. L’expérience a engendré la qualité qui a atteint les

preocupação, por parte de mestres e construtores, em relação à natureza da pedra e da cal. As cartas que enviaram ao rei, a partir de Azamor, acompanham estas preocupações. Os mestres Arruda mencionam a construção de quatro baluartes aos quais queriam atribuir a cal vinda de Portugal, aparentemente de qualidade superior¹⁹. Estes quatro baluartes são, efectivamente, as quatro estruturas salientes dignas desta nomenclatura e mencionadas atrás. O baluarte norte em U e o baluarte sobre o rio são estruturas avançadas com extremidade semicircular. Quanto ao Raio e a São Cristóvão, a sua exuberância e aparente capacidade militar fez com que Rafael Moreira os caracterizasse como «duas máquinas de guerra»²⁰. Feitos ao gosto de Diogo e Francisco de Arruda e seguidos de perto pelo capitão²¹, os baluartes construídos em Azamor exibem o gosto pelas formas redondas (fig. 10). Terá imperado uma opinião fundamentalmente baseada nas suas experiências próprias²², mas também na influência das instruções que vinham nos escritos de Francesco di Giorgio Martini²³. Os seus desenhos, estudos e apontamentos foram agrupados no *Tratatto di architettura ingegneria e arte militare*. Nas soluções que propunha, Di Giorgio combinava modelos de torre tradicional com formas angulosas. A forma circular (preferida «dos antigos») era perfeita, por ser forte e de maior utilidade, permitindo o ataque a toda a volta²⁴. É muito interessante perceber como Diogo de Arruda terá trabalhado na cerca de Nápoles precisamente com Francesco di

Il y avait donc une vive préoccupation des maîtres d'œuvre et des constructeurs quant à la nature de la pierre et de la chaux. Les lettres qu'ils ont envoyées au roi à partir d'Azemmour ont suivi ces préoccupations. Les maîtres Arruda mentionnent la construction de quatre bastions auxquels ils voulaient appliquer la chaux en provenance du Portugal, apparemment de meilleure qualité¹⁹. Ces quatre bastions sont, en effet, les quatre structures en saillie dignes de cette nomenclature et mentionnées plus haut. Le bastion nord en U et le bastion sur le fleuve sont des structures avancées avec des extrémités en demi-cercle. Quant aux bastions *do Raio* et de *São Cristóvão*, leur exubérance et leur apparente capacité militaire ont amené Rafael Moreira à les caractériser comme «deux machines de guerre»²⁰.

Réalisés au goût de Diogo et Francisco de Arruda et suivis de près par le capitaine²¹, les bastions construits à Azemmour exhibent le goût pour les formes rondes (fig. 10). Une opinion, essentiellement fondée sur leurs propres expériences²², mais aussi sur l'influence des instructions fournies dans les écrits de Francesco di Giorgio Martini²³, aurait prévalu. Ses dessins, ses études et ses notes ont été rassemblés dans *Tratatto di architettura ingegneria e arte militare*. Dans les solutions qu'il proposait, Di Giorgio combinait des modèles de tours traditionnelles avec des formes anguleuses. La forme circulaire (la préférée des «anciens») était parfaite, car elle était forte et de plus grande utilité, permettant l'attaque tout autour²⁴. Il est très intéressant de voir comment Diogo de Arruda a travaillé dans

alvenarias de grande plasticidade e resistência adequada (Pedro de Aboim Inglez Cid, *A Torre de S. Sebastião da Caparica e a arquitectura militar do tempo de D. João II*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, p. 208).

19. Carta de Simão Correia a D. Manuel I, Azamor, 3 de Outubro de 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, n.º 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

20. Rafael Moreira, «A época manuelina», in *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. Rafael Moreira, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 130-131.

21. «(...) faz-se asy porque Vosalteza nas cousas do castelo nam taxou nada, somente o que os capitaes ordenassem de fazer.» Carta de Nuno Gato a D. Manuel I, Azamor, 31 de Março de 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

22. Na cerca de Portel, por exemplo, o trabalho de Francisco de Arruda com os cubelos cilíndricos indicava uma clara preferência em relação às formas rectangulares, cuja fragilidade estava nos cunhais. Se estes fossem atingidos, seriam logo dois muros contíguos a ser derrubados (Júlio Gil, *Os mais belos castelos de Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1992, p. 262).

23. Personagem que se destacou como especialista de um Renascimento em florescimento na Europa. Segundo alguns autores terá sido uma das fontes de maior influência em Portugal, no que diz respeito à arte militar (consultar, por exemplo, Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., e Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião*... cit., pp. 50-52).

24. Francesco di Giorgio Martini, *Tratatto di architettura ingegneria e arte militare*, Milano, Edizioni il Polifilo, 1967, vol. I, p. 7.

maçonneries manuelles. Les techniques méditerranéennes et celles des traditions berbères et arabes, qui avec le mélange de chaux obtenaient des maçonneries de grande plasticité et d'une résistance appropriée, étaient connues (Pedro de Aboim Inglez Cid, *A Torre de S. Sebastião da Caparica e a arquitectura militar do tempo de D. João II*, Lisbonne, Edições Colibri, 2007, p. 208).

19. Lettre de Simão Correia à D. Manuel I, Azemmour, le 3 octobre 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, n.º 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

20. Rafael Moreira, «A época manuelina», in *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. Rafael Moreira, Lisbonne, Alfa, 1989, pp. 130-131.

21. Lettre de Nuno Gato à D. Manuel, Azemmour, le 31 mars 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

22. Dans l'enceinte de Portel, par exemple, le travail de Francisco de Arruda avec les petites tours cylindriques indiquait une nette préférence pour les formes rectangulaires, dont la fragilité résidait dans les angles. Si ceux-ci étaient atteints, c'était d'emblée deux murs contigus qui étaient démolis (Júlio Gil, *Os mais belos castelos de Portugal*, Lisbonne, Editorial Verbo, 1992, p. 262).

23. Personnage qui s'est distingué en tant que spécialiste d'une Renaissance en pleine floraison en Europe. Selon certains auteurs, il aura été une des sources les plus influentes au Portugal, en ce qui a trait à l'art militaire (consultar, par exemple, Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., et Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião*... cit., pp. 50-52).

24. Francesco di Giorgio Martini, *Tratatto di architettura ingegneria e arte militare*, Milano, Edizioni il Polifilo, 1967, vol. I, p. 7.

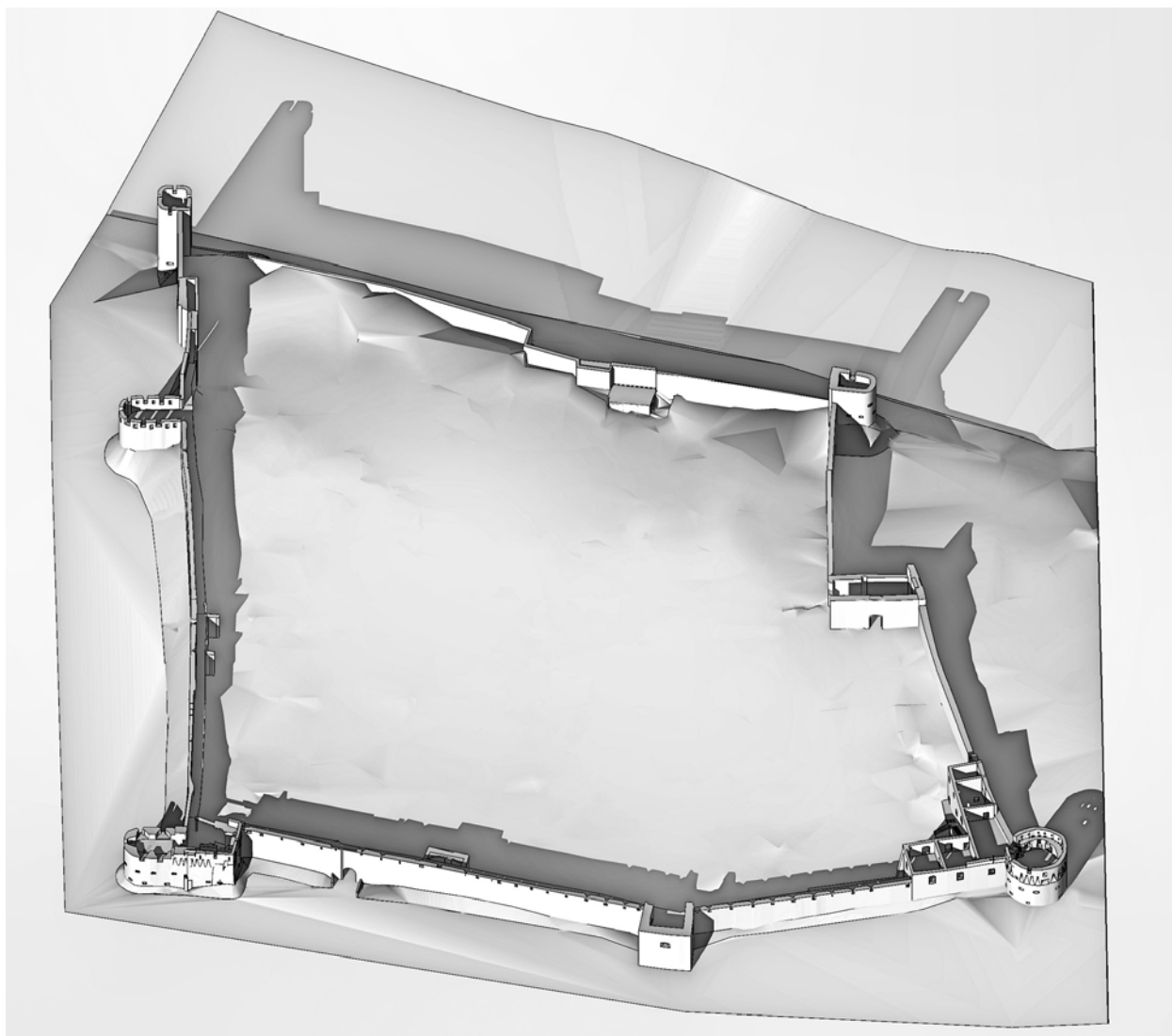


Fig. 10 –Modelo 3D do castelo português. / Modèle 3D du château portugais.

Giorgio²⁵. As suas propostas arquitectónicas preocupavam-se em incluir de raiz a nova artilharia, atribuindo-lhe um lugar útil, calculado para a defesa da fortificação. As implantações eram estudadas para aproveitarem as condições naturais do sítio, articulando o papel de cada torre/baluarte para um funcionamento conjugado. Tratava-se, efectivamente, da instalação prática dos princípios do flanqueamento mútuo. As obras de Azamor colocaram Diogo de

25. «Um caso ainda inédito, e merecedor de atenta reflexão, é o do «Maestro Diego portuguese», que em 1485-1486 estava ao serviço de Afonso II de Aragão, duque da Calábria, junto com mais outros dois engenheiros italianos (entre os quais Francesco di Giorgio Martini), remodelando a cerca de Nápoles e erguendo contra os turcos fortificações costeiras (...). Julgamos tratar-se de Diogo de Arruda.» Trata-se de uma eventual forte influência em que Rafael Moreira tem insistido pelos paralelismos que encontra entre as propostas dos Arrudas e o especialista italiano («A época manuelina»... cit., pp. 106-107). Sobre os possíveis cruzamentos pessoais ou de saberes entre Francesco di Giorgio Martini e Diogo de Arruda veja-se, ainda, Luís Costa e Sousa, *A arte na Guerra: A arquitectura dos campos de batalha no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Tribuna da História, 2008, p. 95, e Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião*... cit., pp. 284-285.

l'enceinte de Naples avec Francesco di Giorgio²⁵. Ses propositions architecturales avaient la préoccupation d'inclure d'emblée lors de la construction la nouvelle artillerie, lui attribuant une place utile et calculée pour la défense de la fortification. Les implantations étaient étudiées dans le but de tirer parti des conditions naturelles du site, en articulant le rôle de chaque tour/bastion dans une opération combinée. Il s'agissait en effet de l'installation pratique des principes du flanquement mutuel. Les travaux d'Azemmour ont fait figurer Diogo de Arruda, conjointement avec son frère Francisco, parmi les principaux maîtres portugais

25. Il y a une référence à un « Maestro Diego portugese » dans les travaux à Naples en 1485 et 1486, interprété par Rafael Moreira comme Diogo de Arruda ; il a insisté dans cette forte influence de Francesco di Giorgio en raison du parallélisme qu'il voit entre les propositions des Arruda et le spécialiste italien (« A época manuelina »... cit., pp. 106-107). Sur les éventuels croisements personnels ou de connaissances entre Francesco di Giorgio Martini et Diogo de Arruda voir aussi Luís Costa e Sousa, *A arte na Guerra: A arquitectura dos campos de batalha no Portugal de Quinhentos*, Lisbonne, Tribuna da História, 2008, p. 95, et Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião*... cit., pp. 284-285.

Arruda, juntamente com seu irmão Francisco, entre os principais mestres portugueses da época de *transição* com esta intervenção e a vizinha, em Mazagão. Porém, sobre Diogo parece ter recaído o papel protagonista na empreitada azamorenses, uma vez que os pagamentos pela direcção das obras lhe foram efectuados regularmente entre 1514 e 1516²⁶, mesmo com a ausência para orientação dos trabalhos do castelo de Mazagão. Já o seu irmão Francisco aparece apenas durante o ano 1514 no Norte de África, em ambas as obras, tendo regressado ao reino mais cedo que o irmão mais velho.

Em Azamor, todos os baluartes garantem aberturas para bombardeiras, mesmo que cada um apresente uma ideia própria na sua disposição e/ou conformação. Constante é o rasgamento desses vãos de modo abocinado, ou seja, mais largos no interior e estreitando para o exterior. Seria este o método mais aconselhado²⁷. O remate superior devia fazer-se com feições curvilíneas para ajudar a repartir os esforços por todo o perfil da bombardeira, com possíveis portadas localizadas na zona mais larga e recolhida do interior. O baluarte de São Cristóvão ainda conserva aquilo que poderá ter sido um dos apoios para fixar essas portadas.

Este baluarte aparece descrito como «(...) hũa peça tam rreal esta, que sogyga toda a çydade (...)»²⁸ e deve ter constituído uma das peças de arquitectura militar que mais atenção mereceu dos responsáveis pela obra do castelo. Apresentava uma tipologia de tambor cilíndrico e um distintivo coroamento por sacadas para tiro mergulhante (fig. 11). Pela implantação junto à Casa dos Capitães e no arranque do muro do atalho e pela figura arquitectónica que se distingue de todos os outros baluartes, constitui um exemplar único representativo da arquitectura militar manuelina. A estrutura identifica-se com uma linguagem que recusa elementos portáteis de madeira (como os tradicionais balcões, por exemplo), sendo a alvenaria e a pedra a elevar o volume. De aspecto compacto, possui um desenho arquitectónico subtil com um grande sentido estético. Em altura não se destaca muito, articulando-se com os muros aos quais se une. A localização seria a ideal para uma

de la période de *transition* grâce à cette intervention et à l'intervention voisine, à Mazagan. Cependant, Diogo semble avoir joué un rôle prépondérant dans l'ouvrage d'Azemmour vu que les paiements pour la direction de l'ouvrage lui ont été versés de façon régulière entre 1514 et 1516²⁶, même lorsqu'il s'est absenté pour diriger les travaux de la forteresse de Mazagan. Quant à son frère Francisco, il n'apparaît qu'en 1514 en Afrique du Nord, dans les deux ouvrages, ayant regagné le royaume plus tôt que son frère aîné.

À Azemmour, tous les bastions garantissent les ouvertures pour les bombardes, même si chacun d'entre eux présente une idée spécifique dans sa disposition et/ou conformation. La réalisation de ces travées est constamment faite de manière surbaissée, c'est-à-dire, plus larges à l'intérieur et se rétrécissant vers l'extérieur. Ce serait la méthode la plus conseillée²⁷. La finition supérieure devait être effectuée avec des formes curvilignes pour aider à répartir les efforts tout au long du profil de la canonnière, avec d'éventuelles ouvertures situées dans la zone la plus large et la plus retirée de l'intérieur. Le bastion de *São Cristóvão* conserve encore ce qui a peut-être été un support pour fixer ces ouvertures.

Ce bastion apparaît décrit comme « [un élément si réel, qu'il subjugue toute la ville] »²⁸ et a dû être une des pièces de l'architecture militaire qui le plus retenu l'attention des responsables de la construction du château. Il présentait une typologie de tambour cylindrique et un couronnement distinctif par balcons pour le tir plongeant (fig. 11). En raison de son implantation près de la *Casa dos Capitães* [Capitainerie] et du départ du mur de l'*atalho* et parce qu'il s'agit d'une figure architecturale qui le distinguent de tous les autres bastions, il constitue un exemplaire unique et original représentatif de l'architecture militaire manueline. La structure s'identifie à un langage qui refuse des éléments portables en bois (tels les balcons traditionnels, par exemple) la maçonnerie et la pierre étant là pour élever le volume. D'aspect compact, il a un dessin architectural subtil avec un grand sens esthétique. Il ne se distingue pas trop en hauteur, s'articulant avec les murs auxquels il s'unit. L'emplacement serait l'endroit idéal pour un donjon²⁹, mais la pensée de l'époque le refusait déjà.

26. [Payements aux gents de l'ordonnance est travailleurs de l'ouvrage de la vile et du château], 1514/1516 (ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 765, fls. 107, 117, 125v, 134, 154, 175, 197, 207), transcription de Rui Henriques, publiée au 2^e volume de cet ouvrage.

27. *Nova História Militar de Portugal*, dir. Manuel Themudo Barata, Nuno Severiano Teixeira, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, vol. I, p. 362.

28. Lettre de Nuno Gato à D. Manuel, Azemmour, le 31 mars 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

29. Voir le cas d'Asilah, dans le lien entre la *Torre de Menagem* et la *Casa do Governador* (Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 187).

26. «Pagamentos à gente de ordenança e aos trabalhadores das obras da cidade e do castelo, 1514/1516» (ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 765, fls. 107, 117, 125v, 134, 154, 175, 197, 207), transcrição de Rui Henriques, publicada no 2.º volume desta obra.

27. *Nova História Militar de Portugal*, dir. Manuel Themudo Barata, Nuno Severiano Teixeira, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, vol. I, p. 362.

28. Carta de Nuno Gato a D. Manuel I, Azamor, 31 de Março de 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.



Fig. 11 – Baluarte de São Cristóvão. / Bastion de *São Cristóvão*.

torre de menagem²⁹, mas o pensamento da época já o recusava. A função simbólica de uma dessas torres transferiu-se para os valores plásticos que definem a estrutura. Pode-se considerar um estilo próprio dos Arrudas³⁰, pois são premissas que vão mantendo nas suas obras.

O cilíndrico desenha-se num raio interior igual a 22 palmos (4,84 metros) e exterior de 31 palmos (6,84 metros), com centro deslocado do cruzamento dos muros concorrentes que o torna mais projectado para o exterior. Com isto, o baluarte ganha um maior alcance radial para localização de bocas-de-fogo. Articula-se, ainda assim, com a Casa dos Capitães através do seu piso intermédio e do acesso à sua plataforma superior. O piso térreo está completamente entulhado nos dias de hoje, tornando impossível a sua avaliação. Em suma, este baluarte organizava-se em três andares sobrepostos, em que os dois inferiores abrigavam bombardeiras. Apesar de algumas dificuldades de reconhecimento, acredita-se numa distri-

29. Veja-se o caso de Arzila, na relação entre Torre de Menagem e Casa do Governador (Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 187).

30. Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., p. 132.

La fonction symbolique de l'une de ces tours a été transférée vers les valeurs plastiques qui définissent la structure. On peut considérer qu'il s'agit d'un style propre aux frères Arruda³⁰, car ce sont des prémisses qu'ils maintiendront dans leurs ouvrages.

Le cylindrique est dessiné dans un rayon interne égal à 22 empans (4,84 m) et extérieur à 31 empans (6,84 m), avec le centre déplacé du croisement des murs concurrents qui le projette davantage vers l'extérieur. Avec cela, le bastion gagne une plus grande portée radiale pour la localisation des bouches à feu. Il s'articule également avec la *Casa dos Capitães* grâce à son étage intermédiaire et à l'accès à sa plate-forme supérieure. Le rez-de-chaussée est actuellement entièrement remblayé, ce qui rend son évaluation impossible. En somme, ce rempart était organisé sur trois étages superposés où les deux étages inférieurs abritaient des canonnières. Malgré certaines difficultés de reconnaissance, on estime qu'il existait une distribution radiale de bouches à feu, y compris celles de tirs rasants aux pans verticaux des courtines fortifiées qui convergent vers le rempart (fig. 12).

Le dessin des canonnières, comme dans d'autres situations similaires, résulte en des dimensions

30. Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., p. 132.

buição radial de bocas-de-fogo, incluindo as de tiro rasante aos panos verticais das cortinas amuralhadas que para o baluarte concorrem (fig. 12).

O desenho das bombardeiras, tal como em outras situações afins, resulta em dimensões médias para uma boca exterior de 6 palmos (1,34 metros), a interior de 7 palmos (1,55 metros) ao cruzar o modelo tipo destas bombardeiras com a espessura do muro do baluarte. Esta é calculada a partir da medida que se denota no paramento que faz a ronda mais o peitoril no remate superior do baluarte – valor este que se

moyennes pour une bouche extérieure de 6 empanns (1,34 m), celle à l'intérieur est de 7 empanns (1,55 m), si l'on compare le modèle type de ces canonnières avec l'épaisseur du mur du bastion. Celle-ci est calculée à partir de la mesure indiquée par le parement du chemin de ronde plus le rebord dans la finition supérieure du rempart – valeur qui se rapproche de celle avancée par Rui Barreto pour l'épaisseur de la paroi, c'est-à-dire, 9 empanns (1,98 m)³¹.

Au-dessus des deux niveaux de canonnières, il y a une série de travées d'une certaine grandeur. Ce sont

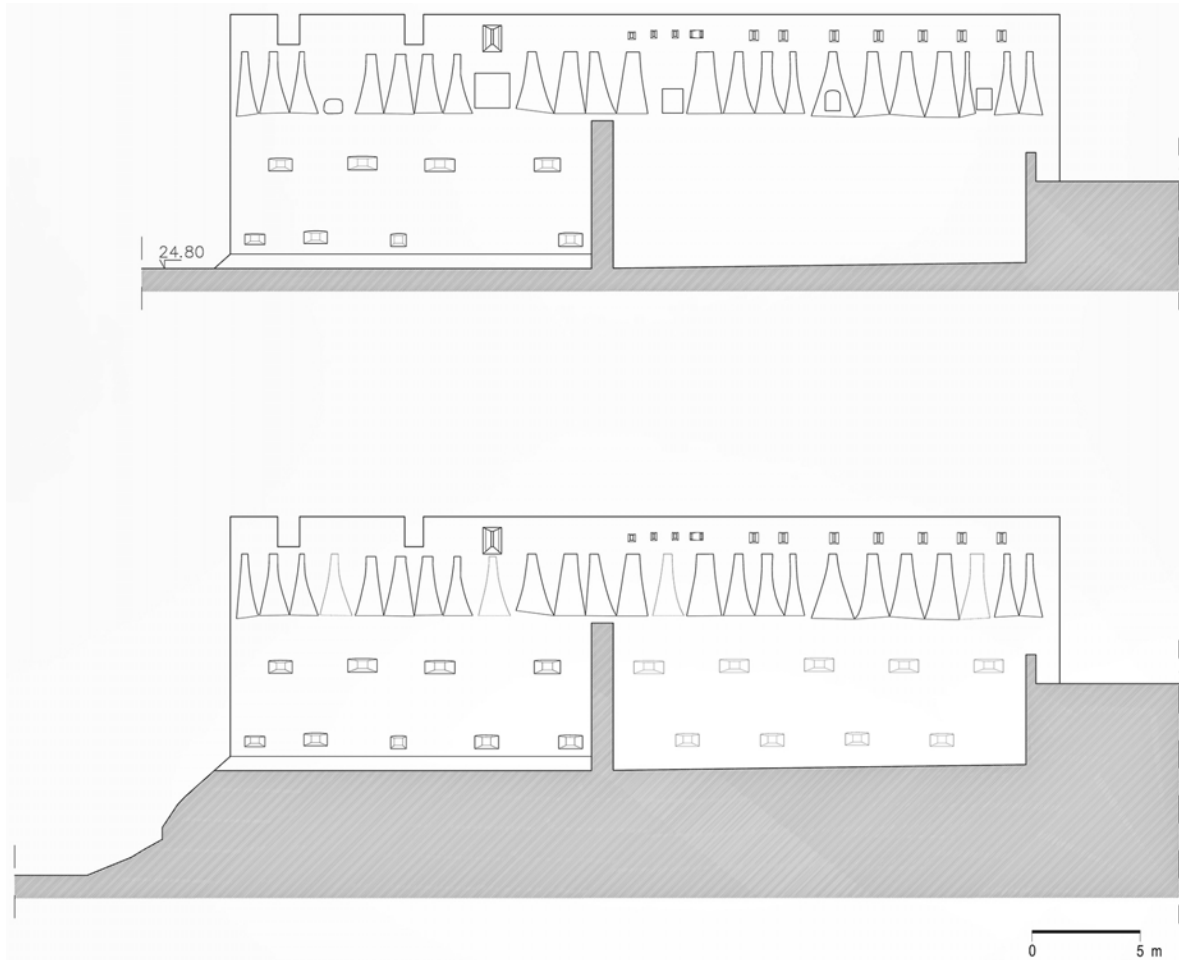


Fig. 12 – Alçados rebatidos do Baluarte de São Cristóvão. / Coupes du bastion de São Cristóvão.

aproxima do avançado por Rui Barreto para a espessura da parede, ou seja, 9 palmos (1,98 metros)³¹.

Acima dos dois níveis de bombardeiras, existe uma série de vãos com uma certa grandeza. São aberturas que interrompem a correnteza de sacadas rasgadas no topo do baluarte e que contrariam a ideia de fazer «huas sacadas como quaes todo a rroda»³². Não existe

31. «Queremos lhe fazer depois de cerrarmos as janelas por onde a de gugar artelharya grossa, que a de ir na grosura da mesma parede, que he nove palmos, e d'ahy pera cyma avemos de lançar huas sacadas como quaes todo a rroda (...)» - Carta de Nuno Gato a D. Manuel I, Azamor, 31 de Março de 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

32. *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

des ouvertures qui interrompent la rangée de saillies déchirées au sommet du bastion et qui vont à l'encontre de l'idée de faire «[des balcons comme ceux-ci tout autour]»³². Il n'existe aucune description sur ces fenêtres dans les lettres échangées avec le roi, il est toutefois possible qu'elles proviennent de travaux de reconstruction ultérieurs. De fait, le couronnement serait complété et rythmé par une sorte de dents en forme de console murale, telles de grosses pierres

31. Lettre de Nuno Gato à D. Manuel, Azemmour, le 31 mars 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

32. *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

qualquer descrição acerca dessas janelas nas cartas trocadas com o rei, sendo possível resultarem de alguma obra de reconstrução posterior. De facto, o coroamento seria completo e ritmado por uma espécie de dentes em forma de mísulas pingadas, ao jeito de matacões esculpidos no muro e não destacados em balcão. Deste modo prevenia-se a aproximação pelo inimigo à base do baluarte através do tiro vertical. Apesar de se saber ser uma técnica de guerra já em desuso, o assalto por aproximação aos paramentos e tentativa de derrube ou escalada não estaria erradicado dos campos de guerra.

Com algumas semelhanças, nomeadamente no risco do remate superior, o Baluarte do Raio é o de maior escala e o que mais se destaca do percurso da cerca (fig. 13). Nele se reconhece o traço dos mestres Diogo e Francisco de Arruda e o seu esforço de adaptação e transformação de uma antiga torre islâmica de conformação quadrática que a arqueologia vem reve-

sculptées dans le mur et non pas en forme de balcon. On empêchait ainsi, grâce au tir vertical, que l'ennemi ne s'approche de la base du bastion. Même si l'on sait qu'il s'agissait d'une technique de guerre déjà en désuétude, l'assaut par l'approche des parements et par des tentatives de renversement ou d'escalade ne serait pas éradiqué des champs de guerre.

Avec quelques similitudes, notamment concernant le tracé de la finition supérieure, le *Baluarte do Raio* est celui à plus grande échelle et qui se démarque le plus dans le pourtour de l'enceinte (fig. 13). On y reconnaît le tracé des maîtres d'œuvre Diogo et Francisco de Arruda et leur effort d'adaptation et de transformation d'une ancienne tour islamique de conformation quadratique que l'archéologie a récemment révélée. Le dessin de leur plan part de cette base orthogonale : deux carrés juxtaposés, un étant le préexistant avec 45 empanns de côté (9,9 m) et un demi-cercle de même diamètre. De l'extérieur, la structure est soutenue par une contrescarpe avec une inclinaison de 41°.



FIG. 13 – Baluarte do Raio. / Bastion du Raio.

lando recentemente. Desta base ortogonal parte o desenho da sua planta: dois quadrados justapostos, sendo um o pré-existente com 45 palmos de lado (9,9 metros) e um semicírculo com o mesmo diâmetro. Pelo exterior, a estrutura é amparada por um alambor com uma inclinação de 41°. Acima deste, as faces do baluarte elevam-se com uma ligeira obliquidade ao longo de um terço da altura restante. É uma superfície dissimulada mas que garante um reforço de um contorno amuralhado³³.

33. Nota-se o recurso a essa estratégia em vários desenhos de Francesco di Giorgio Martini (*Tratatto di architettura ingegneria e arte militare...* cit.).

Au-dessus de celle-ci, les faces du bastion s'élèvent avec une légère obliquité au long de plus d'un tiers de la hauteur restante. Il s'agit d'une surface cachée, mais qui assure le renforcement d'un contour fortifié³³. Les élévations présentent trois niveaux de tir. Les deux niveaux inférieurs sont des batteries de canonniers rectangulaires qui intercalent la position entre un étage et l'autre, favorisant une surveillance et une défense d'une très large portée par rapport à la zone environnante. La configuration du bastion résout

33. Nous remarquons le recours à cette stratégie dans plusieurs dessins de Francesco di Giorgio Martini (*Tratatto di architettura ingegneria e arte militare...* cit.).

Os alçados mostram três níveis de tiro. Os dois níveis inferiores são baterias de bombardeiras retangulares que intercalam a posição entre um piso e outro, favorecendo uma vigia e defesa bastante abrangente em relação à área envolvente. A configuração do baluarte resolve o cunhal da fortificação, unindo-se a dois dos lados amuralhados e respectivo caminho de ronda. A espacialidade interior deveria estar interligada e permitir acessos entre o lado poente e norte do Castelo³⁴ (fig. 14).

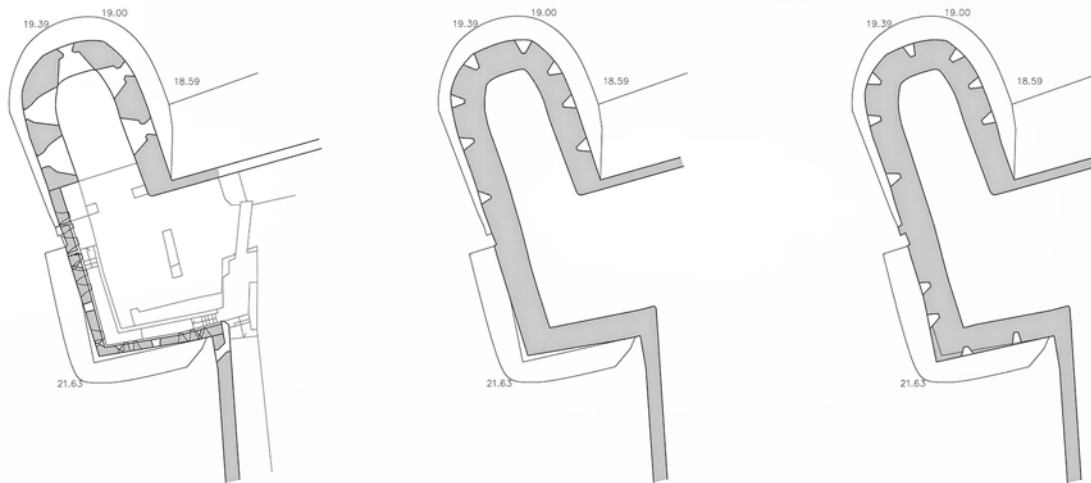


Fig. 14 – Secções horizontais do Baluarte do Raio. / Plans horizontaux du Bastion du Raio.

No topo, propunha-se um dispositivo de grande complexidade composto por seteiras ou besteiras de apoio a vãos para artilharia mais pesada servidos a partir da plataforma superior. Completava o arranjo um coroamento idêntico ao de S. Cristóvão, aliás bem detalhadamente descrito na epístola de Nuno Gato: «(...) que fyque hum peytoryl de dous palmos e meio de fora de toda a parede, e antre o peytoryl e a parede grossa antre quão e quão fyque hũa vysta, que nam posa nynguem chegar ao pé do baluarte (...)»³⁵. De risco semelhante, o engenho dos Arrudas também aqui propõe uma solução arquitetónica inovadora, escavando os orifícios na própria volumetria do baluarte. Marcam intervalos triangulares no paramento sobre os quais assenta o parapeito que resguarda o caminho de ronda³⁶. O seu desenho original

l'angle de la fortification, rejoignant deux des côtés fortifiés et le chemin de ronde respectif. La spatialité intérieure devrait être interconnectée et permettre l'accès entre le côté ouest et le côté nord du château³⁴ (fig. 14).

On proposait pour le sommet un dispositif complexe constitué d'archères ou d'arbalétrières d'appui aux travées pour l'artillerie la plus lourde desservie à partir de la plate-forme supérieure. Un couronnement identique à celui de S. Cristóvão qui est d'ailleurs bien

décrit en détail dans l'épître de Nuno Gato, complétait l'agencement : « [(...) qu'un rebord de deux emfans et demi dépasse tout le mur, et entre le rebord et le mur épais se garde une vue, que personne ne se puisse approcher du bastion (...)] »³⁵. L'ingéniosité des Arruda propose ici également une solution architecturale novatrice, dont le tracé est similaire, en creusant des trous dans la volumétrie elle-même du bastion. Ils marquent des intervalles triangulaires dans le parement sur lequel repose le parapet qui protège le chemin de ronda³⁶. Son dessin d'origine dans le bastion *do Raio* emboîterait, dans les inter-

34. Desconhecem-se os meios de circulação vertical interna entre os diversos níveis – o espaço interior do baluarte encontra-se num estado bastante destruído.

35. Carta de Nuno Gato a D. Manuel I, Azamor - 31 de Março de 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

36. Vejam-se, uma vez mais, os desenhos de Francesco di Giorgio Martini para os remates superiores das suas propostas de fortificação (algo de semelhante a Porto de Mós, uma aplicação antecedente, mas não exactamente com a mesma conformação, que poderá ter inspirado os irmãos Arruda; aliás, a base das guaritas da Torre de Belém tem, em miniatura, o mesmo tipo de aberturas (ver Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., p. 131). Não se trata de

34. On ignore quels étaient les moyens de circulation verticale interne entre les divers niveaux - l'espace intérieur du bastion étant dans un état de ruine très avancé.

35. Lettre de Nuno Gato à D. Manuel, Azemmour, le 31 mars 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-16), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 530-533.

36. Voir, une fois de plus, les dessins de Francesco di Giorgio Martini pour les finitions supérieures de ses propositions de fortification (quelque chose de similaire à Porto de Mós, une application antérieure, mais pas exactement avec la même conformation, qui a peut-être inspiré les frères Arruda ; d'ailleurs, la base des guérites de la Tour de Belém a, en miniature, le même type d'ouvertures (voir Rafael Moreira, «A época manuelina»... cit., p. 131). Il ne s'agit pas de balcons appuyés sur des consoles, mais ayant la même fonction, ils constituent une évolution de cette structure. Cependant, ils épousent le corps du bastion. De conception identique, la tour qui était à l'origine du château de Mazagan, un ouvrage des frères Arruda - la tour de Boreja, aurait un couronnement avec ce type de travées (Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África*... cit., p. 339).

no baluarte do Raio encaixaria, nos intervalos cegos, sacadas de igual dimensão às remanescentes. Por entre o estado ruinoso do baluarte é possível identificar ainda alguns elementos de pedra encastrados junto aos vãos do nível superior (fig. 15). O desenho e articulação entre essas peças, sempre a pares e colocada uma sobre outra (a de cima perfurada no topo e em baixo, a inferior com uma concavidade voltada para cima), fazem concluir que se tratariam de suportes para postes de bandeiras. São pequenas esculturas com decoração manuelina, incluindo cordoados, elementos torsos ou meias esferas. Tais vestígios encontram-se também no outro baluarte do qual nos chega um nome, o de S. Cristóvão.

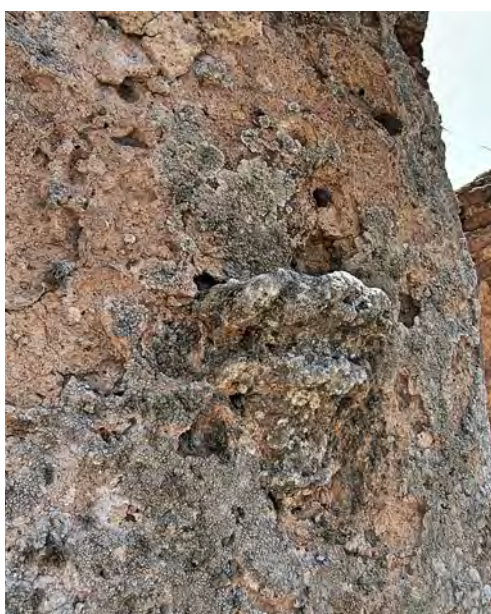


Fig. 15 – Suporte manuelino para bandeira no Baluarte do Raio. / Support manuélin pour drapeau au Bastion du Raio.

Outros houve que permanecem anónimos, sendo necessário anotá-los através de adjetivos de localização ou caracterização. O baluarte que interrompe a muralha Norte passar-se-á a designar por Baluarte N. Imponente estrutura saliente na muralha setentrional do castelo, ostenta unicamente a sua volumetria e um terraço no nível superior de acesso a partir do caminho de ronda (fig. 16). Intercala vãos de recorte simples e de maior dimensão para artilharia grossa com outros menores, mais delimitados e angulosos. Nestes, a área de perfuração integral é uma fresta, certamente para utilização de bestas, com faces inclinadas que apoiavam e protegiam o besteiro. A planta, reconhecida como do tipo em «U»³⁷, conjuga

balcões sobre cachorrada mas, tendo a mesma função, são uma evolução dessa estrutura. Porém, conformam-se de modo conjunto com o corpo do baluarte. Com desenho idêntico, a torre que esteve na origem do Castelo de Mazagão, obra dos Arrudas – Torre da Boreja, teria um coroamento com este tipo de vãos (Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 339).

valles aveugles, des saillies de même dimension que les restantes.

Au milieu de l'état de ruine du bastion, il est toujours possible d'identifier certains éléments de pierres encastrés près des travées du niveau supérieur (fig. 15). À en juger par le dessin et l'articulation entre ces parties, toujours jumelées et placées l'une sur l'autre (celle du haut perforée en haut et en bas, l'inférieure avec une concavité tournée vers le haut), il semble s'agir de support pour des poteaux destinés aux drapeaux. Ce sont de petites sculptures avec un décor de style manuélin, comprenant des cordages, des éléments torsadés ou des demi-sphères. Ces vestiges se trouvent aussi dans l'autre bastion duquel nous parvient un nom, celui de S. Cristóvão.

D'autres, restés anonymes, doivent être nécessairement enregistrés à travers des adjectifs de localisation ou de caractérisation. Le bastion qui interrompe la muraille nord sera désormais dénommé Bastion N. Il s'agit d'une imposante structure qui surgit de la muraille septentrionale du château fort qui déploie uniquement sa volumétrie et une terrasse au niveau supérieur de l'accès, à partir du chemin de ronde (fig. 16). Elle intercale des travées aux coupes simples et de plus grandes dimensions pour l'artillerie lourde avec d'autres plus petites, plus définies et anguleuses. Dans celles-ci, la zone de perforation intégrale et une fente étroite, certainement pour l'utilisation d'arbaleètes, avec des faces inclinées qui appuyaient et protégeaient l'arbalétrier. Le plan, reconnu comme étant de type «U»³⁷, combine un rectangle avec une semi-circconférence de rayon avec des valeurs très approxi-

37. C'est une avancée de la partie cylindrique, lui donnant plus de possibilités de surveillance et de tir. Les frères Arruda l'ont fait à Azemmour, mais aussi à Safi.



Fig. 16 – Baluarte N, na frente amuralhada norte. / Bastion N, façade nord fortifiée.

um rectângulo com uma semicircunferência de raio com valores muito aproximados dos 19 palmos. Em alçado, o exercício estabelece-se com grande simetria entre os diferentes tipos de abertura, exibindo grande equilíbrio na distribuição intercalada e dimensão dos espaçamentos. O baluarte deveria albergar diferentes níveis de fogo, como sugerem algumas marcas esbatidas pelo actual revestimento, e onde se podem ler recortes de bombardeiras.

Trata-se de um óptimo exemplo para se compreender o carácter de destaque que o alambor atribuiu a estas estruturas, massificando-lhes o semblante e dificultando a aproximação física ao pano de muralha. O ângulo de inclinação da sua superfície aproxima-se do recomendado para provocar ricochete de um projectil que o atingisse. Entre as primeiras medidas que se fizeram quando a arquitectura iniciou a sua transição e tentava dar resposta ao novo armamento, estava a acção de reforçar os muros com a construção deste tipo de taludes que provocassem um ângulo de incidência entre os 45° e os 60°, para favorecer o «rebate» do tiro atacante³⁷.

37. É um avanço da parte cilíndrica, dando-lhe mais possibilidades para vigia e tiro. Os Arrudas fizeram-no em Azamor, mas também em Safim.

38. Luís Mora-Figueroa, «Transformações artilheiras na fortificação tardo-medieval», in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*

mativas de 19 empans. En hauteur, l'exercice est défini avec une grande symétrie entre les différents types d'ouvertures, affichant un grand équilibre dans la distribution intercalée et dimension des espacements. Le bastion devait abriter différents niveaux de feu, comme le suggèrent certaines marques estompées par le revêtement actuel et où nous pouvons discerner des découpures de canonnières.

Il s'agit d'un excellent exemple pour comprendre l'importance que la contrescarpe attribuait à ces structures, en massifiant leur apparence et en empêchant l'approche physique au pan de muraille. L'angle d'inclinaison de sa surface est proche de ce qui est recommandé pour faire rebondir un projectile qui l'atteindrait. Parmi les premières mesures qui ont été prises quand l'architecture a commencé sa transition et tentait de répondre au nouvel armement, il était prévu de renforcer les murs avec la construction de ce type de talus qui s'élevaient à un angle entre 45° et 60°, afin d'atténuer le tir attaquant³⁸.

Finalmente, le quatrième bastion digne de cette classification dans le château fort portugais d'Azemmour est la structure avancée du mur de l'*atalho* près du

38. Luís Mora-Figueroa, « Transformações artilheiras na fortificação tardo-medieval », in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos 2000 - Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, dir. Isabel Cristina Ferreira Fernandes, Lisbonne, Edições Colibri, 2001, p. 651.

Finalmente, o quarto baluarte digno desta classificação no castelo português de Azamor, é a estrutura avançada do muro do atalho junto ao rio, também artificialmente apelidada aqui de Baluarte R. Eleva-se e assenta sobre um alambor fundido na escarpa que funcionava como defesa natural (fig. 17). O seu piso mais baixo encontra-se a uma cota já bastante elevada em relação ao rio Morbeia. Distribui dois níveis com várias bocas-de-fogo para armas de grande calibre. O remate superior encontra-se em estado de ruína, não sendo possível compreendê-lo. Porém, pode sugerir-se uma altura total para o baluarte de 42 palmos, suficiente para rematar os vãos superiores que se encontram incompletos. Mais uma vez, a planta constitui-se pela agregação de uma forma quadrangular com cerca de 33 palmos de lado, e no fecho, um semi-círculo de 14 palmos de raio. Aponta para montante, perscrutando o curso do rio, mas reparte as bombardeiras de forma radial, algumas delas apenas observáveis pelo interior.

Recentes sondagens arqueológicas revelaram um alambor de recorte escalonado, configurando-se no intervalo de ângulos ideal para a superfície de incidência (fig. 18). A escavação permitiu a recuperação do desenho do seu entalhe mas não da profundidade da cava. Tendo como referência, mais uma vez, os conselhos de Francesco di Giorgio, que afirma que um fosso deveria garantir profundidades entre os 5,5 e os 11 metros ou então apresentar numa proporção em relação à altura da muralha adjacente de valor igual ou dois terços do mesmo³⁹, e a observação local, é possível induzir o negativo do fosso nesta banda do atalho. Para mais, por entre o tecido urbano nas imediações do Baluarte R, existe um muro com ligeira inclinação, solto e independente, com uma localização que poderia corresponder a uma contra-escarpa do dito fosso.

Apesar de não poderem ser considerados baluartes, na sua acessão proto-moderna, há ainda duas estruturas que ajudam a completar o sistema defensivo de Azamor. São dois torreões: uma torre prismática a oeste, entre os baluartes de São Cristóvão e do Raio, e outra no extremo nordeste da praça. Por falta de identificação própria, designar-se-ão por Torre W e

fleuve, dénommé aussi ici artificiellement Bastion R. Elle s'élève et s'appuie sur une contrescarpe qui se fond dans l'escarpe qui fonctionnait comme défense naturelle (fig. 17). Son étage le plus bas se situe à une cote assez élevée par rapport au fleuve Oum er-Rbia. Il distribue deux niveaux avec plusieurs bouches à feu pour des armes de gros calibre. La finition supérieure est dans un état de ruine avancé, raison pour laquelle il est impossible de l'interpréter. Toutefois, on peut suggérer une hauteur totale de 42 empans pour le bastion, une hauteur suffisante pour raccorder les travées supérieures qui sont incomplètes. Une fois de plus, le plan est constitué par l'assemblage d'une forme quadrangulaire d'environ 33 empans de côté et, pour la fermeture, un demi-cercle avec un rayon de 14 empans. Il pointe vers l'amont en scrutant le cours du fleuve, mais distribue les canonnières de façon radiale, certaines d'entre elles ne pouvant être observées que de l'intérieur.

Des fouilles archéologiques récentes ont révélé une contrescarpe découpée en quinconce, se configurant dans l'intervalle d'angles idéal pour la surface d'incidence (fig. 18). L'excavation a permis de récupérer le dessin de son entaille, mais pas celui de la profondeur de la douve. Ayant comme référence, une fois encore, les conseils de Francesco di Giorgio qui affirme qu'un fossé devrait garantir des profondeurs entre 5,5 et 11 mètres ou alors présenter une proportion, par rapport à la hauteur de la muraille adjacente, de valeur égale ou les deux tiers de celle-ci³⁹, et à partir de l'observation *in situ*, il est possible d'induire le négatif du fossé dans cette bande de l'atalho. Il y a, en outre, au milieu du tissu urbain dans les environs du Bastion R, un mur légèrement incliné, détaché et indépendant avec un emplacement qui pourrait correspondre à une contrescarpe dudit fossé.

Bien qu'elles ne puissent pas être considérées comme des bastions dans leur acception postmoderne, deux structures qui aident à compléter le système défensif d'Azemmour s'y trouvent également présentes. Il s'agit de deux tourelles : une tour prismatique à l'ouest, entre les bastions de *S. Cristóvão* et celui *do Raio* et une autre à l'extrême nord-est de la place. Faute d'une identification appropriée, elles seront désignées par tour W et tour NE. Elles seront mieux comprises lorsqu'elles seront observées dans l'ensemble de la place, entre ce que furent la nouvelle construction proposée par les frères Arruda et les légères adaptations effectuées. Les deux contiennent des ouvertures

2000 – *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, dir. Isabel Cristina Ferreira Fernandes, Lisboa, Edições Colibri, 2001, p. 651.

39. Francesco di Giorgio Martini, *Tratatto di architettura ingegneria e arte militare...* cit., vol. I, pp. 9-16. A situação dos 2/3 de muralha como medida a atribuir à profundidade do fosso é algo que se nota em outros casos do panorama português (João Gouveia Monteiro, *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 36).

39. Francesco di Giorgio Martini, *Tratatto di architettura ingegneria e arte militare...* cit., vol. I, pp. 9-16. La proportion des 2/3 de la muraille comme mesure de la profondeur du fossé est noté dans d'autres cas portugais de l'époque (João Gouveia Monteiro, *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Lisbonne, Edições Colibri, 1999, p. 36).



Fig. 17 – Baluarte R sobre o rio. / Bastion R sur le fleuve.

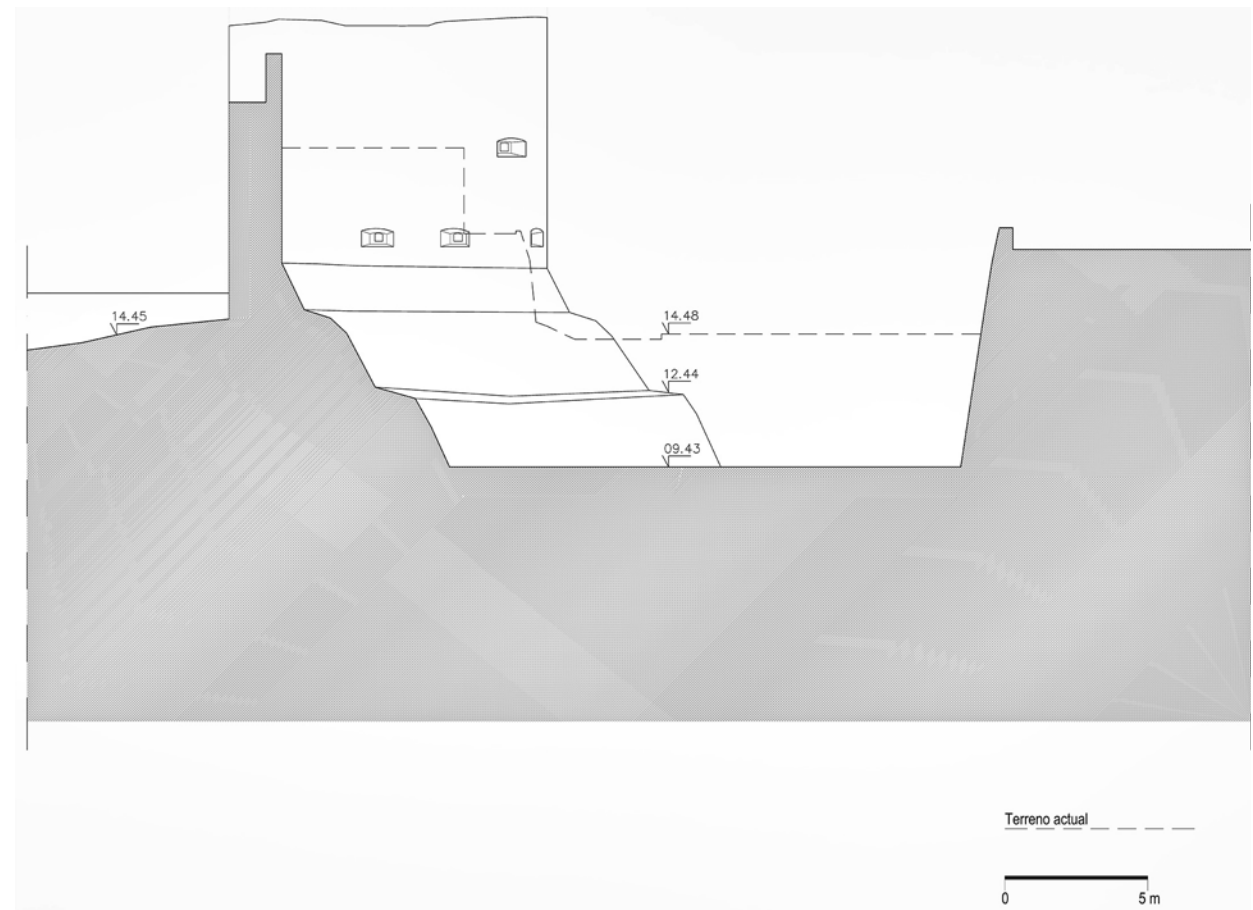


Fig. 18 – Corte pelo fosso do atalho junto ao Baluarte R. / Coupe par le fossé de l'atalho près du Bastion R.

Torre NE. Serão melhor entendidas quando observadas no conjunto da praça, entre aquilo que foi construção nova, proposta pelos Arrudas, e o que foram ligeiras adaptações. Ambas contêm aberturas para artilharia, podendo ser apenas resultado do ajuste feito pelos portugueses. A sua localização seria, certamente, já de extrema utilidade no tempo de funcionamento da cerca islâmica.

A Torre W, na inflexão da muralha a nascente, exhibe apenas um grande vão em cada um dos seus três lados voltados para o exterior da fortificação, não sendo claro se se trata ou não de mais de um arranjo posterior ao período português (fig. 19). A estrutura da Torre NE teve uma profusa obra de abertura de vãos para bombardeiras, de recorte largo e mais rectilíneo, assumindo os diferentes níveis com alinhamentos intercalados, tal como nos outros baluartes do castelo. Possui planta quadrangular de cantos arredondados sobre base trapezoidal. Já Vergílio Correia questionava se esta seria uma obra «nossa»⁴⁰, já que a sua disponibilidade enquanto estrutura militar nada tem a ver com os restantes baluartes novos (fig. 20).

4.2 Portas

Como mencionado atrás, durante o processo de atalho, todas as portas da cerca em torno do espaço que se passaria a designar de «vila velha» pelos portugueses foram entaipadas. Havia, no entanto, que garantir o acesso ao castelo, quer por mar como por terra. Tal como houve apropriação de panos de muralha, também as portas podem ter sido adaptadas, nomeadamente na muralha voltada para terra (lado poente da cidade) e no contacto com o mar (através do rio).

No primeiro caso, importa mencionar uma terceira abertura, já abordada atrás: a chamada Porta do Combate, actual *Bab el Medina* (Porta da Cidade) como única abertura nos muros da cidade velha que os portugueses terão mantido⁴¹ (fig. 21). Com o mesmo tipo de ideologia estrutural que a Porta da Vila, como evidencia o seu desenho de corte⁴², põe de lado o percurso em cotovelo e compõe-se em arco de volta inteira, inserido num pequeno torreão. O aparelho e biselamento da pedra são semelhantes. As evidências levam à conclusão que se trata de uma peça pré-existente com intervenção portuguesa.

40. Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 21.

41. Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 306.

42. A arcada é dupla e permite o espaçamento para «garantir a descida ou o encaixe de um forte taipal» (Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 21).

pour l'artillerie ce qui peut être simplement le résultat de l'ajustement apporté par les Portugais. Leur emplacement serait, certainement, déjà extrêmement utile à l'époque de fonctionnement de l'enceinte islamique. La tour W, dans l'inflexion de la muraille à l'est, affiche uniquement une grande travée dans chacun de ses trois côtés tournés vers l'extérieur de la fortification, il est difficile de déterminer s'il s'agit ou non d'une réparation postérieure à la période portugaise (fig. 19). La structure de la tour NE a eu un abondant travail d'ouverture d'espaces pour des canonnières avec une découpe large et plus rectiligne, les différents niveaux ayant des alignements intercalés, comme dans les autres bastions du château. Elle a un plan quadrangulaire aux coins arrondis sur une base trapézoïdale. Vergilio Correia se demandait déjà si c'était un ouvrage portugaise⁴⁰, puisque sa disponibilité en tant que structure militaire n'a rien à voir avec les autres nouveaux bastions (fig. 20).

4.2 Portes

Comme nous l'avons mentionné plus haut, au cours du processus d'atalho toutes les portes de l'enceinte, autour de l'espace qui serait désormais désigné de « vieille ville » par les Portugais, furent murées. Il fallait, néanmoins, assurer l'accès au château fort, à la fois par mer et par terre. Tout comme il y eut appropriation de pans de muraille, les portes ont peut-être elles aussi été adaptées, notamment dans la muraille tournée vers la terre (côté ouest de la ville) et en contact avec la mer (à travers le fleuve).

Dans le premier cas, il est important de mentionner une troisième ouverture, déjà abordée précédemment : la dénommée *Porta do Combate*, l'actuelle, *Bab el Medina* [Porte de la ville], comme l'unique ouverture dans les murs de la vieille ville que les Portugais auraient maintenue⁴¹ (fig. 21). Avec le même type d'idéologie structurelle que celle de la *Porta da Vila*, comme en témoigne le dessin de sa coupe⁴², elle met de côté le parcours en coude et se compose d'un arc en plein-cintre, inséré dans une petite tourelle. L'appareil et le biseautage de la pierre sont similaires. Les évidences permettent de conclure qu'il s'agit d'une pièce préexistante avec intervention portugaise. La *Porta da Vila* est sans aucun doute portugaise, insérée dans le bastion rectangulaire qui constitue la dent de l'atalho, l'une des sept structures notables qui signalaient des inflexions ou angles du château

40. Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 21.

41. Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 306.

42. L'arcade est double et permet l'espacement pour «garantir la descente ou l'emboîtement d'une forte cloison» (Jorge Correia, *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África...* cit., p. 21).



Fig. 19 – Torre W na frente amuralhada ocidental. / Tour W, façade occidentale fortifiée.



Fig. 20 – Torre NE junto ao rio. / Tour NE près du fleuve.



Fig. 21– Bab el Medina, antiga Porta do Combate. / Bab el Medina, ancienne *Porta do Combate*.

Portuguesa é, sem dúvida, a Porta da Vila inserida no baluarte rectangular que constitui o dente do atalho, uma das sete estruturas notáveis que assinalavam inflexões ou ângulos do castelo português. Seria a porta a guarnecer que maior prevenção militar requeria, visto ser a garantia de acesso ao interior do Castelo (fig. 22). O caminho de ronda do muro do atalho que descia desde S. Cristóvão continuaria na fachada sul da torre e permitiria usufruir de artilharia instalada nos dois vãos superiores que, tão distinta-

fort português. Ce serait la porte à garnir qui requerrait une plus grande protection militaire, vu qu'elle assurait l'accès à l'intérieur du château (fig. 22). Le chemin de ronde du mur de l'atalho qui descendait de S. Cristóvão continuerait sur la façade sud de la tour et permettrait d'utiliser l'artillerie installée sur les deux travées supérieures qui symétrisent, si distinctement, cette élévation. De cette façon, tant la surveillance que l'attaque de l'ennemi qui s'approcherait étaient garanties sur le front du château.

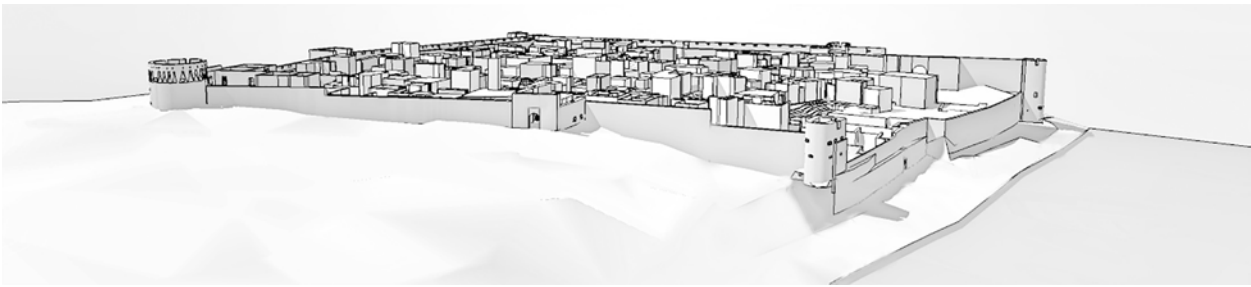


Fig. 22 – Modelo 3D do muro do *atalho* com Baluarte e Porta da Vila. / Modulation 3D du mur de l'*atalho* avec le Bastion et la Porte da Vila.

mente, simetizam este alçado. Deste modo, tanto a vigilância como o ataque ao inimigo que se aproximasse ficava garantido no sentido frontal ao Castelo. O percurso interior do baluarte desenvolve-se em cotovelo, articulado com uma segunda porta disposta perpendicularmente à primeira⁴³, que ligaria com o sistema viário da vila portuguesa. A Porta da Vila só seria acessível pelo exterior através de um sistema de ponte levadiça reforçada por gradeamento em guilhotina, sustentado por cordas em roldanas com contrapesos. O recorte que as ombreiras fazem permitiria ainda a utilização de uma porta de batente no lado mais interior. Os dois vãos das portas do complexo da Porta da Vila são em arquivolta de pleno centro, ombreiras chanfradas e dimensões muito aproximadas. Regem-se por uma geometria que parelha meia circunferência de diâmetro igual ao lado de um quadrado que constitui o corpo de serventia do vão (2,5 varas).

Enquanto estrutura arquitectónica, o Baluarte da Porta da Vila conforma-se numa torre cuja altura se aproxima muito do que teria sido o muro do *atalho* (conforme já sugerido). A planta desenha-se em dois quadrados de lado igual a 40 palmos e distingue duas áreas de funcionamento: circulação entre interior/exterior do castelo; manobra de artilharia para disparo através de duas bombardeiras localizadas a nascente, de modo a proteger o troço de *atalho* que desce até ao rio. Menos bem conservada está, à cota baixa, uma outra bombardeira no lado sul.

Ainda de referência são dois elementos em pedra que ladeiam os vãos superiores. Serviriam para suportar algum tipo de panejamento ou mesmo bandeiras ilustrativas do novo senhor da praça.

De menores dimensões, mas garantindo também um circuito em cotovelo, define-se a Porta da Ribeira. O desgaste e erosão dos silhares é bastante, mas lêem-se as formas de arco em volta perfeita, quer no

Le parcours intérieur du bastion se développe en coude, articulé avec une seconde porte disposée perpendiculairement à la première⁴³, qui serait reliée au système viare de la ville portugaise. On ne pouvait avoir accès à la *Porta da Vila* que de l'extérieur à travers un système de pont-levis renforcé par un grillage en forme de guillotine soutenu par des cordes passant par des poulies à contrepoids. La découpe des jambages permettrait également l'utilisation d'une porte à battant du côté le plus intérieur. Les deux travées des portes du complexe de la *Porta da Vila* sont des archivoltes en plein cintre, des jambages chanfreinés et de dimensions très approximatives. Elles sont régies par une géométrie qui va de pair avec une demi-circconférence de diamètre égal au côté d'un carré qui constitue le corps qui dessert la travée (2,5 varas).

En tant que structure architecturale, le bastion de la *Porta da Vila* prend la forme d'une tour dont la hauteur se rapproche beaucoup de ce qu'aurait été le mur de l'*atalho* (comme nous l'avons déjà suggéré). Le plan est dessiné dans deux carrés dont chaque côté est égal à 40 empanns et distingue deux aires de fonctionnement : la circulation entre l'intérieur et l'extérieur du châteaut ; une manœuvre d'artillerie pour le tir à travers deux canonnières situées à l'est, afin de protéger le tronçon de l'*atalho* qui descend jusqu'au fleuve. Il existe, à cote basse et moins bien conservée, une autre canonnière du côté sud.

Il convient de mentionner deux éléments de pierre qui encadrent les travées supérieures. Ils auraient servi à soutenir une sorte de drapé voire des drapeaux illustratifs du nouveau seigneur de la place.

De plus petite dimension, mais assurant toutefois également un circuit en coude la *Porta da Ribeira* est ainsi définie. L'usure et l'érosion des pierres de taille sont importantes, mais on y lit les formes de l'arc en plein cintre, tant du côté qui est en contact avec le fleuve que dans la travée de transition vers l'intérieur du chateau fort. Dans le premier, la dimension de la composition de l'arc est de 6 empanns et la

43. Após a passagem da primeira porta, os militares da praça poderiam atacar a um nível superior através de varandins (caminho de ronda, neste caso) massacrando o inimigo que ficaria encurralado dentro de uma torre entre duas portas (Júlio Gil, *Os mais belos castelos...* cit., p. 229).

43. Après le passage de la première porte, les militaires de la place pourraient attaquer à partir d'un niveau supérieur à travers un balcon étroit (le chemin de ronde en l'occurrence) et massacrer l'ennemi qui était pris au piège à l'intérieur d'une tour entre deux portes (Júlio Gil, *Os mais belos castelos...* cit., p. 229).

lado que contacta com o rio como no vão de transição para o interior do castelo. No primeiro, a dimensão de composição do arco é de 6 palmos e a altura livre até ao arranque da curvatura é de aproximadamente 7 palmos e meio; no segundo, comprimindo ainda mais o acesso à vila, 5 varas para a determinação do arco e 7 palmos para a altura da parte recta do vão. Salvarde-se o facto da cota de chão actual ter por certo subido em relação à da época, com a recente construção do passeio à beira-rio e a recente arranjo de espaço público do bairro Kasbah/Mellah. Esta porta comporta-se como um túnel marcado por diferentes coberturas e contornos nas paredes (fig. 23). São visíveis marcas de orifícios onde se fixariam espigões e outros elementos num complexo jogo de portas e estruturas de amarração.

hauteur libre jusqu'au départ de la courbure est d'environ 7 empans et demi ; dans le second, comprimant davantage l'accès à la ville, 5 varas pour déterminer l'arc et 7 empans pour la hauteur de la partie droite de la travée. Nous enregistrons le fait que la cote du sol actuel a certainement augmentée par rapport à celle de l'époque, avec la construction récente d'un trottoir au bord du fleuve et le récent agencement de l'espace public du quartier Kasbah/Mellah. Cette porte fonctionne comme un tunnel marqué par différents contours et couvertures sur les murs (fig. 23). Des marques d'orifices, dans lesquelles auraient été fixés des piquets et d'autres éléments dans un jeu complexe de portes et de structures d'amarrage, sont encore visibles.

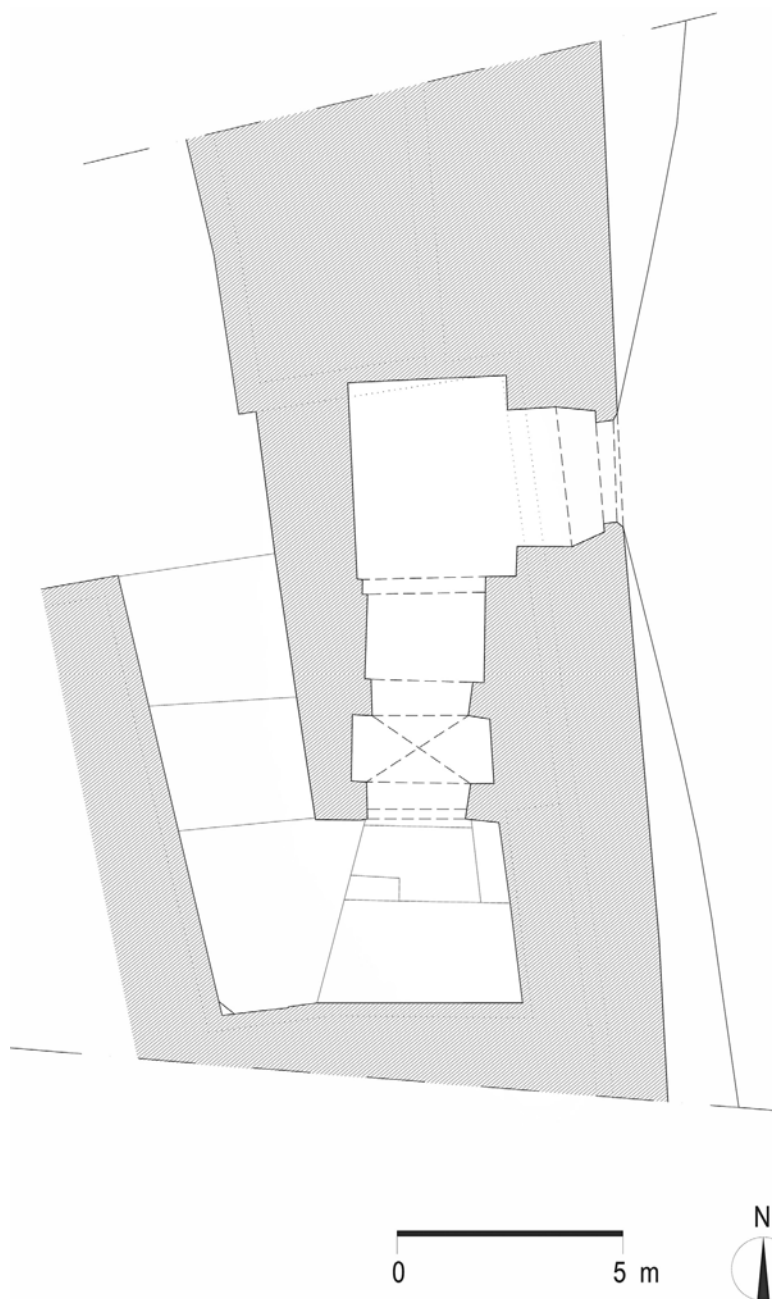


Fig. 23 – Planta da Porta da Ribeira. / Plan de la Porte riveraine.

4.3 Sistema defensivo do castelo

Conhecendo o tipo de armas usadas na época, assim como o respectivo alcance de fogo e as características de cada uma das peças construídas, é possível perceber como responderia a arquitetura do Castelo de Azamor a uma situação de ataque à época de D. Manuel I. Fundamental é, ainda, estudar o modo como a obra dos Arrudas se articulou com a muralha herdada da cidade que encontraram em 1513 aquando da conquista, analisando as aptidões geométricas sobre as quais se redesenhou o perímetro amuralhado e os baluartes já estudados.

Quando os portugueses se adaptaram às construções e traçados existentes em três dos lados da praça (o quarto é o atalho que fecha o Castelo) terão optado por se sobrepor ao que já estava assente. A delimitação da área amuralhada segue o perímetro preexistente a leste, norte e oeste, vindo o atalho a introduzir um novo fecho a sul. Entre as ações de reforço dos muros e construção de alambor, os portugueses tiveram, ainda, de seleccionar a localização dos seus baluartes estratégicos que, provavelmente, construíram sobre bases primitivas. Para além disso, a abertura de vãos para bombardeiras foi expressiva, procurando assegurar um grande poder de fogo. Cada opção terá certamente reflectido acerca da capacidade de alcance das armas que possuíam, articulada com os percursos a efectuar dentro do Castelo. Interessa então avaliar até que ponto cada uma das estruturas se conjuga com a(s) sua(s) adjacente(s) (fig. 24). Verifica-se que a maior distância de maior valor entre baluartes corresponde a cerca de 125,30m, entre o Baluarte do Raio e o Baluarte N. As restantes extensões a percorrer estabilizam-se entre os 42,45 e os 56,90 metros, tanto na muralha sul como na poente. Assim, garantiam-se situações favoráveis de cruzamento de tiro mais próximo pela defesa activa com armas de maior calibre. A Casa dos Capitães, que protagoniza um cunhal da vila e o principal ponto de distribuição de homens e armas para o caminho de ronda do atalho e muro poente, favorece o mesmo tipo de distâncias demonstrada nos casos anteriores em relação a construções adjacentes. Ligeiramente maiores são as distâncias entre ângulos do sistema dentado na margem do rio.

A eficácia defensiva de uma praça em caso de ataque, dependia da articulação entre a disposição arquitectónica e o alcance das armas. A utilização de bombardeiras nos baluartes estava sujeita a um cuidado específico quanto ao seu dimensionamento. As aber-

4.3 Le système défensif du château fort

Connaissant le type d'armes utilisées à l'époque, ainsi que la portée de feu respective et les caractéristiques de chacune des pièces construites, il est possible de comprendre comment l'architecture du château fort d'Azemmour aurait répondu à une situation d'attaque à l'époque de D. Manuel I. Il est fondamental, également, d'étudier la façon dont l'ouvrage des frères Arruda s'est articulé avec la muraille héritée de la ville qu'ils ont trouvée en 1513 lors de la conquête, en analysant les aptitudes géométriques sur lesquelles le périmètre fortifié et les bastions déjà étudiés ont été redessinés.

Lorsque les Portugais se sont adaptés aux constructions et aux tracés existant sur les trois côtés de la place (le quatrième est l'*atalho* qui ferme le château) ils auraient opté pour se superposer à ce qui était déjà en place. La délimitation de la zone fortifiée suit le périmètre préexistant à l'est, au nord et à l'ouest, l'*atalho* venant introduire une nouvelle fermeture au sud. Parmi les actions de renforcement des murs et la construction de la contrescarpe, les Portugais, ont dû également sélectionner l'emplacement de leurs bastions stratégiques qu'ils ont, probablement, construit sur des bases primitives. En outre, l'ouverture de travées, destinées aux canonnières, a été très significative, cherchant à assurer une grande puissance de feu. Chaque option a certainement dû être pondérée par rapport à la capacité de la portée des armes qu'ils possédaient et articulée avec les parcours à effectuer à l'intérieur du château. Il convient donc d'évaluer dans quelle proportion chacune des structures se combine avec sa/ses structures adjacente(s) (fig. 24).

On constate que la distance de plus grande valeur entre les bastions correspond à environ 125,30m, entre le *Baluarte do Raio* et le *Baluarte N*. Les autres longueurs à parcourir se stabilisent entre 42,45 et 56,90 mètres, tant dans la muraille sud que dans celle de l'ouest. On garantissait ainsi des situations favorables de croisement de tirs plus proche par la défense active avec des armes de plus gros calibre. La *Casa dos Capitães*, qui est l'élément principal d'un angle de la ville et le point le plus important de distribution d'hommes et d'armes pour le chemin de ronde de l'*atalho* et de la muraille ouest, favorise le même type de distances présentées dans les cas précédents en ce qui concerne les constructions adjacentes. Les distances entre les angles du système denté sur la rive du fleuve sont légèrement plus grandes.

L'efficacité défensive d'une place en cas d'attaque, dépendait de l'articulation entre la disposition architecturale et la portée des armes. L'utilisation de canon-

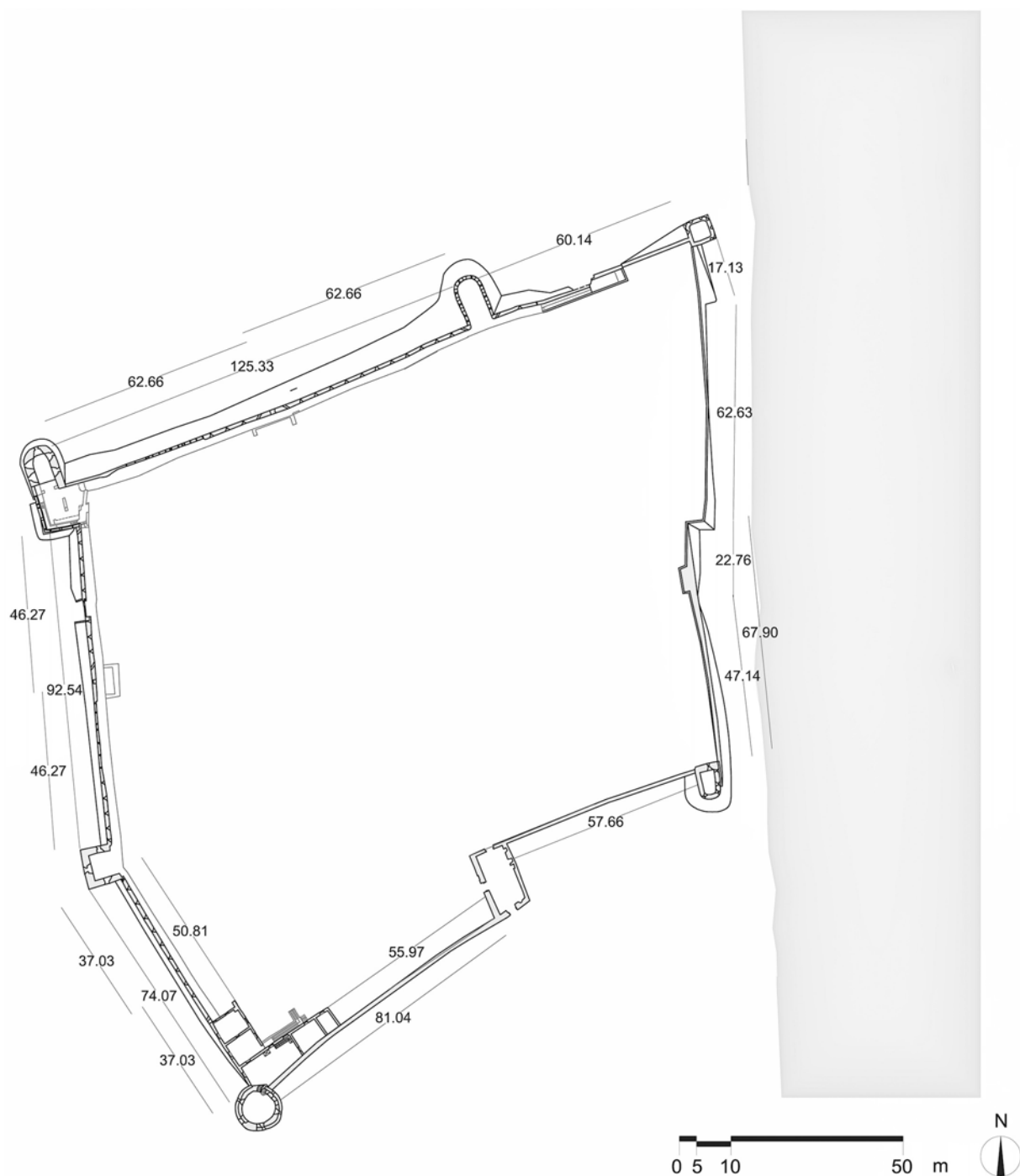


Fig. 24 – Planta do castelo português, com indicação de medidas entre estruturas notáveis. / Plan du château portugais, avec l'indication des mesures entre les structures remarquables.

turas para bocas-de-tiro não deveriam ser amplas demais, para não fragilizar o baluarte, nem expor os homens que operavam as armas. Necessitavam, ainda, de uma relação ideal entre a altura do vão exterior e a cota do piso, assim como de uma garantia sobre o ângulo de disparo ótimo para não ser necessário recorrer a dispositivos verticais para içar ou manobrar as armas⁴⁴.

Azamor possui um grande número destes vãos para bombardas cujo tiro eficaz estaria dentro de um

nières dans les bastions était soumise à un soin particulier concernant leur dimension. Les ouvertures pour les bouches de tir ne devaient pas être trop larges, pour ne pas fragiliser le bastion ni exposer les hommes qui manipulaient les armes. Elles requéraient également un rapport optimal entre la hauteur de la travée extérieure et la cote du sol et une garantie sur l'angle de tir optimale pour ne pas avoir à recourir à des dispositifs verticaux pour hisser ou manœuvrer les armes⁴⁴. Azemmour possède un grand nombre de ces travées

44. Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião...* cit., p. 259.

44. Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião...* cit., p. 259.

alcance entre os 50 e os 150 metros⁴⁵. Já as diversas aberturas para besta acautelavam a defesa a uma distância que podia atingir os 200m⁴⁶. Porém, para uma maior eficácia e uso da sua possibilidade de fazer pontaria certa ao inimigo, a besta seria mais válida se disparada a uma distância máxima de 100m⁴⁷. Na praça em estudo merece ainda destaque o tiro mergulhante a partir dos Baluartes de São Cristóvão e do Raio⁴⁸. Com estes dados e através dos actuais levantamentos de cada boca-de-fogo existente, torna-se possível tentar uma aproximação às possibilidades de funcionamento da praça no seu expoente máximo, aplicando o cruzando de fogo sempre que possível.

A mancha alcançada pela capacidade de seteiras/besteiras é bastante ampla e pode considerar-se ter sido ainda maior (fig. 25). Todo o perfil do muro voltado a sul, onde desapareceu o parapeito do muro do atalho, constituiria um forte recurso para a utilização dessas armas. Por seu lado, os baluartes incluem algumas aberturas para besta no coroamento das suas estruturas, mesmo que com uma pequena amplitude do ângulo da boca do vão (São Cristóvão, Raio e N). As principais linhas de fogo para setas localizam-se na parte superior da muralha, localizadas a norte e a poente, desmultiplicando-se e criando áreas de alcance do tiro na direcção frontal aos muros da cerca. Convém ter em consideração que todas estas aberturas para lançamento de setas no castelo português poderão ter sido alargadas e rasgadas com base em frestas pré-existent⁴⁹.

45. Referências sobre esta material podem ser encontradas em «Artilharia», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, Lisboa, Verbo, 1994, vol. I, p. 90, e Mário Jorge Barroca, «Armamento Medieval», in *Nova História Militar de Portugal...* cit., vol. I, p. 139.

46. A besta é uma arma neurobalística portátil, de madeira e/ou aço, que lançava virotes de modo muito mortífero. O arco, montado numa coronha, era muito certo podendo ter um alcance de 200m. Se disparado a cerca de 75m de distância era fatal. Permitia mirada directa e depois de montada, podia esperar o tempo que fosse necessário, dando-lhe uma utilização muito fiável (Mário Jorge Barroca, «Armamento Medieval»... cit., vol. I, p. 139). Foi provavelmente pelas suas capacidades de exactidão e rapidez de execução que esta arma continuou a ser largamente utilizada nos campos de batalha mesmo durante o século XVI (*A arquitectura Militar na Expansão Portuguesa*, Porto, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p. 19).

47. «Artilharia», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses...* cit., vol. I, p. 90.

48. Mesmo sendo uma técnica cada vez mais desnecessária aos cenários de guerra, nem os tratadistas italianos a desprezavam, aplicando as estruturas que a afixassem em várias propostas de remate superior dos baluartes (Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião...* cit., p. 260).

49. Refira-se que os rasgamentos do lado norte, junto ao Baluarte do Raio, são de recorte bastante primário e podem ainda ser registos da cerca islâmica herdada, pois são do mesmo tipo os

pour des bombardes dont le tir efficace serait d'une portée comprise entre 50 et 150 mètres⁴⁵. Alors que les différentes ouvertures pour les arbalètes garantis-saient la défense à une distance qui pouvait atteindre les 200m⁴⁶. Cependant, pour une plus grande efficacité et une meilleure utilisation de sa capacité à effectuer un tir précis sur l'ennemi, l'arbalète serait plus efficace si le tir était effectué à une distance maximale de 100 m⁴⁷. Sur la place qui fait l'objet de notre étude, il convient également de souligner le tir plongeant à partir des bastions *de São Cristóvão* et *do Raio*⁴⁸. Avec ces données et à partir de l'inventaire actuel de chaque bouche à feu existante, il devient possible d'essayer une approche des différentes possibilités de fonctionnement de la place dans son exposant maximal, en appliquant le croisement de feu lorsque cela est possible.

La tache atteinte par la capacité des archères ou des arbalétriers est assez vaste et on peut considérer qu'elle aurait été encore plus grande (fig. 25). Tout le profil du mur tourné vers le sud, où le parapet du mur de l'*atalho* a disparu, constituerait un fort recours pour l'utilisation de ces armes. Pour leur part, les bastions comprenaient quelques ouvertures pour des arbalètes dans le couronnement de leurs structures, même si la largeur de l'angle de la bouche de la travée est petite (*São Cristóvão*, *Raio* et *N*). Les principales lignes de tir pour les flèches sont situées dans la partie supérieure de la muraille, localisées au nord et à l'ouest, se démultipliant et créant des zones de portée de tirs en direction aux murs de l'enceinte. Il convient de tenir compte du fait que toutes ces ouvertures pour le lancement de flèches dans le château fort portugais ont peut-être été élargies et déchirées à partir de fentes préexistantes⁴⁹.

45. Des références sur ce matériel peuvent être trouvées dans «Artilharia», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, Lisbonne, Verbo, 1994, vol. I, p. 90, et Mário Jorge Barroca, «Armamento Medieval», in *Nova História Militar de Portugal...* cit., vol. I, p. 139.

46. L'arbalète est une arme névroballistique portable, en bois et/ou en acier, qui lançait des virotes de façon très meurtrière. L'arc, monté sur un fût, était très précis et pouvait avoir une portée de 200m. Son tir était fatal lorsqu'il était effectué à environ 75m de distance. Cette arme permettait une visée directe et une fois montée, on pouvait attendre aussi longtemps que nécessaire, lui donnant une utilisation très fiable (Mário Jorge Barroca, «Armamento Medieval»... cit., vol. I, p. 139). C'est probablement pour ses capacités de précision et de rapidité d'exécution que cette arme a continué à être largement utilisée sur les champs de bataille, même durant le XVIe siècle (*A arquitectura Militar na Expansão Portuguesa*, Porto, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p. 19).

47. «Artilharia», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses...* cit., vol. I, p. 90.

48. Même s'il s'agissait d'une technique de moins en moins nécessaire dans les scénarios de guerre, les auteurs italiens de traités ne la négligeaient pas, appliquant les structures qui la soutiendraient dans diverses propositions pour la finition supérieure des bastions (Pedro Cid, *A Torre de São Sebastião...* cit., p. 260).

49. Il convient de noter que les ouvertures du côté nord, près du bastion *do Raio*, présentent une découpe assez primaire et qu'il

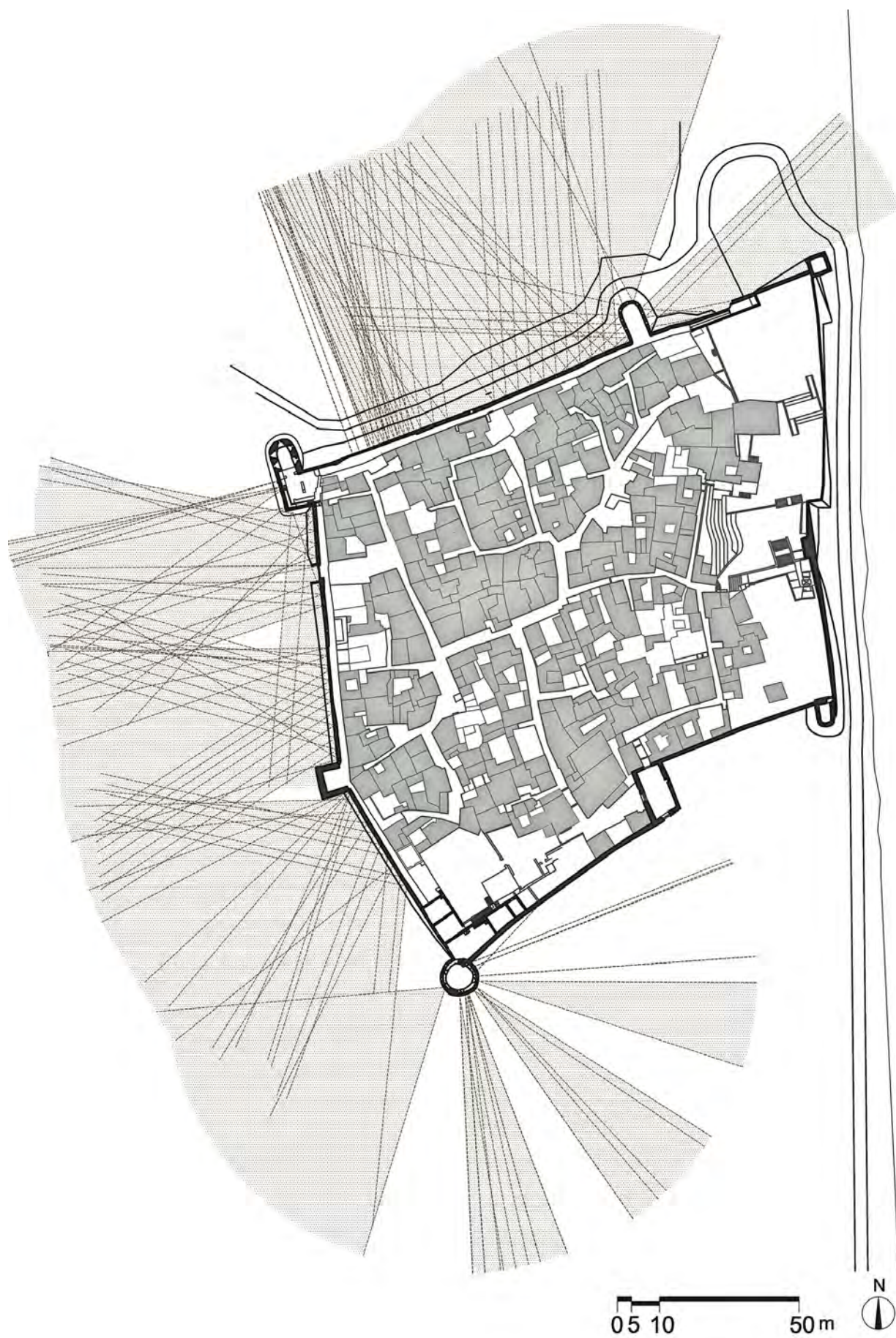


Fig. 25 – Mancha de cobertura de tiro das seteiras/besteiras do castelo. / Surface atteinte par les tirs provenant des archères/arbaletrières du château.

Quando ao poder de fogo de artilharia, há vários níveis a considerar: cota baixa, cota intermédia, coroa-mento de alguns baluartes ou mesmo as bombardeiras rasgadas no peitoril do caminho de ronda⁵⁰. Toda a frente do atalho estaria completamente assegurada por tiro de bombardas, pelo cruzamento de tiro que se pode observar no nível mais baixo e ainda mais no nível intermédio (fig. 26). As zonas a norte e oeste da praça, com alcance de tiro espalhado por uma vasta área, manifestam algumas regiões a descoberto. Note-se, no entanto, que esta é das áreas com maior cobertura por tiro de besta. Com menos veemência, mas ainda assim presente e espraiando-se um pouco por toda a frente de rio, seria feita a defesa da muralha a nascente: o Baluarte R e a Torre NE têm uma distribuição radial de pontos de mira, não garantindo uma eficácia total mas mostrando a sua presença. A tarefa executada nos muros dentados seria essencial para a protecção da Porta da Ribeira. A existência de bombardeiras nos dentes da muralha do lado do rio não se consegue detectar, talvez pelas várias reconstruções, mas poder-se-á ter dado o caso de os disparos serem lançados desde o parapeito (cota superior) e não por abertura de bombardeiras. As duas estruturas com uso de artilharia de modo mais intensivo são os baluartes de maior investimento documentado por parte dos Arrudas, São Cristóvão e Raio, ainda que deixando espaços intermédios não assegurados (fig. 27). Na ala setentrional, o cruzamento de tiro com o Baluarte N resolve algumas dessas situações, tal como a Torre W na inflexão resolve outras a ocidente. Entre baluartes ou torres, ao longo do caminho de ronda, as bombardeiras que aí se localizam garantem pontos intermédios de tiro dirigido para áreas distintas das que os baluartes alcançam

Uma situação especial e ambígua surge no Baluarte R, com um vão superior de recorte igual ao das outras bombardeiras, mas que se volta para o interior da praça. A sua função poderia ser a de um postigo ou uma janela de vigia. A ter funcionado como bombardeira, ajudaria ao cruzamento de fogo no interior do castelo português, em caso de extrema necessidade. O sistema defensivo do castelo admitia, ainda, bombardeiras cujo ângulo de abertura se dirigia demasiado para o muro adjacente, necessitando de grande perícia para dirigir o tiro sem danificar a cerca defensiva. Este facto releva o conhecimento dos homens de

vãos que se propagam na muralha voltada a poente no sector da medina.

50. Para uma avaliação do poder de fogo, não se consideram os vãos que interrompem as sacadas para tiro mergulhante do Baluarte de São Cristóvão.

En ce qui concerne la puissance de feu de l'artillerie, plusieurs niveaux doivent être pris en compte : la cote basse, la cote intermédiaire, le couronnement de certains bastions ou même les canonnières ouvertes sur le rebord du chemin de ronde⁵⁰. Tout le front de l'*atalho* serait entièrement assuré par le tir de bombardas, par les tirs croisés qui peuvent être observés au niveau inférieur et davantage au niveau intermédiaire (fig. 26). Les zones au nord et à l'ouest de la place, avec une portée de tirs répartie sur une vaste zone, présentent certaines régions non couvertes. Il est à noter, cependant, qu'il s'agit de l'une des zones les mieux couvertes par des tirs d'arbalètes. À l'est, la défense de la muraille serait faite avec moins de véhémence, mais aurait tout de même été présente et se serait répandue un peu partout sur le front du fleuve : le bastion R et la tour NE ont une distribution radiale de points de mire qui ne garantissent pas une efficacité totale, mais montrent néanmoins leur présence. La tâche, exécutée sur les murs dentés, serait essentielle pour la protection de la *Porta da Ribeira*. L'existence de canonnières dans les dents de la muraille du côté du fleuve ne peut pas être discernée, peut-être à cause des diverses reconstitutions, mais il se peut que les tirs aient été effectués du parapet (cote supérieure) et non pas à partir de canonnières. Les deux structures qui ont le plus utilisé l'artillerie furent le bastion de *São Cristóvão* et le bastion *do Raio* qui ont d'ailleurs eu un plus grand investissement documenté de la part des frères Arruda, bien que certains espaces intermédiaires n'aient pas été assurés (fig. 27). Dans l'aile nord, les tirs croisés du Bastion N résolvent certaines de ces situations, comme la tour C dans l'inflexion en résout d'autres à l'ouest. Entre les bastions ou les tourelles, le long du chemin de ronde, les canonnières qui s'y trouvent assurent des points intermédiaires de tirs dirigés vers des zones différentes de celles que les bastions parviennent à atteindre.

Une situation particulière et ambiguë surgit dans le bastion R, avec une travée supérieure ayant une découpe semblable à celle des autres canonnières, mais tournée vers l'intérieur de la place. Son rôle pourrait être celui d'un guichet ou d'une fenêtre de guet. En supposant qu'elle ait fonctionné comme canonnière, elle aurait appuyé les tirs croisés à l'intérieur du château fort portugais, en cas d'extrême nécessité.

pourrait encore s'agir de traces de l'enceinte islamique héritée, car les travées qui se propagent dans la muraille tournée vers l'ouest dans le secteur de la médina sont du même type.

50. Pour une évaluation de la puissance de feu, nous ne tenons pas compte des travées qui interrompent les saillies pour le tir plongeant du bastion de *São Cristóvão*.

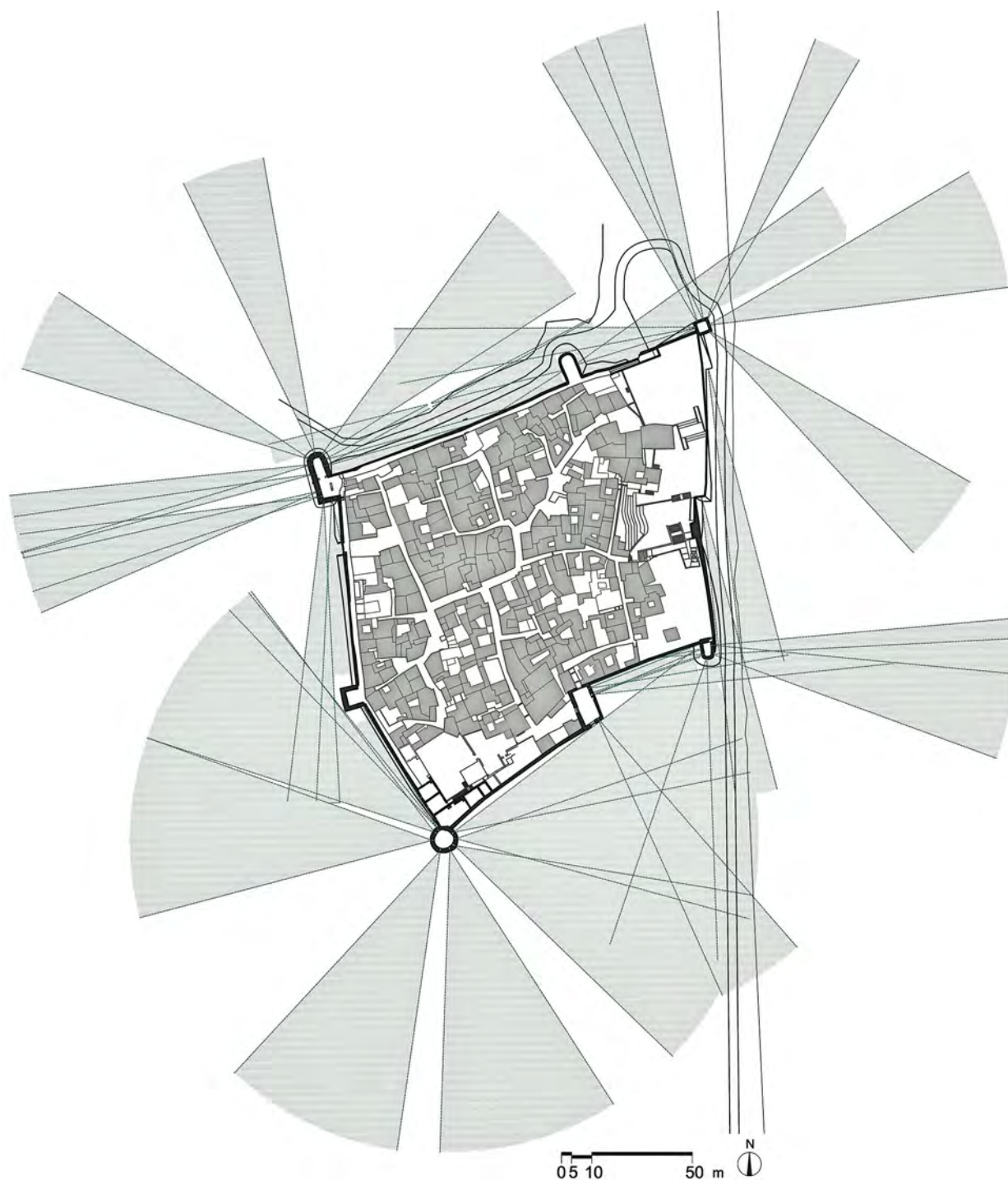


Fig. 26 – Mancha de cobertura de tiro das bombardeiras do nível inferior do castelo. / Surface atteinte par les tirs provenant des arbalétrières du niveau inférieur du château.

armas de então que as manuseavam num equilíbrio delicado entre quantidade de pólvora, qualidade do engenho e ângulo de tiro. Era de extrema importância terem pleno controlo da trajectória e alcance do projectil, pois as distâncias cruzadas patentes em Azamor são, muitas vezes, inferior ao alcance máximo de tiro. Pode revelar inaptidão para dominar a técnica artilheira e/ou a dificuldade em lidar com aos aproveitamentos de estruturas herdadas. O facto de não ser uma construção arquitectónica de raiz pode não ter permitido colocar em prática todo o conhecimento

Le système défensif du château admettait également des canonniers dont l'angle d'ouverture était trop dirigé vers le mur adjacent, ce qui requérait une grande habileté à diriger le tir sans endommager l'enceinte défensive. Ce fait révèle la connaissance qu'avaient les hommes d'armes d'alors qui les manipulaient dans un équilibre délicat entre la quantité de poudre, la qualité de l'engin et l'angle de tir. Le contrôle total de la trajectoire et de la portée du projectile s'avéraient extrêmement importants, car les distances croisées patentes à Azemmour sont

disponível. A época era de transição entre tendências e de experiência. No entanto, as opções seriam várias e as escolhas tomadas perfazem o resultado que se formalizou no castelo português de Azamor. A cerca chega aos nossos dias denunciando alguns problemas que só as fortificações abaluartadas, no entendimento mais moderno do termo, viriam a dar resposta.

Todavia, numa visão global, e voltando à noção de que uma fortificação não funciona por partes mas antes como um conjunto interdependente, o castelo de Azamor actuaria conjuntamente através das suas bombardeiras e besteiros, articulando estrutu-

souvent inférieures à la portée maximale de tir. Cela peut révéler une certaine inaptitude à dominer la technique de l'artillerie et/ou une certaine difficulté à s'adapter à des structures héritées qui avaient été maintenues. Il se peut, car il ne s'agissait pas d'une nouvelle construction architecturale, qu'elle n'ait pas permis de mettre en pratique tout le savoir disponible. C'était une époque d'expérience et de transition entre tendances. Cependant, les options seraient nombreuses et les choix effectués complètent le résultat qui s'est formalisé dans le château fort portugais d'Azemmour. L'enceinte arrive jusqu'à nos jours

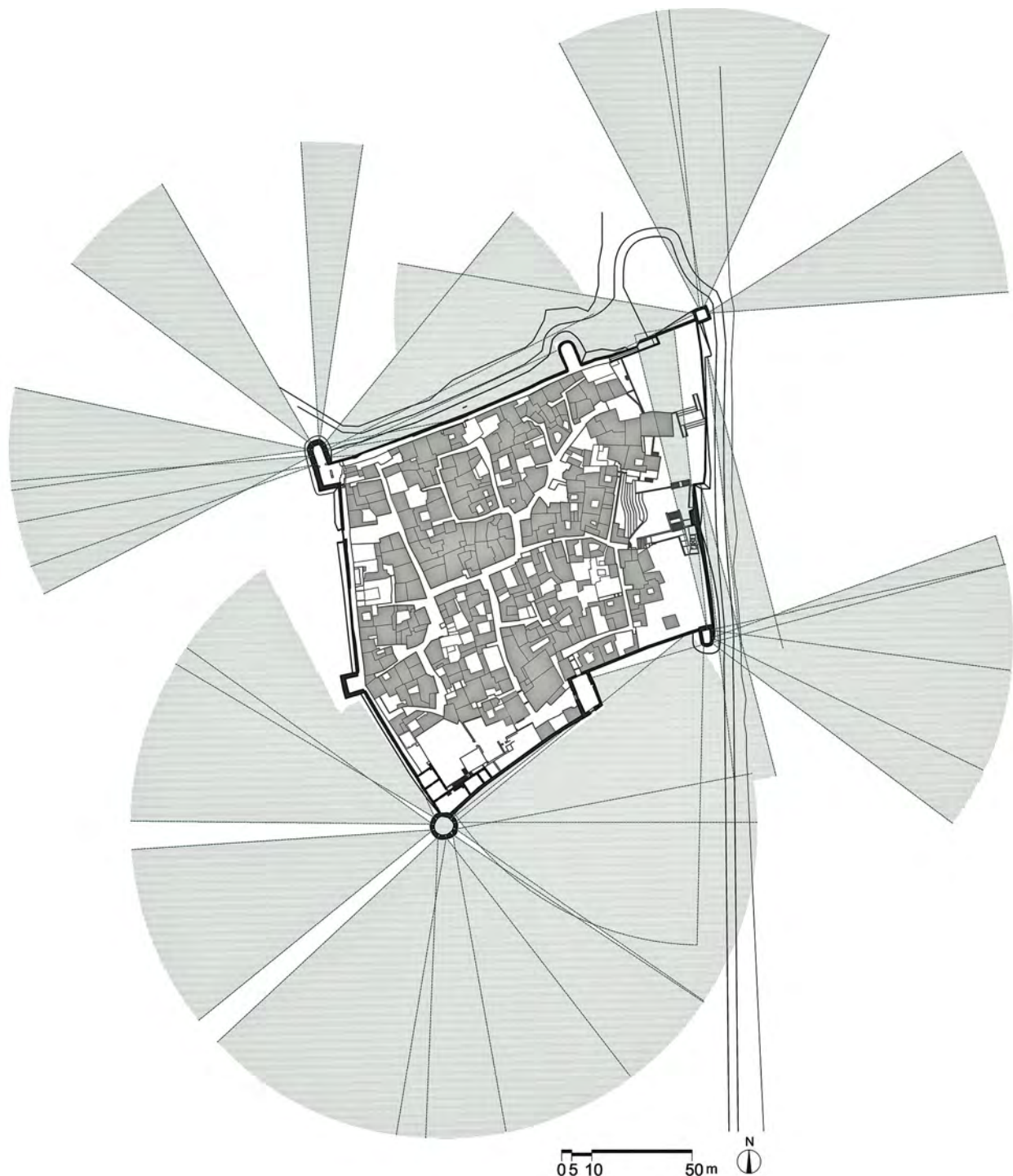


Fig. 27 – Mancha de cobertura de tiro das bombardeiras do nível intermédio do castelo. / Surface atteinte par les tirs provenant des arbalétriers à partir du niveau intermédiaire du château.

ras arquitectónicas com os diversos níveis de fogo (fig. 28). As áreas abrangidas por tiro mostram como muitas das situações imperfeitas, no que a sectores não defensáveis diz respeito, aparecem agora resolvidas. Dependendo das relações com a cota de piso para manobrar o ângulo de tiro e a possibilidade de

dénonçant certains problèmes auxquels seules les fortifications bastionnées, dans l'acception la plus moderne du terme, viendraient apporter une solution. Cependant, dans une vision globale et pour revenir à la notion selon laquelle une fortification ne fonctionne pas par parties, mais plutôt, comme un ensemble

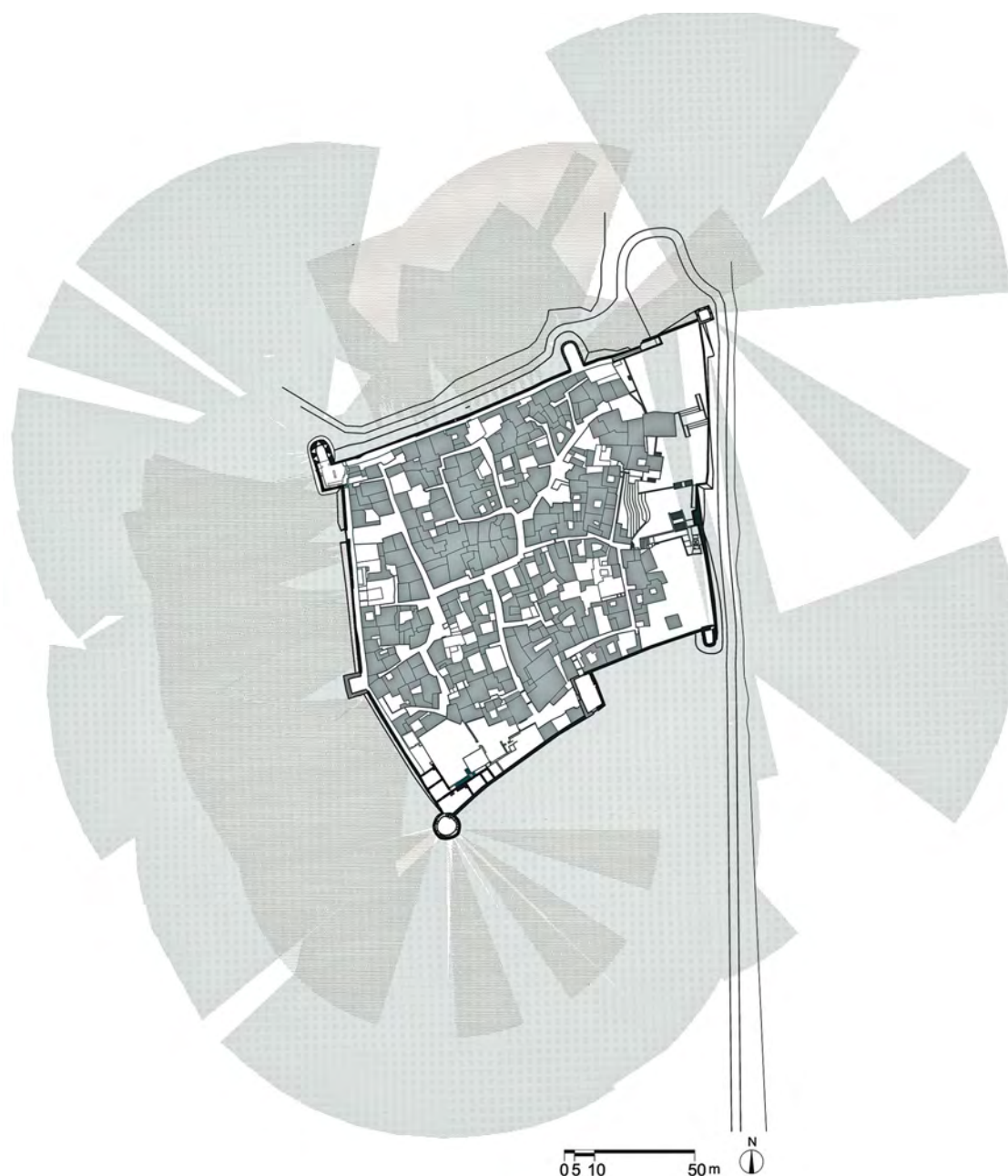


Fig. 28 – Mancha de cobertura de tiro total do castelo português. / Surface totale atteinte par les tirs provenant du château portugais.

mobilidade das armas para diferentes trajectória na mesma bombardeira, Azamor surge como organismo inexpugnável. No entanto, sabe-se que, pelo reduzido número de militares⁵¹ e indisponibilidade de equi-

interdependant, le château d'Azemmour agirait conjointement par le biais de ses canonnières et de ses arbalétrières, en articulant des structures architecturales avec divers niveaux de tir (fig. 28). Les zones concernées par le tir montrent comment de nombreuses situations imparfaites, en ce qui concerne les secteurs non défendables, apparaissent maintenant résolues. Dépendant des relations avec la cote du sol pour manœuvrer l'angle de tir et la possibilité de mobilité des armes pour différentes

51. Apenas cerca de 2600 homens permaneceram na guarnição militar, que juntamente com os moradores fariam um total de 3000 pessoas a habitar Azamor. Estes dados resultam da epistolografia de D. João de Menezes, relatando as ordens do rei (Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., p. 113).

pamentos de artilharia⁵², grande parte (ou mesmo a maioria) dessas bombardeiras não estariam permanentemente em estado de defesa, apesar de espingardeiros e besteiros existirem em maior número⁵³. Certo é que o inimigo nunca poderia ter total consciência destes dados e a memória recente cuidava os maiores receios. A imagem que se queria preservar era a de uma grande armada organizada pelo duque de Bragança para conquistar a cidade ou ainda a vitória portuguesa na Batalha dos Alcaides.

5. A vila portuguesa

5.1 Vila nova

Se até agora se discutiu a (con)formação do castelo português, para Azamor o termo vila também se teria aplicado. Efectivamente, castelo e vila identificam-se especialmente em Azamor onde traçado do atalho permitia a manutenção de uma área confortável para a implantação de uma vila no seu interior e a acomodação de toda a população calculada em cerca de mil moradores. Este número corresponde a aproximadamente um terço das expectativas aquando da conquista em 1513 pois a população portuguesa, dividida entre moradores e fronteirios, rondaria apenas as seis centenas na década de 20 do século XVI⁵⁴. A este número será necessário acrescentar uma comunidade judia constituída por umas centenas de pessoas, para além de uns quantos habitantes estrangeiros europeus, para se atingir o milhar de almas.

Entre os anos de 1513 e 1514, a estratégia passou pela construção de um castelo em Mazagão e pela concentração populacional em Azamor, apesar de algumas vozes contrárias⁵⁵. Muito provavelmente terá partido de Simão Correia, capitão da praça a partir de 1516,

52. «Quanto a Vosa Alteza mandar hyr todalas sseis bombardas grossas e toda outra muniçam; ainda que Vosa Alteza digua por quanto a fortaleza jaa ssera forte, ainda que ho ela nom sseja, bem me parece que podemos escussar tres d'elas, (...) ainda que eu nom ssey como Vosa Alteza querera tirar de huum baluarte que se faz no canto do castelo da parte de dentro da cidade muy grande e muy fremosso, a que chamam Sam Cristovam, hum par de bonbardas grosas; e ao canto onde o muro da cidade vem entestar, onde foy o combate, se faz outro, a que chamam do Rayo (...) que, com outras duas bonbardas grosas d'aly, aja Vosa Alteza por certo que em toda a cidade, nom podera entrar nenhuma jente com estes dous baluartes, ainda que lhe abram as portas da cidade» – Carta de Rui Barreto a D. Manuel I, Azamor, 21 de Fevereiro de 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 489-501.

53. Ver nota 6.

54. Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., pp. 113-114.

55. Carta de João de Meneses a D. Manuel I, Azamor, 1/9 de Dezembro de 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-14-4), in *Documentos do Corpo Chronologico*... cit., pp. 459-467.

trajectoires dans la même canonnière, Azemmour émerge en tant qu'organisme inexpugnable. Cependant, on sait que, par le nombre réduit de militaires⁵¹ et par l'indisponibilité d'équipements d'artillerie⁵², une grande partie (voire la majorité) de ces canonniers ne serait pas en état de défense permanente, bien qu'il existe des espingardiers et des arbalétriers en plus grand nombre⁵³. Il est certain que l'ennemi ne pourrait jamais avoir pleinement conscience de ces données et que la mémoire récente suscitait les plus grandes craintes. L'image que l'on souhaitait préserver était celle d'une grande armée organisée par le duc de Bragança pour conquérir la ville ou encore la victoire portugaise lors de la Bataille des *Alcaides*.

5. La ville portugaise

5.1 La ville nouvelle

Si jusqu'à présent nous avons discuté la (con)formation du château fort portugais, pour Azemmour le terme ville a aussi été appliqué. En effet, le château et la ville s'identifient dans un même espace à Azemmour où l'*atalho* permettait le maintien d'une zone confortable pour le déploiement d'une ville à l'intérieur et l'hébergement de l'ensemble de la population estimée à près d'un millier de résidents. Ce nombre correspond à environ un tiers des attentes au moment de la conquête en 1513, car la population portugaise, divisée entre les résidents et les frontaliers, ne tournerait autour que de six centaines de personnes dans la deuxième décennie du XVI^e siècle⁵⁴. Il faudra ajouter à ce nombre une communauté juive constituée d'une centaine de personnes, en plus de quelques habitants étrangers européens, pour atteindre les mille âmes. Malgré certaines voix contraires⁵⁵, entre les années 1513 et 1514, la stratégie est passée par la construction d'un château fort à Mazagan et par une concentration de la population à Azemmour. Simão Correia, capitaine de la place à partir de 1516, aurait été très probablement à l'origine d'un plan d'inter-

51. Seuls environ 2600 hommes sont restés dans la garnison militaire ce qui, conjointement avec les habitants, ferait un total de 3000 personnes à habiter à Azemmour. Ces données sont le résultat de l'épistolographie de D. João de Meneses, rapportant les ordres du roi (Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., p. 113).

52. Lettre de Rui Barreto à D. Manuel I, Azemmour, le 21 février 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 489-501.

53. Voir note 6.

54. Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., pp. 113-114.

55. Lettre de João de Meneses à D. Manuel I, Azemmour, le 1-9 décembre 1513 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-14-4), in *Documentos do Corpo Chronologico*... cit., pp. 459-467.

um plano de intervenção à escala urbana, disposto em várias frentes de acção, com particular ênfase para a disposição interna do novo castelo atalhado: «(...) e sayba Vosa Alteza que cheo todo de casas na ordem que vam as de Vosa Alteza e as ruas aruadas e calçadas de ladrilho, de muyto que ha nesta cydade, que cada hum calçara sua porta, com que se escusaram de muyto poo e lama que qua ha, (...) eu nam sey cousa que mays fermosa podesse ser, nem mays valença pera os omens vyverem nela (...)»⁵⁶. O discurso, nomeadamente o vocabulário utilizado, denuncia um posicionamento próximo de uma arruação regulada, denunciando um pioneiro higienismo moderno. Afastando-se dos traçados apertados construídos pelos muçulmanos que os portugueses observavam nas suas conquistas magrebina, o urbanismo era, agora, mais atento ao espaço público e inseria-se no pensamento manuelino da época.

A profícua epistolografia enviada ao rei insistia na edificação de casas no interior do castelo e no derube ou conservação de casas ou bairros existentes na vila velha, a zona excluída pelo atalho. A alusão à manutenção de algumas dessas casas na vila velha denuncia lentidão e inércia na criação de condições para a instalação de toda a população dentro dos muros do novo castelo/vila. Por vezes, a insistência recaía apenas no aproveitamento dos materiais despojados para novas construções na nova vila. Todas estas indicações pressupõem uma estratégia para a ocupação territorial da superfície atalhada. Uma vez que o castelo aparece descrito como «(...) ermo, ssem nenhua cousa, ssemam huas casas que hy estavam descubertas (...)»⁵⁷, não parece que o aproveitamento de casas herdadas no interior do perímetro acastelado tenha sido um recurso, com excepção da mesquita em igreja. Deste modo será verosímil a conclusão acerca de uma implantação da vila nova sobre terreno quase vazio ou com poucos condicionalismos edificados. A densidade residencial árabe da cidade à data da tomada portuguesa já se concentraria a sul da dita mesquita e, por conseguinte, do muro do atalho. Terrenos para a construção de casas no interior do castelo foram, desde cedo, solicitados pelo próprio mestre Diogo de Arruda⁵⁸. Se Diogo, juntamente com seu irmão Francisco, havia estado presente nas decisões concernentes à implantação das casas da arti-

vention à l'échelle urbaine disposé sur plusieurs fronts d'action avec un accent particulier sur l'aménagement interne du nouveau château réduit : « [Sachez Votre Altesse que si l'on remplit de maisons selon les ordres de Votre Altesse et si l'on trace et pave les rues, comme il y en a beaucoup dans cette ville et que chacun pave devant sa maison, on pourrait éviter beaucoup de poussière et de boue (...)] »⁵⁶. Le discours, et en particulier le vocabulaire utilisé, dénonce un positionnement proche d'un tracé de rues régulier, dénonçant un hygiénisme moderne pionnier. En s'éloignant des tracés étroits construits par les musulmans, que les Portugais observaient dans leurs conquêtes maghrébines, l'urbanisme était maintenant plus attentif à l'espace public et s'insérait dans la pensée manuéline de l'époque.

La féconde épistolografie envoyée au roi insistait sur la construction de maisons à l'intérieur du château et sur la démolition ou la conservation de maisons ou quartiers existants dans la vieille ville, autrement dit dans la zone exclue par l'*atalho*. L'allusion au maintien de certaines de ces maisons dans la vieille ville dénonce la lenteur et l'inertie dans la création de conditions pour l'installation de l'ensemble de la population dans les murs du nouveau château/ville. Parfois, l'insistance retombait à peine sur l'utilisation d'anciens matériaux pour les nouvelles constructions dans la nouvelle ville. Toutes ces indications présupposent une stratégie pour l'occupation territoriale de la surface réduite. Étant donné que le château est décrit comme « [isolé sans aucune chose, si ce n'est quelques maisons en ruines] »⁵⁷, il ne semble pas qu'il y ait eu un recours à l'utilisation de maisons héritées à l'intérieur du périmètre fortifié, à l'exception de l'utilisation de la mosquée comme église. Ainsi la conclusion à propos de l'implantation de la ville nouvelle sur un terrain pratiquement vide ou avec peu de contraintes construites est très plausible. La densité résidentielle arabe de la ville à la date de la prise portugaise se concentrerait déjà au sud de ladite mosquée et, par conséquent, du mur de l'*atalho*.

Des terrains pour la construction de maisons à l'intérieur du château ont très tôt été demandés par maître Diogo de Arruda⁵⁸. Si Diogo, conjointement avec son frère Francisco, avait été présent lors de la prise des décisions concernant l'implantation des maisons de l'artillerie et de la grange⁵⁹ et lors de la conception de

56. Carta de Simão Correia a D. Manuel I, Azamor, 3 de Outubro de 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, nº 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

57. Carta de Rui Barreto a D. Manuel I, Azamor, 21 de Fevereiro de 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, nº 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

58. *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

56. Lettre de Simão Correia à D. Manuel I, Azemmour, le 3 octobre 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, nº 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

57. Lettre de Rui Barreto à D. Manuel I, Azemmour, le 21 février 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, nº 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

58. *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

59. « (...) Senhor, quanto aos celeiros e cassa d'artelharia que Vosa Alteza manda fazer no castelo, jaa hos teemos Nuno Gato e Dioguo

lharia e celeiro⁵⁹ e no desenho de baluartes tão importantes como o de São Cristóvão e do Raio, certamente que ao ensaio urbanístico não será alheia uma contribuição dos mestres, sob os auspícios de Simão Correia. Dada a estada mais prolongada de Diogo na cidade, o conselho deste terá sido mais instruído⁶⁰. Esta equipa terá, por conseguinte, pensado um plano urbano que correspondesse às aspirações reais para o povoamento de Azamor: «(...) Quanto as cassas que Vosa Alteza manda que sse façam no castelo, sse me parecer bem ssera muy bom fazerem-sse (...)»⁶¹. Os trabalhos terão tido continuidade com Antão Pires, a trabalhar como pedreiro em Azamor desde 1515⁶², vindo a assumir a responsabilidade suprema das obras na praça cinco anos depois.

A vila portuguesa organizar-se-ia em dois pólos (fig. 29). À cota alta, distribuídos em torno do terreiro da vila, localizavam-se a Casa dos Capitães, a igreja matriz e o acesso à Porta da Vila. Do mesmo espaço público arrancava a rua Direita que, descrevendo um cotovelo, alcançava a Porta da Ribeira, à cota baixa. Junto à entrada fluvial foi criado outro pólo que agrupava três equipamentos de apoio mercantil – a feitoria, a casa dos contos e a alfândega⁶³. O canal definido pela rua Direita fomentaria alguma regularidade de ruas paralelas e perpendiculares. A tipologia de quarteirão alongado aparece timidamente, resgatada a partir dos canais viários e parcelamento actuais. Menos de três décadas de presença portuguesa em Azamor foram suficientes para incutir rudimentos de urbanismo regulado ainda legíveis nos tecidos contemporâneos da área correspondente ao castelo português, hoje o bairro Kasbah/Mellah.

As primeiras impressões, no que à morfologia urbana deste bairro diz respeito, revelam grandes aglomerações de habitações voltadas para os seus pátios. A antiga rua Direita portuguesa pode ter sido um de dois canais ainda existentes (fig. 30). Por um lado, o

59. «(...) Senhor, quanto aos celeiros e cassa d'artelharia que Vosa Alteza manda fazer no castelo, jaa hos teemos Nuno Gato e Dioguo d'Arruda e Francesco d'Arruda e eu asynados onde ham de ser. (...)», in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

60. «Pagamentos à gente de ordenança e aos trabalhadores das obras da cidade e do castelo, 1514/1516» (ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 765, fls. 107, 117, 125v, 134, 154, 175, 197, 207), transcrição de Rui Henriques, publicada no 2.º volume desta obra.

61. Carta de Rui Barreto a D. Manuel I, Azamor, 21 de Fevereiro de 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

62. Francisco Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988, vol. II, pp. 294-295. Cf. Vergílio Correia, *Lugares Dalêm...* cit., p. 36.

63. «(...) e ha porta da rybeyra feita hum cays, e a alfandega e feytoria logo pegada com ela (...)». Carta de Simão Correia a D. Manuel I, Azamor, 3 de Outubro de 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, n.º 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

bastions aussi importants que celui de *São Cristóvão* et *do Raio*, il est certain qu'une contribution des maîtres ne serait pas étrangère à l'essai urbain, sous l'égide de Simão Correia. Compte tenu du séjour plus prolongé de Diogo dans la ville, le conseil de ce dernier aurait été plus averti⁶⁰. Cette équipe aurait, par conséquent, pensé à un plan urbain qui correspondrait à des aspirations royales pour le peuplement d'Azemmour : «[(...) En ce qui concerne les maisons que Votre Altesse ordonne de construire dans le château, il me semble bien et cela sera très bénéfique de les faire (...)]»⁶¹. Les travaux se seraient poursuivis avec Antão Pires qui travaillait comme maçon à Azemmour depuis 1515⁶² et qui viendrait à assumer la responsabilité suprême des travaux dans la place cinq ans plus tard.

La ville portugaise se serait organisée en deux pôles (fig. 29). À cote haute, distribués autour de la place publique de la ville, se trouvaient la *Casa dos Capitães*, l'église matrice et l'accès à la *Porta da Vila*. La *Rua Direita* [Rue Directe, ainsi appelée parce qu'elle menait directement au centre de la ville, mais n'était pas forcément droite, comme pourrait le laisser supposer la traduction littérale], qui décrivait un coude, partait de ce même espace public et rejoignait la *Porta da Ribeira*, à cote basse. Un autre pôle qui regroupait trois équipements destinés à soutenir le commerce – la factorerie, la maison des comptes et la douane⁶³ – fut créé près de l'entrée fluviale. Le canal défini par la *Rua Direita* fomenterait une certaine régularité de rues parallèles et perpendiculaires. La typologie de pâtés de maisons allongés apparaît timidement, récupérée par les canaux routiers et le parcellement actuels. Moins de trois décennies de présence portugaise à Azemmour furent suffisantes pour inculquer des rudiments d'urbanisme ordonné encore lisibles dans les tissus contemporains de la zone correspondante au château portugais, aujourd'hui le quartier Kasbah/Mellah.

Les premières impressions, en ce qui concerne la morphologie urbaine de ce quartier, révèlent de grandes agglomérations d'habitations tournées vers leurs patios. Il se peut que l'ancienne *Rua Direita* portugaise ait été l'un des deux canaux qui existent encore

d'Arruda e Francesco d'Arruda e eu asynados onde ham de ser. (...)», in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

60. [Payements aux gents de l'ordonnance est travailleurs de l'ouvrage de la vile et du château], 1514/1516 (ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 765, fls. 107, 117, 125v, 134, 154, 175, 197, 207), transcription de Rui Henriques, publiée au 2.º volume de cet ouvrage.

61. Lettre de Rui Barreto à D. Manuel I, Azemmour, le 21 février 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.

62. Francisco Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Lisbonne, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988, vol. II, pp. 294-295. Cf. Vergílio Correia, *Lugares Dalêm...* cit., p. 36.

63. Lettre de Simão Correia à D. Manuel I, Azemmour, le 3 octobre 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, n.º 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.



Fig. 29 – Planta do bairro Kasbah/Mellah da medina de Azamor: / Plan du quartier Kasbah/Mellah de la médina d’Azemmour :
1. Baluarte e Porta da Vila / Bastion et Porte du Village; 2. Porta da Ribeira / Porte riveraine; 3. Casa do Capitão / Capitainerie;
4. Terreiro / Place publique; 5. Mesquita, antiga Igreja / Mosquée, ancienne église; 6. Derb Touamia; 7. Derb Souika; 8. Derb Sidi Ben Abedallah; 9. Derb Kasbah; 10. Derb Mellah; 11. Provável localização dos equipamentos mercantis / Localisation probable des établissements commerciaux; 12. Rio Morbeia / Fleuve Oum er-Rbia.

segmento hoje descrito pelo *derb* Mellah, parte do *derb* Kasbah e *derb* Touamia assume-se como a principal espinha dorsal do sistema viário do bairro na actualidade. Por outro lado, uma observação mais atenta pode remeter para a actual *rue* Souika a herança da artéria portuguesa. Porém, quer um caso, quer outro, asseguram ainda as principais acessibilidades às ditas aglomerações centrais.

Tendo em conta séculos de reocupação islâmica após 1542, um exame atento de parcelas, cheios e vazios aponta indícios do urbanismo português estabelecido nos primeiros anos depois da conquista. Alguns canais sobrantes, entretanto interrompidos, bem como obstruções por construções oblongas, configuram traços de ruas desaparecidas. A limpeza de todos estes

aujourd’hui (fig. 30). D’une part, le segment décrit aujourd’hui par le *derb* Mellah, une partie du *derb* Kasbah et du *derb* Touamia s’assume comme la principale épine dorsale du système viarie du quartier actuel. D’autre part, une observation plus attentive peut renvoyer l’actuelle *rue* Souika à l’héritage de l’artère portugaise. Toutefois, quel que soit le cas, il assure également les principaux accès aux dites agglomérations centrales.

Compte tenu des nombreux siècles de réoccupation islamique après 1542, un examen attentif des parcelles, les pleins et les vides présentent des indices d’urbanisme portugais établis dans les premières années après la conquête. Certains canaux excédents, entretemps interrompus, ainsi que les obstructions par des constructions oblongues, configurent des



Fig. 30 – Planta do bairro Kasbah/Mellah com marcação da eventual Rua Direita. / Plan du quartier Kasbah/Mellah, avec l'indication de l'hypothétique *Rua Direita*: Hipótese 1 / Hypothèse 1: Derb Touamia, Derb Kasbah, Derb Mellah; Hipótese 2 / Hypothèse 2: Derb Souika.

obstáculos faz emergir um sistema de ruas que configurariam quarteirões tendencialmente rectangulares (fig. 31). Mais uma vez, ambas as hipóteses para o traçado da rua Direita concorrem para a ideia de uma disposição dos topos desses mesmos rectângulos no sentido da maior pendente, como que tentando domesticar uma topografia mais desafiante.

Corria o ano de 1516 quando se deu construção das primeiras casas, muito provavelmente concentradas entre os dois pólos da vila, reflecte o esforço edificativo que revertia para uma definição do traçado viário. Os dois quarteirões mais regulares e centrais, um que possuiria a igreja como topo e outro bordejado pelos actuais *derbs* Touamia and Sidi ben Abdallah, mostram propensão para medidas constantes de 30 braças para o lado maior e 10 para os topos. À medida que se desce para a ribeira, os módulos rectangulares tendem a ajustar-se à pendente do terreno enquanto

tracés de ruas qui ont disparu. Le nettoyage de tous ces obstacles fait émerger un système de rues qui configureraient des pâtés de maisons aux tendances rectangulaires (fig. 31). Une fois de plus, les deux hypothèses pour le tracé de la rue *Direita* convergent vers l'idée d'une disposition des sommets de ces rectangles dans le sens de la plus grande inclinaison, comme si elle essayait d'appivoiser une topographie plus provocatrice.

C'était l'année 1516, lorsqu'ont eu lieu les travaux de construction des premières maisons, très probablement concentrées entre les deux pôles de la ville et reflétant l'effort d'édification qui renvoyait à une définition du tracé viarie. Les deux pâtés de maisons plus réguliers et centraux, un ayant l'église au sommet et un autre étant bordé par les actuels *derbs* Touamia and Sidi ben Abdallah, montrent une propension pour des mesures constantes de 30 brasses vers le plus grand côté et de 10 vers les sommets. Au fur et



Fig. 31 – Planta do bairro Kasbah/Mellah com indicação dos quarteirões portugueses. / Plan du quartier Kasbah/Mellah avec l'indication des pâtés de maisons portugaises.

que quarteirões mais afastados deste centro favorecem geometrias menos rígidas, seguramente mais influenciadas pelo período árabe posterior.

Um inquérito à ancestralidade da paisagem construída comprova as diferenças de heranças urbanas entre o coração e a periferia do bairro Kasbah/Mellah, antiga recinto português. Apesar da renovação das arquiteturas residenciais, a área central ainda concentra os edifícios mais antigos, sintoma da sua renovação em primeiro lugar pela população árabe e judia a partir da segunda metade do século XVI. A marca urbana de origem portuguesa parece ainda condicionar a morfologia urbana do bairro.

Esta ideia parece ainda mais consistente quando se compara a antiga vila portuguesa com o resto da medina. Reconstruída algumas vezes, a medina estrutura-se através de uma rede viária hierárquica. De ruas principais até aos becos que conduzem a cada casa, a cultura urbana islâmica está muito mais relacionada

à mesure que l'on descend vers la rivière, les modules rectangulaires ont tendance à s'ajuster à l'inclinaison du terrain tandis que des pâtés de maisons plus éloignés de ce centre favorisent des géométries moins rigides, certainement plus influencées par la période arabe postérieure.

Une enquête à l'ancestralité du paysage bâti révèle des différences d'héritages urbains entre le cœur et la périphérie du quartier de la Kasbah/Mellah, l'ancienne enceinte portugaise. Malgré la rénovation des architectures résidentielles, la zone centrale concentre encore les bâtiments les plus anciens, un symptôme de sa rénovation en un premier lieu par la population arabe et juive à partir de la seconde moitié du XVI^e siècle. La marque urbaine d'origine portugaise semble encore conditionner la morphologie urbaine du quartier.

Cette idée semble encore plus consistante lorsqu'on compare la vieille ville portugaise au reste de la médina. Reconstituée à plusieurs reprises, la médina



Fig. 32 – Planta dos bairros Kasbah/Mellah e Medina de Azamor. / Plan des quartiers Kasbah/Mellah et de la Médina d’Azemmour.

com aspectos sociais de domesticidade e privacidade determinados por códigos muçulmanos que com questões geométricas de regularidade. A comparação com o actual bairro Kasbah/mellah, onde a subsequente ocupação judia ajudou a preservar este aspecto urbano, evidencia estas características (fig. 32).

A localização da judiaria, abrigo da importante comunidade negociante, não faltava ao projecto de Simão Correia. Se bem que o capitão lhe preferisse atribuir uma ou duas ruas no interior da vila, os moradores judeus optaram pela abertura «(...) de longo do muro da rybeyra duas ou três ruas, que fosem dyreytas há fortaleza, e que eles há sua custa se taypariam e se velariam, e temdo nesesydade que se recolheriam há fortaleza (...)»⁶⁴. A zona situar-se-ia abrigada pelos baluartes R e da Vila, junto ao muro meridional do castelo, correndo as ruas paralelas àquele para fuga pela Porta da Vila em caso de necessidade.

5.2 Equipamentos

5.2.1 Casa do Capitão

A Casa do Capitão é o único edifício de origem portuguesa com uma função que não a militar que se preserva. Por conseguinte, é também aquele em que uma maior expressividade é mais eloquente. À época e em termos urbanísticos, operava como uma centralidade no interior do castelo/vila, ajudando a conformar o espaço público adjacente, o terreiro da vila e ocupando o ponto de altitude máxima no interior do castelo. Solicitada a sua construção a D. Manuel I, o risco deve ter saído das mãos dos irmãos Arruda, bastante activos em Azamor no início de 1514⁶⁵, emprestando ao debuxo das casas a linguagem manuelina corrente (fig. 33).

Tal como na Casa do Governador de Arzila, o edifício organiza-se em duas alas que se articulam a 90° num «L». Trata-se de uma estrutura de dois pisos encostada ao limite fortificado da praça, no ângulo pontuado pelo baluarte de São Cristóvão. Eleva-se em superfícies lisas onde contrastam vãos decorados ou com recortes que marcam quer as fachadas voltadas para o terreiro, quer as abertas para o termo da praça, curiosamente. Denota-se o virtuosismo das molduras que espelham uma ideia estética própria do tempo,

64. *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

65. Cf. Carta de Rui Barreto a D. Manuel I, Azamor, 21 de Fevereiro de 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501: «(...) As casas do Capitam nom mandou Vossa alteza rrecado pêra sse fazerem; ainda que sse nam façam loguo, ssenam pera rrecolher no castelo cousas necessarias pêra sse comprir, sse deviam loguo fazer (...)».

est estruturée par un réseau viaire hiérarchique. Des rues principales jusqu'aux impasses qui conduisent à chaque maison, la culture urbaine islamique est davantage liée aux aspects sociaux de la vie domestique et de la vie privée déterminés par des codes musulmans qu'aux questions géométriques de régularité. La comparaison avec le quartier actuel de la Kasbah/Mellah, où l'occupation ultérieure juive a aidé à préserver cet aspect urbain, met en évidence ces caractéristiques (fig. 32).

L'emplacement de la juiverie, abri de l'importante communauté marchande, ne manquait pas au projet de Simon Correia. Néanmoins, le capitaine aurait préféré lui attribuer une ou deux rues à l'intérieur de la ville, les habitants juifs choisirent l'ouverture « [(...) tout au long du mur de la rivière, deux ou trois rues qui allaient directement à la forteresse, et qu'ils, à leurs dépens, protégeraient et veilleraient et, si nécessaire, ils se retireraient vers la forteresse (...)] »⁶⁴. La zone serait située en un lieu abrité par les bastions R et celui de la Vila, près du mur sud du château, les rues parallèles à celui-ci se dirigeaient vers la Porte da Vila, pour une éventuelle fuite en cas de nécessité.

5.2 Les équipements

5.2.1 La Casa do Capitão [Capitainerie]

La Casa do Capitão est le seul bâtiment d'origine portugaise qui a été préservé ayant eu une fonction autre que la fonction militaire. Par conséquent, c'est aussi celui dans lequel une plus grande expressivité est plus éloquente. À l'époque et en termes urbains, le bâtiment opérait comme une centralité à l'intérieur du château/ville, contribuant à façonner l'espace public adjacent, et la place publique de la ville et occupait le point d'altitude maximale à l'intérieur du château. Une fois sa construction sollicitée à D. Manuel I, le tracé a sûrement dû sortir des mains des frères Arruda, très actifs à Azemmour au début de l'année 1514⁶⁵ et qui ont apporté à l'ébauche des maisons le langage manuélin courant (fig. 33).

À l'instar de la maison du gouverneur d'Asilah, le bâtiment est organisé en deux ailes qui s'articulent à 90° en forme de L. Il s'agit d'une structure de deux étages appuyée contre la limite fortifiée de la place, l'angle étant ponctué par le bastion de São Cristóvão. Elle s'élève sur des surfaces lisses qui contrastent avec des travées décorées ou des coupes qui marquent, curieusement, soit les façades tournées vers la place publique, soit les ouvertures vers la limite de la place.

64. *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

65. Cf. Lettre de Rui Barreto à D. Manuel I, Azemmour, le 21 février 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, n.º 114), in *SIHM, Portugal*, vol. I, 489-501.



FIG. 33 – Ruínas da Casa do Capitão. / Ruines de la Capitainerie.

numa expressão que conjuga curvas e contracurvas e formas trilobadas em vãos de grande dimensão, parecendo pertencer a um outro programa claramente civil e nobre. No entanto, esta interpretação pode pecar por parcial. Repare-se como se molda ao percurso da muralha (ou vice-versa), examine-se a espessura das suas paredes ou prefigure-se a possibilidade de encarar tais aberturas como passíveis de receber armas-de-fogo em caso de apuro. Não se pode descurar o possível uso de postigos que permitissem encerrar cada janela quando assim se pretendesse, como em outros exemplos ligeiramente anteriores⁶⁶, ou mesmo noutras estruturas em Azamor. Serviriam sempre para visualização do campo envolvente, vigiando ao mesmo tempo que abrigava o espaço residencial. Só assim se podem compreender os ditos vãos da fachada poente, voltada para o exterior (curiosamente alinhados com um dos níveis de fogo do baluarte anexo). A sua escala e ausência de protecção directa podem ser explicadas pela confiança depositada na grande capacidade defensiva através do fogo disparado por São Cristóvão. A sensação transmitida era a de que quem habitava aquele espaço não temia um assalto inimigo. Esta fachada exterior aparece quase como substituta do papel simbólico de uma Torre de Menagem, inexistente em Azamor. De facto, devido a este aspecto, esta ala poente da Casa do

66. Falamos do caso da torre de São Sebastião da Caparica, onde também parece haver alguma promiscuidade entre o programa civil e militar, entre a residência e a atalaia, como sugere o autor Pedro Cid. A utilização de postigos permitiria diminuir a área exposta do interior e defender com a utilização de armas de um porte menor (*A Torre de São Sebastião...* cit., p. 222).

La virtuosité des cadres qui reflètent une idée esthétique propre de l'époque se révèle en une expression qui combine courbes et contre-courbes et formes trilobées dans les travées de grandes dimensions, semblant appartenir à un autre programme clairement civil et noble. Cependant, cette interprétation peut pécher par sa partialité. Remarquons comment elle épouse le parcours de la muraille (ou vice versa), examinons l'épaisseur de ses murs ou entrevoyons la possibilité d'envisager de telles ouvertures comme susceptibles de recevoir des armes à feu en cas de difficultés. Nous ne pouvons pas ignorer l'éventuelle utilisation de volets pour fermer chaque fenêtre lorsque cela s'avérait nécessaire, comme dans d'autres exemples un peu antérieurs⁶⁶, voire dans d'autres structures à Azemmour. Ils pourraient toujours servir à visualiser le terrain environnant, surveillant en même temps qu'ils abritaient l'espace résidentiel. Seulement de cette façon, nous pouvons comprendre lesdites travées de la façade ouest tournée vers l'extérieur (curieusement alignées avec l'un des niveaux de feu du bastion annexe). Son échelle et l'absence de protection directe peuvent s'expliquer par la confiance déposée en la grande capacité défensive à travers le feu tiré par *São Cristóvão*. Le sentiment transmis était que ceux qui habitaient cet espace ne craignaient pas un assaut ennemi. Cette façade extérieure apparaît presque comme pour remplacer le rôle symbo-

66. Nous parlons du cas de la tour de *São Sebastião de Caparica*, où il semble y avoir également une certaine promiscuité entre le programme civil et militaire, entre la résidence et l'échauguette, comme le suggère Pedro Cid. L'utilisation des volets permettrait de diminuer le secteur exposé de l'intérieur et de défendre en utilisant des armes plus légères (*A Torre de São Sebastião...* cit., pp. 222).

Capitão adquiria um estatuto público mais relevante, reforçado por ali se situar o janelão de comunicação das decisões régias por parte do capitão da praça à guarnição e moradores reunidos no terreiro.

Na actualidade, a Casa do Capitão vê-se envolvida por várias dependências com elementos que fazem sugerir locais de culto islâmico, o que acontece também no interior do piso térreo. Permanecem por esclarecer os espaços de dependências – armazéns, paióis – que naturalmente apoiariam a Casa, bem como um eventual aproveitamento de estruturas herdadas pelos portugueses.

Porém, um estudo atento da geometria parecem indicar uma construção de raiz (fig. 34). O seu desenho denota uma grande racionalidade e pragmatismo construtivo, através de uma trama estrutural na construção das suas «paredes mestras». Para lá das imprecisões habituais em estaleiros da época, a Casa do Capitão inscreve-se numa malha de 4,4 m x 7,7 m (4 x 7 varas ou 20 x 35 palmos) que determina o espaço interno dos salões nobres do andar acessível por escadório exterior. É também no piso superior que se

lique d'un donjon, inexistant à Azemmour. En effet, en raison de cet aspect, cette aile ouest de la *Casa do Capitão* acquérait un statut public plus important, renforcé par la présence de la grande fenêtre destinée à la communication des décisions royales par le capitaine de la place forte à la garnison et aux habitants réunis sur la place publique.

À l'heure actuelle, la *Casa do Capitão* est entourée de diverses parties annexes avec des éléments qui indiquent des lieux de culte islamiques, ce qui arrive également à l'intérieur du rez-de-chaussée. Il reste encore à clarifier les espaces des parties annexes – les entrepôts, les poudrières qui tout naturellement auraient appuyé la *Casa*, ainsi qu'une éventuelle exploitation des structures héritées par les Portugais. Cependant, une étude attentive de la géométrie semble indiquer l'hypothèse d'une construction toute neuve (fig. 34). Son dessin dénote une grande rationalité et un grand pragmatisme constructif, à travers une trame structurale dans la construction de ses « murs maîtres ». Au-delà des inexactitudes habituelles dans les chantiers de l'époque, la *Casa do Capitão* s'inscrit dans une maille de 4,4 m x 7,7 m (4 x 7 varas ou 20 x 35

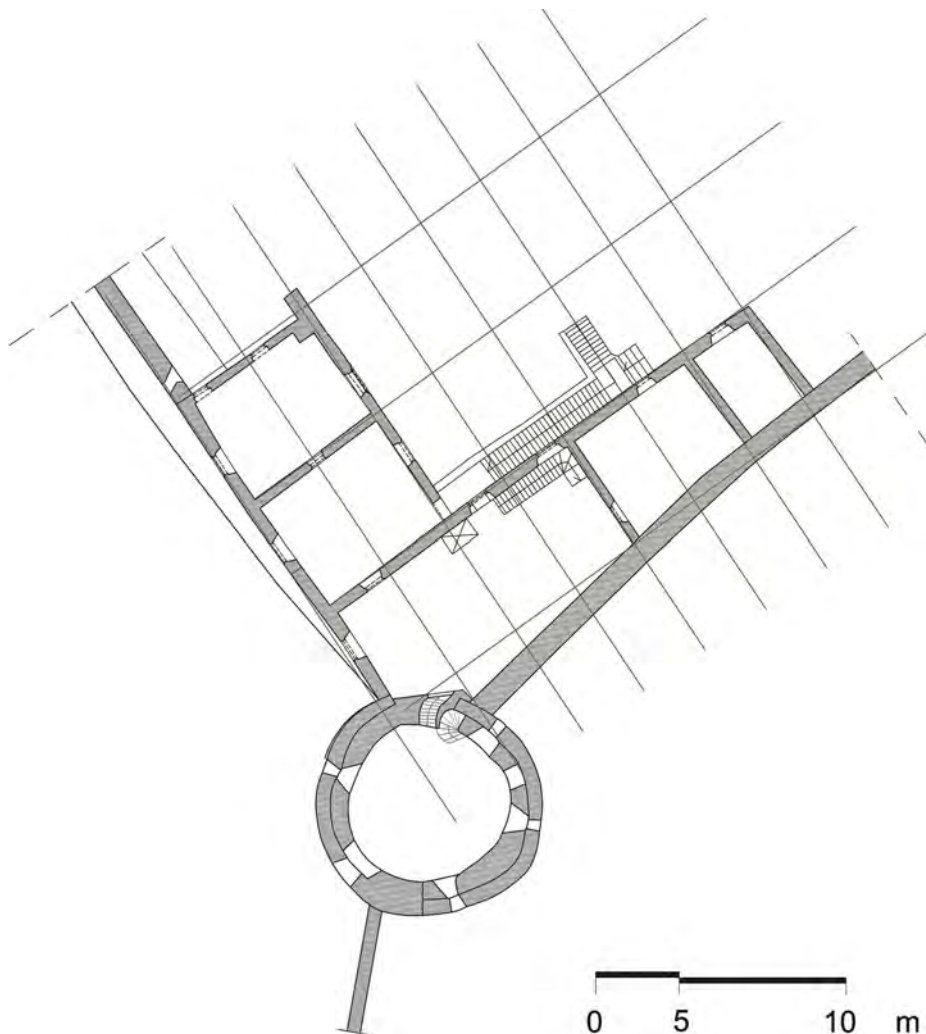


FIG. 34 – Levantamento actual e modelação da Casa do Capitão. / Relevé actuel et modélisation de la Capitainerie.

localizariam os espaços habitáveis da casa, tal como os acessos ao caminho de ronda, prolongamentos naturais das duas alas do edifício, e ao baluarte de São Cristóvão. A colocação de vãos interiores para transição entre os ditos salões é feita em sequência alinhada. A reconstituição do piso térreo parece impossível devido às alterações islâmicas posteriores, que o transformaram em local de culto.

5.2.2 Equipamentos mercantis

O segundo importante pólo de equipamentos públicos da vila portuguesa estava localizado na articulação da Porta da Ribeira com o arranque da rua Direita. Às obras nas casas da alfândega e feitoria, que decorriam desde 1514, juntaram-se os trabalhos na Casa dos Contos passados dois anos. Os edifícios da alfândega e dos contos contariam com piso térreo e sobrado enquanto a feitoria se serviria do rés-do-chão das mesmas⁶⁷. A importância mercantil desta praça portuguesa na foz do Morbeia sublinhou-se através do *Regimento para allfamdega da cydade dezamor*, datado de 1518, que provocou a troca de andar entre alfândega e feitoria⁶⁸.

5.2.3 Arquitectura religiosa

A igreja matriz assumia-se como templo cristão mais importante da vila. Diversas vezes surge indicada como sé, mas não passava de uma colegiada na diocese de Safim⁶⁹. Era composta por três naves⁷⁰, que em boa medida aproveitavam a disposição interna, muito provavelmente tripartida, da mesquita apropriada, tal como o minarete aproveitado para campanário (fig. 35). Com o crescimento do tecido construído foram-se estabelecendo outras instituições religiosas na vila nova, cuja escassez de referências impede um conhecimento mais aprofundado ou mesmo a sua localização. A misericórdia existiria numas casas próximas da igreja desde quase os primeiros tempos da

67. Carta de António Leite a D. Manuel, Azamor, 27 de Julho de 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-97), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 575-586.

68. «Regimento para allfamdega da cydade dezamor», Lisboa, 19 de Fevereiro de 1518 (ANTT, *Leis e Regimentos de D. Manuel*, fls. 42-42v), in Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., pp. 149-150.

69. Robert Ricard, «Ibero-Africana. I. L'église portugaise d'Azemmour», *Hespéris*, vol. XXXIII (1946), p. 157.

70. Ordem de António Leite, Azamor, 12 de Abril de 1541 (ANTT, *Corpo Cronológico*, II-234-131), in *SIHM, Portugal*, vol. III, pp. 384-385.

empans) qui détermine l'espace intérieur des salons nobles de l'étage qui est accessible par un escalier extérieur. Les espaces habitables de la maison se situeraient également à l'étage supérieur ainsi que les accès au chemin de ronde, des prolongements naturels des deux ailes du bâtiment, et au bastion de *São Cristóvão*. Le placement de travées intérieures pour les transitions entre ces salons est fait en une séquence alignée. La reconstitution du rez-de-chaussée semble impossible en raison de modifications islamiques ultérieures qui l'ont transformé en un lieu de culte.

5.2.2 Les équipements marchands

Le deuxième pôle d'équipements publics de la ville portugaise le plus important se trouvait dans l'articulation de la *Porta da Ribeira* avec le départ de la *Rua Direita*. Aux travaux dans les maisons de la douane et de la factorerie, qui avaient commencé depuis 1514, sont venus s'ajouter, deux ans plus tard, les travaux dans la *Casa dos Contos* [Maison *dos Contos*]. Les bâtiments de la douane et des comptes disposeraient d'un étage au niveau du sol et d'un premier étage tandis que la factorerie utilisait le rez-de-chaussée de ceux-ci⁶⁷. L'importance mercantile de cette place portugaise à l'embouchure de l'Oum er-Rbia fut soulignée par le règlement de la douane de la ville, daté de 1518, qui provoqua l'échange d'étage entre la douane et la factorerie⁶⁸.

5.2.3 L'architecture religieuse

L'église matrice apparaissait comme le temple chrétien le plus important de la ville. Elle est à plusieurs reprises mentionnée en tant que cathédrale, mais elle n'était qu'une église collégiale dans le diocèse de Safim⁶⁹. Elle était composée de trois nefs⁷⁰ qui dans une large mesure profitaient de la disposition intérieure, très probablement tripartite, de la mosquée adaptée, comme le minaret qui fut utilisé comme clocher (fig. 35). Avec l'accroissement du tissu construit, d'autres institutions religieuses s'installèrent peu à peu dans la ville nouvelle, dont le manque de références nous empêche d'en savoir davantage sur celles-ci, voire sur leur emplacement. La Miséricorde

67. Lettre d'António Leite à D. Manuel, Azemmour, le 27 juillet 1514 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-15-97), in *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 575-586.

68. [«Règlement pour la douane de la vile d'Azemmour»], 19 février 1518 (ANTT, *Leis e Regimentos de D. Manuel*, fls. 42-42v), in Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., pp. 149-150.

69. Robert Ricard, «Ibero-Africana. I. L'église portugaise d'Azemmour», *Hespéris*, vol. XXXIII (1946), p. 157.

70. Ordre d'António Leite, Azemmour, le 12 avril 1541 (ANTT, *Corpo Cronológico*, II-234-131), in *SIHM, Portugal*, vol. III, pp. 384-385.



Fig. 35 – Mesquita do bairro Kasbah/Mellah, antiga igreja portuguesa. / Mosquée du quartier Kasbah/Mellah, ancienne église portugaise.

presença portuguesa⁷¹, contribuindo para a definição do terreiro enquanto principal espaço público congregante de equipamentos de poder religioso e civil. Posta de parte a instalação de três conventos intra-muros devido à míngua de casas disponíveis, apesar de tudo regista-se um panorama no final da presença portuguesa. Para além da existência de um convento franciscano, a casa de Nossa Senhora da Graça convertia-se em mosteiro já em 1540⁷². O mestre das obras que comandara estas últimas empreitadas na vila terá sido Jorge Dias, transferido para Mazagão após o abandono de Azamor⁷³. Aliás, este mestre surge na cidade desde 1528⁷⁴, pelo menos, emergindo

71. Carta dos doze eleitos pelo povo de Azamor a D. Manuel I, Azamor, 12 de Agosto de 1517 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-22-58), in Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., pp. 145-147.

72. Carta dos cavaleiros fidalgos e moradores de Azamor a D. João III, Azamor, 20 Março de 1540 (ANTT, *Carta dos Governadores de África*, nº 88), in SIHM, *Portugal*, vol. III, pp. 241-242. O convento franciscano fôra dos agostinhos logo após a tomada, instalado em mesquita próxima da alcáçova, cf. carta de Rui Barreto a D. Manuel I, Azamor, 21 de Fevereiro de 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, nº 114), in SIHM, *Portugal*, vol. I, p. 498). Santo Agostinho era identificado com *Sidi Bel 'Abbas es-Sebti*, patrono de Marrocos, e como tal, considerado natural da terra.

73. Francisco Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental...* cit., vol. I, pp. 278-279.

74. Pagamento aos trabalhadores das obras, 1528, ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 770, transcrição de Rui Henriques, publicada no 2.º volume desta obra.

aurait existé dans l'une des maisons proches de l'église pratiquement dès les débuts de la présence portugaise⁷¹, contribuant ainsi à la définition de la place publique comme le principal espace public de rassemblement des équipements du pouvoir religieux et civil.

Mise à part l'installation de trois couvents intra-muros en raison des rares maisons disponibles, on enregistre malgré tout un panorama à la fin de la présence portugaise. Outre l'existence d'un couvent franciscain, la maison de *Nossa Senhora da Graça* [Notre Dame de la Grâce] s'était déjà convertie en monastère en 1540⁷². Le maître d'œuvre qui avait commandé ces derniers travaux dans la ville aurait semble-t-il été Jorge Dias, transféré à Mazagan après l'abandon d'Azemmour⁷³.

71. Lettre des 12 élus par le peuple d'Azemmour à D. Manuel I, Azemmour, le 12 août 1517 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-22-58), in Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor»... cit., pp. 145-147.

72. Lettre des cavaliers nobles et habitants d'Azemmour à D. João III, Azemmour, le 20 mars 1540 (ANTT, *Carta dos Governadores de África*, nº 88), in SIHM, *Portugal*, vol. III, pp. 241-242. Le couvent franciscain avait appartenu aux Augustins juste après le siège, est était installé dans une mosquée près de la forteresse, cf. lettre de Rui Barreto à D. Manuel I, Azemmour, le 21 février 1514 (ANTT, *Cartas dos Governadores*, nº 114), in SIHM, *Portugal*, vol. I, p. 498). Santo Agostinho était identifié à *Sidi Bel 'Abbas es-Sebti*, patron du Maroc, et donc considéré comme étant né sur cette terre.

73. Francisco Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental...* cit., vol. I, pp. 278-279

como uma das figuras do seu panorama urbano-constructivo de maior longevidade, mesmo que acompanhando uma fase mais tranquilo e até de declínio da instalação portuguesa.

5.3 A vila velha

«(...) e a cydade velha derribada e cham e feito nela muytas vynhas e pumares e ortas, (...) e soo a torre da igreja, que esta no meo mays alta de todas, fycase pera hũa atalaya estar contynoa sobre a cydade e ortas, (...)»⁷⁵.

A menção à vila velha nesta carta de 1517 alude, com toda a clareza, à outra dimensão do atalho: o arrasamento das porções de cidade islâmica conquistada mas excluídas do sector seleccionado para instalação dos portugueses. Azamor, a última grande conquista portuguesa no Magrebe, é mais um caso que evidencia a conquista de uma superfície grande demais para garantir a sua sustentabilidade. Enquanto os trabalhos do atalho haviam sido dados como terminados em 1520, pelo governador de então, D. Álvaro de Noronha⁷⁶, o arrasamento da vila velha tinha sido dado concluído um ano antes pelo mesmo. A porção de cidade excluída pelo atalho constituía uma ameaça ao castelo, uma vez que nas suas casas ou ruas se poderiam preparar ataques ao reduto português⁷⁷. Mas nesta cidade reside uma das excepções nas intervenções de atalho efectuadas pelos portugueses nas ocupações da costa magrebina. As muralhas pré-existentes foram, curiosamente, preservadas, tal como muros de uma quinta, funcionando como uma grande barbacã, muito embora as respectivas torres fossem desactivadas e as portas barradas (fig. 36). A única excepção correspondeu à Porta do Combate, que veio a merecer uma intervenção, exibindo arquivolta de meio ponto e ombreiras chanfradas, tão ao gosto português da época. Passaria a funcionar como a principal saída para o campo e termo de Azamor e constitui, ainda hoje, um dos principais acessos à medina intramuros, denominando-se de *Bab Medina*. Toda a restante área da vila velha seria preparada para a produção de vinho, fruta e produtos hortícolas. No seu

75. Carta de Simão Correia a D. Manuel I, Azamor, 3 de Outubro de 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, nº 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

76. Carta de D. Álvaro de Noronha a D. Manuel I, Azamor, 18 de Abril de 1520 (ANTT, *Carta dos Governadores de África*, nº 45), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 273-274.

77. Carta de D. Álvaro de Noronha a D. Manuel I, Azamor, 18 de Maio de 1519 (ANTT, *Carta dos Governadores de África*, nº 299), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 240-242.

D’ailleurs, ce maître apparaît dans la ville dès 1528⁷⁴, émergeant, tout du moins, comme l’une des figures de son panorama urbain et constructif avec la plus grande longévité, même s’il accompagne une phase plus calme et même de déclin de l’installation portugaise.

5.3 La vieille ville

« [(...) et la vieille ville brisée et aplatie en s’y faisant de nombreux vignobles et vergers et potagers, (...) et seulement la tour de l’église, la plus haute de toutes au milieu, perdurait pour qu’une tour de guet soit continuellement au-dessus de la ville et des potagers (...)] »⁷⁵. La mention à la vieille ville dans cette lettre de 1517 évoque très clairement l’autre dimension de l’*atalho*: le rasement des portions de ville islamique conquise, mais exclues du secteur sélectionné pour l’installation des Portugais. Azemmour, la dernière grande conquête portugaise au Maghreb, est un autre cas qui met en évidence la conquête d’un espace trop grand pour permettre d’en assurer sa durabilité. Alors que les travaux de l’*atalho* avaient été considérés comme achevés en 1520, par le gouverneur d’alors, D. Alvaro de Noronha⁷⁶, le rasement de la vieille ville avait été déclaré comme achevé un an plus tôt par ce dernier. La portion de ville exclue par l’*atalho* constituait une menace pour le château, étant donné que dans ses maisons ou ses rues on pourrait y orchestrer des attaques contre la redoute portugaise⁷⁷. Mais cette ville est l’une des exceptions des interventions de l’*atalho* effectuées par les Portugais lors des occupations de la côte du Maghreb. Les murailles pré-existantes furent curieusement préservées, ainsi que les murs d’une ferme fonctionnant comme une grande barbacane, bien que les tours respectives aient été désactivées et les portes condamnées (fig. 36). La seule exception fut la *Porta do Combate*, qui a nécessité une intervention, affichant une arquivolta de demi-point et des jambages chanfreinés bien au goût de l’époque portugaise. Elle fonctionnerait désormais comme la principale sortie vers la campagne et les limites d’Azemmour et constitue, encore aujourd’hui, l’un des principaux accès à la médina intra-muros, se dénommant *Bab médina*. Tout le reste du secteur de la vieille ville serait pré-

74. Payements aux travailleurs de l’ouvrage, 1528, ANTT, *Núcleo Antigo*, cód. 770, transcription de Rui Henriques, publiée au 2^e volume de cet ouvrage.

75. Lettre de Simão Correia à D. Manuel I, Azemmour, le 3 octobre 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, nº 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

76. Lettre de D. Álvaro de Noronha à D. Manuel I, Azemmour, le 18 avril 1520 (ANTT, *Carta dos Governadores de África*, nº 45), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 273-274.

77. Lettre de D. Álvaro de Noronha à D. Manuel I, Azemmour, le 18 mai 1519 (ANTT, *Carta dos Governadores de África*, nº 299), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 240-242.

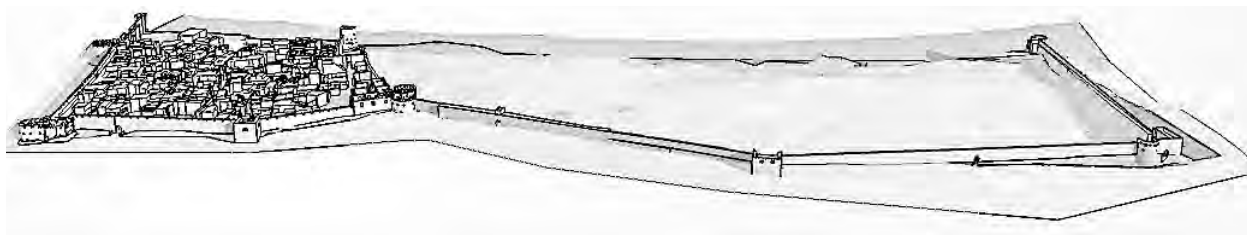


FIG. 36 – Modelo 3D com indicação da mancha construída da vila nova portuguesa e mancha vazia da vila velha. / Modèle 3D avec l'indication de la surface construite de la ville nouvelle portugaise et de la surface vide de la vieille ville.

centro geométrico, o antigo minarete foi poupado e transformado em atalaia de vigia⁷⁸.

Correspondendo a então vila velha do tempo português ao actual bairro da Medina de Azamor, torna-se particularmente evidente a centralidade que ocupa a mesquita localizada na intersecção de linhas virtuais traçadas entre as extremidades do contorno amuralhado da dita vila velha. Mesmo que estas considerações sobre uma eventual geometria planeada da cidade pré-portuguesa mereçam cautela na sua apreciação, não deixam de remeter o espaço que os portugueses tomaram em 1513 para um ordenamento em que a imposição do atalho parece lógica face à colocação dos elementos nodais da muralha islâmica.

Não deixam de ser curiosas as relações estabelecidas pelo modo como a obra dos Arrudas se articulou com a muralha da cidade que encontraram. Analisando a totalidade dos limites estabelecidos pelas muralhas, em que predomina a rectilinearidade, ressaltam duas inflexões a poente: uma onde se veio a localizar a praça portuguesa e outra semelhante no lado da actual medina, então vila velha. Os ângulos constituídos são de valor similar (155° e 154°, respectivamente), ainda que ligeiramente rodados um em relação ao outro (fig. 37).

De um modo geral, a ocupação parece seguir uma lógica baseada na apropriação das torres herdadas. A existência de torres quadrangulares, pontuando em grande número toda a linha defensiva de Azamor, faz parte do ideário visual que existe da cidade, como mencionado atrás. A observação das estruturas ainda existentes remete para uma ordenação de três escalas de construção. As torres de maior dimensão encontravam-se todas implantadas na frente amuralhada voltada para terra; as de menor dimensão pontuam a frente de rio; em pontos médios inserem-se as restantes. A implantação dos baluartes portugueses parece basear-se consistentemente nas fundações militares já predefinidas na cidade herdada. Existiriam, provavelmente, outras torres islâmicas que foram

paré pour la production de vin, de fruits et de produits horticoles. Dans son centre géométrique, l'ancien minaret fut épargné et transformé en tour de guet⁷⁸. Si l'on considère que l'alors vieille ville de l'époque portugaise correspond à l'actuel quartier de la médina d'Azemmour, la centralité qu'occupe la mosquée située à l'intersection de lignes virtuelles tracées entre les extrémités du contour fortifié de ladite vieille ville devient particulièrement évidente. Bien que ces considérations, au sujet d'une éventuelle géométrie planifiée de la ville préportugaise, doivent être mûrement pesées, elles n'empêchent pas de renvoyer l'espace que les Portugais ont pris en 1513 à un aménagement où l'imposition de l'atalho semble logique par rapport à l'emplacement des éléments nodaux de la muraille islamique.

Les relations établies entre la façon dont l'ouvrage des frères Arruda s'est articulé avec la muraille de la ville qu'ils ont rencontrée sont assez curieuses. Si l'on analyse l'ensemble des limites établies par les murailles, où prédomine la rectilinearité, deux inflexions ressortent à l'ouest: une où l'on installera la place portugaise et une autre similaire à côté de l'actuelle médina, l'alors vieille ville. Les angles formés ont une valeur similaire (155° et 154°, respectivement) bien qu'ils soient légèrement tournés l'un vers l'autre (fig. 37). D'une manière générale, l'occupation semble suivre une logique basée sur l'appropriation des tours héritées. L'existence de tours quadrangulaires, ponctuant en grand nombre toute la ligne défensive d'Azemmour, fait partie de l'ensemble des idées visuelles qui existent de la ville, comme mentionné ci-dessus. L'observation des structures encore existantes renvoie à une disposition de trois échelles de construction. Les plus grandes tours étaient toutes déployées sur le front fortifié tourné vers la terre; les plus petites ponctuaient le front du fleuve; les autres s'inséraient dans les points intermédiaires. L'implantation des bastions portugais semble être basée uniformément sur les fondations militaires déjà prédéfinies dans la ville héritée. Il existerait probablement d'autres tours isla-

78. Cf. carta de Simão Correia a D. Manuel I, Azamor, 3 de Outubro de 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, n.º 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

78. Cf. lettre de Simão Correia à D. Manuel I, Azemmour, le 3 octobre 1516 (ANTT, Gaveta XV, maço 21, n.º 24), in *SIHM, Portugal*, vol. II, pp. 37-40.

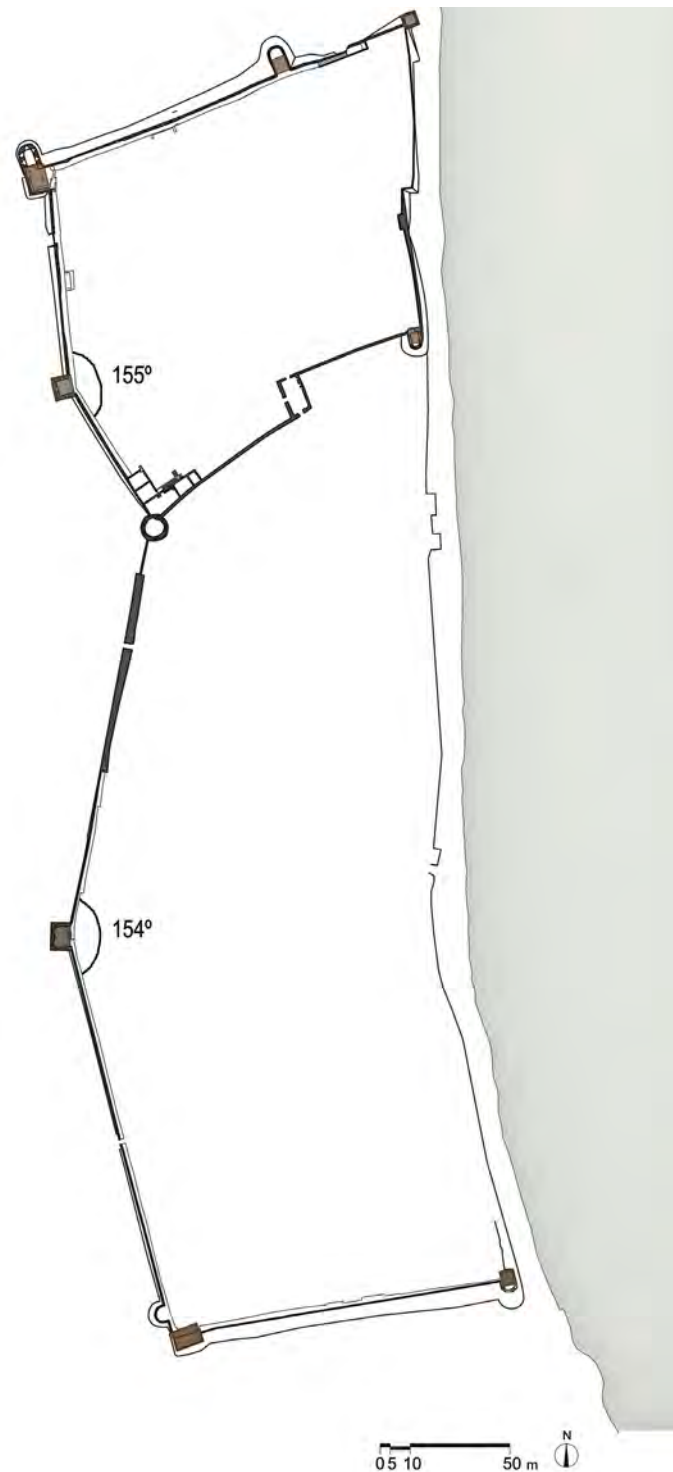


Fig.37 – Planta com sobreposição das obras portuguesas às torres quadrangulares da muralha islâmica preexistente. / Plan avec la superposition des travaux portugais aux tours quadrangulaires de la muraille islamique préexistante.

opcionalmente deixadas de lado, destruídas até. As que subsistiram, reforçadas ou reconstruídas, terão sido produto de uma selecção criteriosa para que os militares ou mestres da praça a sentissem segura e sustentável. Assim são os casos do baluarte do Raio, alongado e rematado em forma semicircular que se justapôs à torre quadrangular islâmica, ou ainda os baluartes localizados a meio da muralha norte ou no remate do muro do atalho, junto ao rio.

miques qui ont été optionnellement laissées de côté, voire détruites. Celles qui ont survécu, renforcées ou reconstruites, auront fait l'objet d'une sélection rigoureuse afin que les militaires ou les maîtres de la place la sentent sûre et durable. C'est le cas du bastion *do Raio*, allongé et terminé en forme semi-circulaire, qui s'est juxtaposé à la tour quadrangulaire islamique ou encore le cas des bastions situés au milieu de la muraille nord ou dans la finition du mur de *l'atalho*, près du fleuve.

6. O simbolismo de uma ocupação física

Para lá das inovações tecnológicas e militares, a presença portuguesa em Azamor afirmou-se através de uma retórica simbólica que muitas vezes ultrapassava a própria acção da ocupação política. Não só a mesquita se consagrava em igreja, mas todo espaço urbano divergia agora para um ambiente construído mais identificável com a metrópole. Relembre-se que esta era uma vila de portugueses para portugueses e cristãos, apesar deste poder e desta fé se circunscreverem aos limites da própria muralha.

É neste ambiente de latente, muitas vezes permanente, hostilidade que o monarca português se exibia para o termo da praça através de baluartes decorados por bandeiras onde figuravam as armas reais e a cruz de Cristo. Esta visão festiva de bandeiras esvoaçantes no topo da barreira fortificada confirmava, enfatizava e reclamava para a Coroa portuguesa as suas reivindicações e direitos cristãos sobre territórios conquistados para lá do Mediterrâneo (fig. 38).

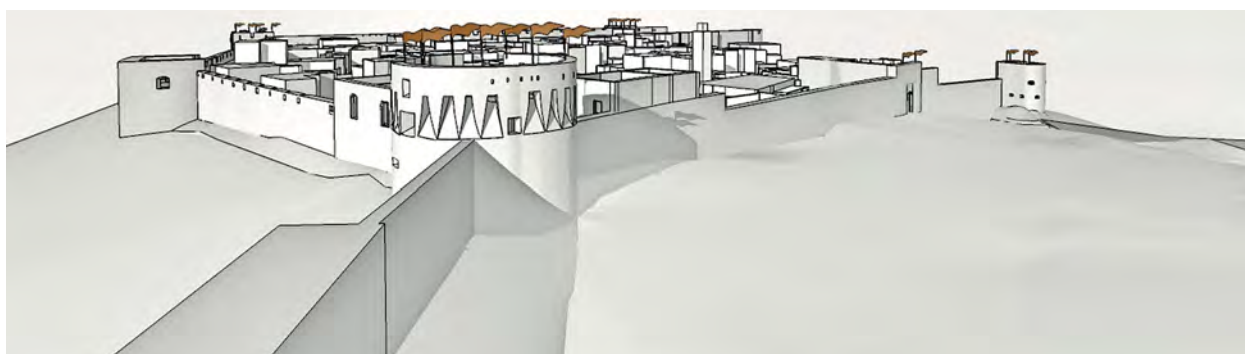


Fig. 38 – Imagem do castelo português com bandeiras desde o Baluarte de São Cristóvão. / Image du château portugais avec des drapeaux, vu depuis le Bastion de *São Cristóvão*.

No interior dos baluartes de São Cristóvão e do Raio existem ainda vestígios de pequenas esculturas com decoração manuelina (incluindo encordoados ou elementos torsos e meias esferas) que, se analisadas em conjunto quanto à sua localização, dão a entender uma distribuição contínua e ritmada de bandeiras alusivas às armas do rei ou à cristandade⁷⁹. Seriam suportes ou anilhas de apoio a bandeiras. Existem também elementos do mesmo tipo, pelo exterior a ladear os vãos maiores, com outra forma semelhante às do exterior da Porta da Vila. Nesta lógica entra o exibicionismo da Casa do Capitão na fachada, de recorte e decoração manuelina, que se abre para o exterior do castelo, como visto atrás. Os próprios

79. Rafael Moreira refere documentação acerca das pinturas que Lourenço Fernandes fazia para Azamor, em 1517, de 8 bandeiras com as armas, 32 com cruzes de Cristo e 105 para as estâncias, «fazendo do adarve um conjunto de cores diversas e desafadoras» («A época manuelina»... cit., p. 132).

6. Le symbolisme d'une occupation physique

Au-delà des innovations technologiques et militaires, la présence portugaise à Azemmour s'est affirmée à travers une rhétorique symbolique qui dépasse bien souvent l'action elle-même de l'occupation politique. Non seulement la mosquée se convertissait en église, mais tout l'espace urbain divergeait maintenant vers un environnement bâti plus identifiable à la métropole. Rappelons qu'il s'agissait d'une ville de Portugais pour des Portugais et des chrétiens, bien que ce pouvoir et cette foi soient délimités par la propre muraille. C'est dans ce contexte d'hostilité latente, souvent permanente, que le monarque portugais s'affichait dans les limites de la place à travers des bastions décorés de bannières où figuraient les armoiries royales et la Croix du Christ. Cette vision festive de bannières flottant au sommet de la barrière fortifiée confirmait, soulignait et réclamait pour la Couronne portugaise, ses revendications et les droits des chrétiens sur les territoires conquis au-delà de la Méditerranée (fig. 38).

À l'intérieur des bastions de *São Cristóvão* et *do Raio*, il existe encore des vestiges de petites sculptures au décor manuelin (y compris des cordes ou des éléments torsadés et des demi-sphères) qui, lorsqu'elles sont analysées par rapport à leur emplacement suggèrent une distribution continue et rythmée de bannières allusives aux armes du roi ou à la chrétienté⁷⁹. Il s'agirait de supports ou d'anneaux destinés au placement de bannières. D'autres éléments du même type apparaissent du côté extérieur sur les côtés des plus grandes travées, avec une autre forme semblable à celles de l'extérieur de la *Porta da Vila*. L'exhibitionnisme de la façade de la *Casa do Capitão* s'inscrit dans cette logique, par sa découpe et son

79. Rafael Moreira fait référence à une documentation, à propos des tableaux que Lourenço Fernandes a faits pour Azemmour, en 1517, de 8 drapeaux avec les armes, 32 avec des croix du Christ et 105 pour les résidences, 'faisant de l'espace supérieur de la muraille (*adarve*) un ensemble aux couleurs provocatrices' («A época manuelina»... cit., p. 132).

nomes dos baluartes onde se verifica a existência deste aparato – São Cristóvão⁸⁰ e Raio – são sintomáticos.

O efeito de conjunto no inimigo ou sitiante seria tremendamente aterrorizador. Pode imaginar-se os efeitos psicológicos resultantes da visualização de tamanha ostentação em conjugação com a demonstração do poder da artilheira. Um tiro de bombarda poderia ser lançado sem alvo específico, apenas para fazer ressoar o poder das armas, participando numa acção temerária que garantia o envio de uma mensagem de permanente estado de defesa. Efectivamente, de um ponto de vista estritamente funcional, as plataformas radiais de tiro eram suficientes para o controlo do campo envolvente. Por conseguinte, a articulação do coroamento por sacadas com a decoração por bandeiras revelam a mensagem simbólica que os portugueses enviavam para o exterior dos muros de Azamor (fig. 39).

décor de style manuélin qui s'ouvre vers l'extérieur du château, comme nous l'avons vu plus haut. Les noms mêmes des bastions où l'on constate la présence de cet appareil – *São Cristóvão*⁸⁰ et *Raio* – sont symptomatiques.

L'effet d'ensemble sur l'ennemi ou l'assiégeant serait extrêmement terrifiant. On peut imaginer les effets psychologiques résultant de la visualisation d'une telle ostentation en conjonction avec une démonstration de puissance de feu. La bombarde pouvait tirer sans cible précise, juste pour faire retentir la puissance des armes, en participant à une action téméraire qui garantissait l'envoi d'un message d'un état défensif permanent. En fait, d'un point de vue strictement fonctionnel, les plates-formes de tir radiales étaient suffisantes pour le contrôle de la campagne environnante. Par conséquent, l'articulation du couronnement avec des balcons décorés de bannières révèle le message symbolique que les Portugais envoyaient à l'extérieur des murs d'Azemmour (fig. 39).

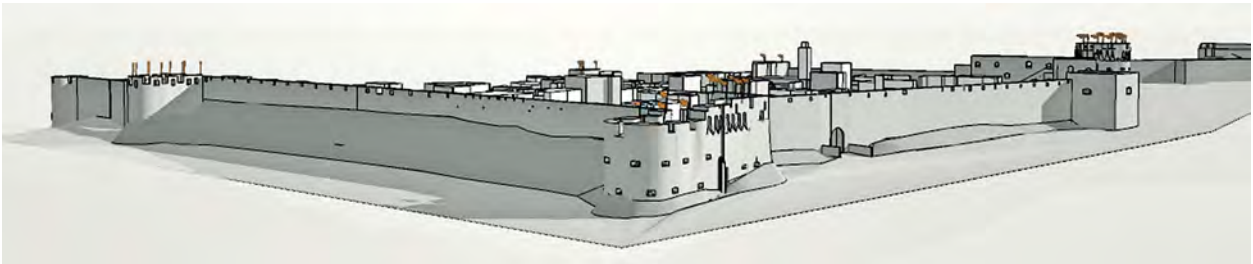


Fig.39 – Imagem do castelo português com bandeiras desde o Baluarte do Raio. / Image du château portugais avec des drapeaux, vu depuis le Bastion du *Raio*.

80. O seu nome poderá estar directamente ligado à simbologia do saber popular sobre este santo: gigante protector dos viajantes – quem fosse olhado por São Cristóvão estaria protegido, pois ele o levaria para o Céu, tornando-se o santo dos que fazem travessias pelo mundo.

80. Son nom peut être directement lié à la symbolologie de la connaissance populaire au sujet de ce saint : géant protecteur des voyageurs – celui qui serait regardé par *Saint Cristóvão* serait protégé, puisqu'il le prendrait au ciel, devenant le saint de ceux qui parcouraient le monde.